

História e Organização do Povo

Huni Kuĩ

do Alto Rio Purus



CPI/AC - OPIAC
2013

História e Organização dos Huni Kuĩ do Alto Rio Purus



Presidência da República
Ministério da Educação
Secretaria Executiva
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Diretoria de Políticas para Educação do Campo e Diversidade
Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena

Universidade Federal de Minas Gerais
Reitor: Clélio Campolina Diniz
Vice-Reitora: Rocksane de Carvalho Norton
Faculdade de Letras
Diretor: Luiz Francisco Dias
Vice-Diretora: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet
Núcleo Transdisciplinar de Pesquisas Literaterras
Coordenadora: Maria Inês de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

História e organização dos Huni Kuĩ do Alto Purus / organização
Maria Luiza Pinedo Ochoa, Ingrid Weber / Rio Branco: CPI/AC, 2013.

168 p.: Il. col.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-64018-02-0

1. Índios da América do Sul - Brasil. 2. Índios Huni Kuĩ –
História e organização. 3. Purus, Rio. I. Título. II. Comissão Pró- índio
do Acre. III. Professores Indígenas do Acre.

CDD - 912.81

Maria do Socorro de O. Cordeiro. – CRB-11/667

Direitos autorais

Povo Huni Kuĩ da Terra Indígena Alto Rio
Purus

Escritores e Pesquisadores Huni Kuĩ

Alberto Txuã
Antônio Gilberto Naxima
Antônio Napoleão Bardales Sebidua
Armando Augusto Isaka
Cláudio Lopes Mana
Evaristo Gomes Bane
Fátima Domingos Búke
Francisco das Chagas Domingos Bina
Francisco Pereira Bina
Hilário Augusto Dasu
Herico Prado Txuã
João Domingos Tuĩ
Jorge Domingos Kaxinawa Naxima
Jorge Luís Nonato Mateus
José Lopes Pae
José Paulo Siã
Milton Salomão Shane
Nicolau Lopes Mana
Nonato Domingos Tuĩ
Paulo Lopes Siã
Waldemar Pinheiro Ibã

Narradores Huni Kuĩ

Mário Domingos Yube
Pancho Lopes Bixku

Organização

Maria Luiza Pinedo Ochoa
Ingrid Weber

Edição dos textos

Cristina Maher
Gleyson de Araújo Teixeira
Luiz Marcelo Jardim
Ingrid Weber
Maria Luiza P. Ochoa

Revisão de conteúdo

Francisco das Chagas Domingos da
Silva Bina Shubu
Fátima Domingos Búke
Pedro Domingos Mana
Adalberto Domingos Maru
Antônio Napoleão Bardales Sebidua
Francisco Pereira de Aguiar Bina

Revisão da Língua Indígena

Adalberto Domingos Maru

Revisão Geral

Ingrid Weber
Renato A. Gavazzi
Gleyson de Araújo Teixeira

Colaboradores

Elisaniilde Alves da Silva
Mariana Souza Samarrã Manchineri
Marcelo Iglesias
Marcelo Luis Jardim
Vera Olinda Sena

Projeto gráfico

Capa e contracapa
Marcela Chaar

Fotos

Capa e contracapa
Acervo CPI/AC

Apoio Institucional

Fundação Nacional do Índio
Rainforest Foundation Noruega

Realização

Comissão Pró- Índio do Acre
Est. Transacreana, km 8 – Caixa Postal
61 Rio Branco – AC
CEP 69.900-970
www.cpiacre.org.br

Organização dos Professores Indígenas
do Acre

SUMÁRIO

Agradecimentos	10
Introdução	11
A Terra Indígena Alto Rio Purus	12
A concepção de história dos professores Huni Kuĩ do Purus	13
CAPÍTULO 1 - A chegada das primeiras famílias Huni Kuĩ no Purus	
A divisão dos Huni Kuĩ	16
A morte de Ivan Sem Medo	19
O trabalho da seringa	20
À procura de um lugar no Purus	21
A primeira família que veio do Envira	22
A viagem do Envira para o Purus	22
Os Huni Kuĩ que vieram do Peru	22
CAPÍTULO 2 - As primeiras aldeias no Purus: Fronteira e Cana Recreio	
O seringal Fronteira	26
A chegada da Funai na Aldeia Fronteira	27
As mudanças de local da aldeia Fronteira	27
De Fronteira para a Cana Recreio	28
A Chegada das famílias Huni Kuĩ do Peru	29
De Cana Recreio para Novo Recreio	30
CAPÍTULO 3 - A luta pela demarcação da terra indígena	
Os primeiros contatos com as entidades de apoio	33
As primeiras lideranças do Purus	34
A relação com os vizinhos brancos	34
A luta pela terra	35
Vamos segurar a terra	36
Muita terra pra pouco índio?	37

CAPÍTULO 4 - História das aldeias

A ocupação da Terra Indígena do Alto Rio Purus	41
A chegada dos Jaminawa na aldeia Palmari - 1987	42
Aldeia Nova Moema - 1989	43
Aldeia Nova Aliança - 1991	44
Aldeia Novo Repouso - 1994	44
Aldeia Dois Irmãos - 1994	45
Aldeia Novo Lugar - 1995	46
Aldeia Morada Nova - 1995	47
Aldeia Porto Rico - 1999	48
Aldeia Novo Marinho - 2000	49
A multiplicação das aldeias	50
Aldeia Nova Vida - 1999	51
Aldeia Porto Alegre - 2000	51
Aldeia Nova Fortaleza - 2000	51
Aldeia São Francisco - 2004	53
Aldeia 6 de Julho - 2007	53
Aldeia Nova Família - 2007	54
Aldeia Nova Mudança - 2008	54
A relação entre os Huni Kuĩ e os Madja	56
Aldeia Nova Jericó - 2009	57
Aldeia Santa Maria - 2009	57
Aldeia São Vicente - 2010	57
Aldeia Liberdade - 2010	58
Aldeia Canaã	58
Aldeia Monte Siã - 2010	58
A criação das novas aldeias: pontos positivos e negativos	59
Aldeias Huni Kuĩ	62

CAPÍTULO 5 - Economia e Organização

A economia antes da demarcação da terra indígena (final dos anos 70)	65
A Cooperativa	66

As lideranças antigas faziam um bom trabalho	66
A economia na década de 90	67
Economia da Floresta	68
A economia e organização hoje em Nova Mudança	69
Economia e organização em Nova Moema	69
A economia nas aldeias hoje	70
A economia dos aposentados	70
O dia a dia das aldeias	71
O Trabalho das mulheres	73
O Trabalho dos homens	73
O trabalho das crianças	74
O trabalho dos velhos	75
A nova organização social	75
A organização política da aldeia Nova Fronteira	76
As prefeituras locais das aldeias	76
Organização política da aldeia Nova Mudança	77
A Federação do Povo Huni Kuĩ do Acre (FEPHAC)	78

CAPÍTULO 6 - Saúde e Educação

A origem dos remédios tradicionais	82
A saúde antigamente	84
Yushã Kuru e a medicina da mata	84
O início do atendimento da saúde no tempo da demarcação de terra	85
Os primeiros agentes de saúde indígenas	86
O trabalho do agente de saúde	87
Parque de medicina tradicional da Aldeia Nova Mudança	89
A formação do agente de saúde	90
A política de saúde hoje	91
A força do remédio tradicional	92
Educação Diferenciada	94
As primeiras escolas huni kuĩ na TI Alto Rio Purus	95
A situação atual da educação huni kuĩ no Alto Rio Purus	96

O bilinguismo nas aldeias huni kuĩ do Alto Purus	98
O bilinguismo na aldeia Nova Mudança	99
A escola da aldeia Nova Mudança	99
A Educação escolar indígena na prática	101
O estudo do Pancho no Peru	105
O aprendizado com os velhos	106
Nukũ Hãtxa [nossa língua]	110
Educação Tradicional	111

CAPÍTULO 7- Gestão Territorial e Ambiental

A gestão territorial e ambiental para os Huni Kuĩ do Alto Rio Purus	113
A situação ambiental na TI Alto Rio Purus	114
Relação entre os Huni Kuĩ e os nawa do entorno	115
O que é sustentabilidade?	116
Plano de uso dos recursos naturais da aldeia Nova Fronteira	117
Plano de uso dos recursos naturais	118
O manejo dos recursos naturais da aldeia Nova Mudança	123
O trabalho do agente agroflorestal	124
Etnomapeamento dos Huni Kuĩ do Purus	126
A importância do etnomapeamento	126
Entrevista com o professor Raimundo Nonato Mana	128
Meu plano para 2013: merenda regionalizada	130

CAPÍTULO 8 - Os Huni Kuĩ na política local

A criação do município de Santa Rosa do Purus	133
A cólera está chegando!	134
A participação dos Huni Kuĩ do Alto Purus na política	135
A participação dos Huni Kuĩ na política	136
Minha experiência como vereador indígena	138
O que se espera dos políticos indígenas	139

ANEXOS	143
POSFÁCIO	166
BIBLIOGRAFIA	168

Pe hai raki Agradecimentos

*Na ē betsabu inū ē puibu inū ē ibubu, inū ē bakebū, na eskatiā 36 bari ma ē hayaki.
Benimakī matu yui nū nīkāwē yumā kāwā nāwā hātxa tapī kī inū bixa ē tapī sinaki.
Habias kariwakī uīda kayashū, bixa tapī kī, daya kaīti tapī tā, daya shākāwē.
Habuā ea uī inū habuā ea uīsbumarā na shaba kuxipatū matu mera bewai kikirā.*



Festa do Katxanawa – aldeia Porto Rico – Foto: Adriano Dias – 2003

Īkamestē Yube ewa. Peki bakebū, ē betsabū, bababū, nahabia nukū mae Hene Hubeya nua, yusīnābū eskatiā nukū mae kidi inū matū raya kidi inū, matū yusinā nawabū matu yusīāi kidi inū, matu amaikidi mā akai uīdakawē. Badi 1975 nua ē nukū maewē taea inū matuwē taea entidade betsa betsapabuya ha ikūkidāni nuitapatā ma mae ē matu bishuī maki uīdakawē. Eskatiā na habia badi 1999 ki ma ē 24 badi hayaki, hanu nukū maewē inu matuwē taea ē nawabuya ha iki tae kidanidā eskatiā ma ē 52 babaya inū ē 59 bari hayaki, haska besti e matu kenemayushuki miyui ewapamaixtadā.

Introdução

Na nukū daya betsa betsapa nū yuikī bixa shurā, na habu dama yumekī uīkubidā sha nūbū nū ashukī. Haska inū na nuku keskabu inū na nuku keska buma mae betsa betsapa anu hiweabunā. Ha biaskari nawabu ikū birākī kene nibū nu uī miskeskari hau uī shanū bunā.

Sebidua Huni Kuī Inu Bake
Mae Shane Txana Muru

Este trabalho teve início em 1995, nas oficinas realizadas com os professores huni kuī da Terra Indígena Alto Rio Purus durante as assessorias da Comissão Pró-Índio do Acre. O trabalho teve continuidade nas etapas do Curso de Formação de Professores Indígenas que aconteciam anualmente no Centro de Formação dos Povos da Floresta.

Nós tivemos a ideia de elaborar este livro para contar aos nossos alunos, parentes huni kuī de outras regiões, parentes de outras etnias e sociedade branca em geral sobre a trajetória de luta e de organização, no passado e no presente, do povo Huni Kuī do Alto Purus.

Este livro foi concluído em 2012, com a colaboração de Francisco das Chagas (Nego), Antônio Napoleão Bardales Sebidua, Francisco Pereira Bina e eu, Adalberto Domingos Maru. A publicação conta com o apoio da Comissão Pró-Índio do Acre e do Ministério da Educação. Esperamos que todos os leitores leiam e gostem do primeiro livro de história de autoria dos professores huni kuī da Terra Indígena Alto Rio Purus.

Adalberto Domingo Maru

A concepção de história dos professores huni kuĩ do Purus

Foto: Kenneth Kensing - 1965



Huni Kuĩ do Rio Curanja - Peru

Nós, professores huni kuĩ do Purus, estamos pesquisando a história do nosso povo com os mais velhos. Estamos registrando no papel para que esta história não se perca.

Procuramos, através da pesquisa e da escola indígena, lembrar a todos de como as coisas aconteciam nos tempos passados e mostrar como elas acontecem nos dias de hoje. Para nós a história é importante, porque explica muitas coisas que às vezes não entendemos ou não sabemos. Ela também nos mostra o valor de tudo o que é nosso.

A história ajuda a explicar o que aconteceu com cada povo indígena. A história dos índios são várias. A história indígena fala sobre os índios da floresta, apresentando o que eles têm de riqueza e quais são seus problemas. Fala dos movimentos indígenas e dos costumes: dança, música, bebida, comida, casamento, batizado, ou seja, fala do seu modo de viver e de pensar. Mas a história indígena também fala do índio que vive com o branco, daquele que não fala mais a sua língua, não se pinta mais, não dança mariri, não bebe mais caiçuma e não quer morar mais na aldeia. A nossa história é muito diferente da história dos brancos.

A história não acontece longe das pessoas, ela está no trabalho, na aldeia, na escola, nas viagens, nas caçadas. A história conta o que acontece em diferentes momentos dos povos indígenas: é o passado, o presente e o futuro.

A história passada explica tudo o que aconteceu com nosso povo Huni Kuĩ no tempo em que nós vivíamos juntos. Antigamente, vivíamos nas malocas dentro da mata. Naquele tempo, não conhecíamos outras nações do mundo.

A história do tempo presente mostra o que acontece atualmente nas aldeias indígenas, quais são as mudanças e o que permanece no modo de viver, na política e na economia. A história de hoje conta que temos uma área demarcada pelo governo federal. Foram as lideranças que lutaram para conseguir a nossa terra. Agora, temos professores, agentes de saúde, agentes agroflorestais e autoridades que trabalham com o governo e com outras entidades.



Gilberto Domingos preparando *nixi pae* (ayahuasca)

Acervo CPI/AC



Francisco Bardales sendo pintado pela sua irmã Elsa Napoleão - Foto: Antonio Napoleão Bardales

CAPÍTULO 1



Rio Purus - Acervo CPI/AC - 1994

A CHEGADA DAS PRIMEIRAS FAMÍLIAS HUNĨ KUĨ NO PURUS *Hanu Hene Hubeyanu yurabu bei taenibu*

A divisão dos Huni Kuĩ

Por volta de 1920, tinha uma grande aldeia acima da boca do Igarapé Simpatia. Os Kaxinawá que moravam ali trabalhavam com um caucheiro peruano, Patrício, que era o patrão dos índios. Esse peruano começou a desrespeitar os Huni Kuĩ, querendo namorar com todas as índias. Aquelas que não queriam, ele pegava à força.

Um dia, Patrício pegou uma mulher mais nova do cacique. Ela chegou chorando em casa e contou como Patrício tinha feito com ela. Os Kaxinawá reuniram todo mundo e começaram a discutir o que deveriam fazer. Um deles falou que era bom matar o Patrício pra ele nunca mais fazer assim com a mulher de homem nenhum.

Uma mulher kaxinawá que trabalhava de empregada no barracão ouviu essa discussão dos seus parentes e contou ao Patrício o que eles tinham combinado na reunião. Patrício também pensou e combinou com os outros peruanos e brasileiros que trabalhavam como seus empregados. Ele falou: “Vamos mandar os índios fazerem um curral bem grande. Quando eles terminarem, nós fazemos um portão bem seguro, prendemos eles lá dentro e metemos bala para eles nunca mais falarem de matar homem.”

No dia seguinte, Patrício chamou os Kaxinawá em seu barracão e disse a eles para construírem um curral nos arredores de sua casa. Quando os índios estavam para terminar o serviço, Patrício mandou seus empregados irem atrás de munição, pois estava em falta em seu barracão. Tinha uma menina peruana que gostava dos Kaxinawá e avisou a um deles que Patrício tinha mandado os índios construírem o curral para poder matar todos. Disse que Patrício tinha mandado buscar munição e mais gente no seringal Califórnia, porque eram mais índios do que cariús. Quando esse Kaxinawá chegou em casa, contou para o cacique o que essa menina tinha dito. O cacique falou para o povo que tinha chegado a hora deles matarem o Patrício antes que o resto de seu pessoal voltasse com munição.

No dia seguinte, cedo, mataram o Patrício. Deram muitos tiros nele, mas o Patrício não queria morrer. Então, pegaram um pedaço de pau e quebraram toda a cabeça dele. Mataram também todo o pessoal do Patrício que tinha ficado no campo do barracão. Pegaram os instrumentos de trabalho, os armamentos e as balas que tinha lá. Os velhos falaram que, nesse tempo, os índios conseguiram 30 rifles.

No meio dos Kaxinawá tinha um paralítico que se chamava Ibã. Seus parentes deixaram ele para trás porque não podiam levá-lo nas costas. Quando a derradeira turma ia passando, Ibã pediu que o levassem com eles, senão ele contaria para os cariús por onde eles tinham corrido. Alguns Kaxinawá resolveram matá-lo. Depois, seguiram para as cabeceiras do rio Bariya, que é o Envira, na direção do rio Purus. Quando fizeram um grande acampamento acima da boca do Igarapé Xinane, um pessoal da família do Ibã resolveu vingar a sua morte, matando uma pessoa da família que tinha matado seu parente. Assim, começaram uma guerra entre eles mesmos, na qual morreram entre 10 e 12 pessoas. Por isso, os Kaxinawá começaram a se dividir.

A partir de então, um bocado seguiu para a mesma direção que eles já iam, para as cabeceiras do rio Purus. Alguns velhos contam que ali foram atacados por peruanos guerreiros e por jaminawa. Outro bocado de Kaxinawá voltou para a direção do rio Taraya, que é o Tarauacá, onde encontraram com Felizardo Cerqueira.

O Felizardo começou a perguntar de onde eles tinham vindo, porque no lugar onde eles estavam não tinha capoeira antiga, só roçado novo. Eles contaram como tinha acontecido e disseram que tinha muita gente ainda dentro da mata. Felizardo convidou eles para ir junto buscar o resto do pessoal que tinha ficado. Todos foram, só três ou quatro pessoas tiveram coragem e seguiram viagem. Quando chegaram numa passagem de igarapé perto da aldeia, os Kaxinawá atacaram Felizardo. Mataram dois parentes e balearam um branco. Meteram bala no Felizardo, mas as balas não ofenderam ele. Depois que voltaram, o Felizardo ficou só com quem ele tinha encontrado. Ele levou esses povos para as cabeceiras do rio Formoso e depois para o rio Jordão, o rio que hoje nós chamamos de Yuraya.

Depoimento de Agostinho Manduca Mateus Muru, em 1996,
a partir de relato de Miguel Macário Huni Kuĩ,
nascido no rio Curanja no Peru.



Cerâmicas Kaxinawá



Huní Kúí no rio Curanja - Fotos: Schultz & Chiara - 1952

A morte de Ivan Sem Medo

A chegada das primeiras famílias huni kuĩ ao rio Purus aconteceu por causa da morte do velho Ivan Domingos Kaxinawá, apelidado de Ivan Sem Medo. Ele morava na colocação Bambu, no seringal Porto Rubinho, no rio Envira. Esse seringal estava localizado próximo ao município de Feijó, no estado do Acre. Nessa colocação, moravam o Alfredo, o Paulo e o Ivan junto com suas famílias. Ivan trabalhava cortando seringa para o patrão, que era um cariú conhecido como Rantizal. Ele também caçava para esse patrão.

Depois de muito tempo, ele resolveu sair dessa colocação Bambu e foi para outro seringal, chamado Vila Alves. Ele foi viver na colocação Rafael, no igarapé Preto. Ele viveu muitos anos como seringueiro e caçador de um outro patrão chamado Oscar Peres. Mas o velho Ivan Kaxinawa saiu de lá e foi para o seringal Vista Alegre. Ele morreu há muito tempo, cortando seringa e caçando muito para o patrão Mundico Vicente. Ele também trabalhava fazendo borracha e carregando para esse patrão.

O velho morava com seus filhos e plantava legumes, roçado de banana, milho e outras coisas para ir vivendo junto com sua família. No dia 16 de junho de 1968, foi formada uma pescaria no igarapé Extrema. Essa era uma pescaria tradicional, chamada de tingui. Quando a pescaria começou, havia muitos peixes que pulavam para todos os lados. O senhor Ivan começou a pescar muitos peixes e quando estava em cima de um pau que atravessava o igarapé Extrema, o seu filho, Manoel Domingos, olhou e viu um peixe chamado de arraia. O filho falou para o seu pai sair da água, porque a arraia já vinha armada para lhe ferrar, mas quando o senhor Ivan quis pular fora da água, a arraia o esporou na batata da perna. Ivan Sem Medo falou para seus filhos que ele já estava esporado, então ninguém ligou mais para os peixes, todos ficaram preocupados com o senhor Ivan, pois ele já estava chorando e gemendo de dor.

Naquele tempo, os filhos não conheciam a medicina da mata e nem tinham remédio de farmácia, mas um filho do Ivan Sem Medo foi até a mata e trouxe uma casa de cupim e casca de palheira conhecida na nossa língua como *tashkā*. Fizeram uma fogueira e esquentaram a perna do Ivan para passar a dor, mas como a dor não passava, levaram ele nas costas para casa. Quando ele chegou em casa, continuou gemendo de dor, chorando e gritando muito forte. Ele falou para seus filhos que não ia resistir e pediu a eles que plantassem um pé de cipó (*nixi pae*) em cima do lugar onde ele fosse enterrado. Então, a perna dele começou a ficar roxa e apodrecer, já que a queadura tinha esquentado a perna e começou a cair as carnes, ficando só os ossos.

O senhor Ivan sofreu um mês e seis dias com esta doença, no seringal Canadá. Ele tomava remédio e algumas injeções, mas não tinha jeito. Ele morreu no seringal Novo Japão, no rio Envira. O seu enterro foi no seringal onde ele morreu.

Depois disso, seus filhos voltaram para o seringal Vista Alegre, na colocação Taraputo. Um de seus filhos, o Manoel Domingos, ainda voltou para o seringal Canadá para pagar uma dívida de 11 cruzeiros feita por causa dos remédios e alimentos para o seu pai. Ele foi cortar seringa na colocação Manga. Cortou seringa por três anos e deu uma parte dela para o seu patrão. A parte que ficou com ele, 500 quilos, ele vendeu por 19 cruzeiros. Ele pagou a conta e ficou com um saldo de 8 cruzeiros. Depois, ele voltou para onde estavam os seus irmãos e eles acharam bom ir para o rio Purus e procurar um outro lugar para eles viverem, já que o Manoel Domingos estava com 8 cruzeiros.

Jorge Domingos Naxima
Adalberto Domingos Maru
Nonato Domingos Tuí

Foto: Schultz & Chiara – 1952



Huni Kuí no Rio Purus

O trabalho da seringa

A luta de trabalho era com a seringa. Quando comecei a entender as coisas, desde menino, já estava cortando seringa. Nós trabalhávamos no seringal Porto Rubinho, na colocação Bambu. A nossa atividade era cortar seringa. O seringal foi repassado para a família Prado, aí o patrão ficou sendo o doutor Rantizal, que era patrão dos dois seringais: Porto Rubinho e Califórnia. Nossa atividade era somente a borracha, não tinha outra produção. Nesse seringal nós trabalhamos durante trinta anos.

Cansados daquele lugar onde havíamos nascido, nosso tio Roberto nos tirou de lá. Isto foi em 1959. Aí viemos para o seringal Vila Alves para trabalhar na colocação chamada Rafael, no igarapé Preto. Todos trabalhavam na seringa. Nenhum índio tinha outra atividade, era tudo na seringa, o patrão só dava valor à borracha. A gente fazia a produção de lavoura, mas era só para consumo.

Depoimento de Mário Domingos Yube
ao seu filho Gilberto Domingos Naxima
em 1999

À procura de um lugar no Purus

Após a morte de Ivan Domingos, a sua família se espalhou. Um de seus filhos, Manoel Domingos, saiu baixando o rio Envira e chegou no seringal Canadá, no igarapé Novo Japão. Ele entrou no centro do seringal e foi cortar seringa para um patrão chamado doutor Iraldo. As pessoas chamavam sua colocação de Manga e ele morou lá um tempo trabalhando para esse patrão.



Foto: Renato Gavazzi - 1991

Irmãos Domingos – Geraldo, Mário, Manoel e Maurício

Passado muito tempo, o Manoel Domingos resolveu ir para outra colocação, chamada Demora e, nessa colocação ele trabalhou mais uns anos. Depois, ele veio para o rio Purus pesquisar um lugar para morar para, mais tarde, buscar seus irmãos para viverem junto com ele.

Quando ele chegou no rio Purus, no seringal Santa Helena, ele foi trabalhar com um seringalista chamado Janico. Ele foi para o centro cortar seringa, na colocação Jaci. Do seringal Santa Helena, Manoel saiu baixando o rio até o município de Sena Madureira. Quando ele voltou, o senhor Delmiro lhe informou que o seringal Fronteira estava desocupado. Ele ficou na casa do amigo e, no dia seguinte, os dois conversaram com o arrendado do seringal, o senhor Pelegrino Maia, que aceitou o Manoel morar lá. O dono do seringal Fronteira era o senhor Álvaro Silva.

Manoel Domingos conheceu esse seringal e comprou a colocação Centrinho. Ele pagou o valor de 400 cruzeiros. Em agosto de 1973, retornou para o rio Envira em busca de seus irmãos. Naquele mesmo ano vieram para o Purus somente seis pessoas para brocar o local onde iriam morar. Eles vieram para plantar macaxeira, milho, banana e arroz.

Quando vieram, eles ficaram no seringal Santa Helena pelo período de um dia. Quando chegaram na casa do senhor Delmiro, eles o cumprimentaram e depois foram para o seringal Fronteira. Quando chegaram, encontraram o senhor Zacarias morando lá, além de outras famílias que também moravam na colocação Centrinho. Fizeram muita amizade com os moradores do Fronteira e com outros que moravam por perto. Eles, então, começaram a conversar e a trabalhar na broca de um roçado. Eles trabalharam durante cinco meses. Depois deixaram o brocado e derrubaram um roçado bem grande. Quando terminaram todo o trabalho, eles retornaram para o rio Envira no dia 1 de Agosto de 1973. Eles foram buscar suas famílias para morar de vez no Purus.

Jorge Domingos Naxima
João Domingos Tuí

A primeira família que veio do Envira

A primeira família que veio do rio Envira foi a família do senhor Ivan Domingos Huni Kuĩ (filhos, primos, cunhados e cunhadas). Esta família morava no seringal Vista Alegre, colocação Taraputo, no rio Envira, município de Feijó. Eles não sabiam o que era comunidade e nem conheciam as entidades. Só conheciam o trabalho do patrão *nawa* que se chamava Mundico Vicente. Eles só sabiam de algumas histórias dos povos indígenas, histórias de como eles viviam antigamente, pois seu pai sempre as contava.

O senhor Ivan sempre trabalhou junto com seus filhos para esse patrão Mundico. Antes de falecer, ele pediu para seus filhos, na hora do jantar e na noite do cipó, para que eles não morassem mais no Envira depois de sua morte. Ele dizia que já tinha criado os filhos e que cada um já tinha entendimento. Ele também falava isto porque alguns até já tinham família e sempre foram obedientes, como os filhos mais velhos, Roberto, Mário e Osmar.

João Domingos Tuĩ

A viagem do Envira para o Purus

Vieram para o rio Purus na faixa de 4 famílias, no total de 24 pessoas. Eles saíram do Envira no dia 17 de agosto de 1973. Foram gastos, no total, 13 dias de viagem para chegar ao rio Purus, porque eles traziam quatro cabeças de boi e seis ovelhas.

Essas famílias vieram com o destino de morar no Purus, no seringal Fronteira. Naquele tempo, eles não moravam em aldeias, e sim em colocações, cortando seringa e trabalhando na diária para os seringalistas. Eles chegaram no Fronteira em 1973; este lugar era apenas um seringal onde só existiam duas famílias. Quando chegaram, as famílias não ficaram juntas. O meu tio Roberto ficou no seringal Triunfo e os outros foram para a colocação Centrinho. O meu pai e o meu tio Osmar ficaram morando no seringal Fronteira.

Gilberto Domingos Naxima
Nonato Domingos Tuĩ

Os Huni Kuĩ que vieram do Peru

Nós morávamos na fronteira Brasil-Peru. Morávamos junto com os brancos; em uma parte morava índio, em outra parte morava branco. Índio morava ali embaixo, morava junto. Eu morava mais em cima, na frente da vila Jose Pardo. Tinha um campo lá do outro lado, ali que eu morava. Mas um dia a minha casa incendiou, quase perdi minha filha, quase perdi minha vida. A Nazaré, essa minha filha, tinha treze dias de nascida. Eu me sapequei todo para salvar minha criança. Aí eu saí de lá.



Mission after the river changed its course. The old village was located where the river flows in this picture. The large house in the middle of the picture is the house built by the Catholicism for the natives.

Part of the houses in the village of Managu where anthropologist Walter Horta lived in 1955. These houses were abandoned by the Xukuna after the changed course in 1955. The small buildings are traditional.



Left) Dancing kashinawa, sons of the family here. The plant for the dance and the spirit of the ancestors is the new yuca. Right) A kashinawa woman dancing for the women's movement of kashinawa, a parody of the kashinawa dance performed by the men. The mask is made of domestic palm fronds.



Left) Kashinawa man with his infant daughter. Both are painted with designs of the legend. Designs are associated with manioc-like items of the traditional medicine. Right) Worker of the kashinawa medicine plant, the roots were during the kashinawa dance. One of these artists has recently been inspired by the University Museum.



Huni Kuí do Rio Curanja – Foto: Kenneth Kensinger - 1965

Naquela época, moravam 150 famílias kaxinawá. Essas famílias vinham do rio Envira. A família do seu Lauriano Estevão, Ramiro, Alciano, nós morávamos tudo junto, tudo do Envira. Eu vim até a cabeceira do rio Curanja, viemos pelo município Puerto Esperanza, aí nós passamos pra cá.

Eu morava no Curanja no tempo da “pele de fantasia”. Eu ganhava vendendo couro de caça, vendia para os peruanos, trocava em espingarda, rádio. Como índio gostava de escutar rádio, aí animou. Meus pais, minha família, moraram lá uns tempos fazendo pele. Aí depois que terminou a pele nós viemos embora.

Saí do Curanja e vim viver em Santa Rosa. Como eu sou brasileiro, eu vim embora para minha terra. Os peruanos que vêm para o Brasil sempre voltam para terra deles e o brasileiro que vai para o Peru sempre volta também, por isso nós voltamos. Nós todos nascemos no Brasil, no Envira, mas depois que passamos pra lá, tem filhos deles que nasceram no Peru. Hoje em dia tem índio peruano kaxinawá.

Quem abriu a aldeia no Curanja foi meu tio. O pai dele chamava-se Purídio. Ele morava no Curanja. O Purídio nasceu no Muru, em Tarauacá.

Índio anda muito longe. É como parente kulina, vieram do Juruá e estão morando um bocado aqui, outros estão no Peru. Daqui já foram outros para muito longe. E os Kaxinawá também. Kaxinawá tem em muitos lugares: tem no Jordão, no Muru, Juruá, Envira e aqui no Purus. Tem muito Kaxinawá espalhado.

Em 1979, meu primo, o Mário, foi lá e me convidou: “Primo, deixa o branco aqui e vamos lá ver terra para nós.” Aí eu me animei. Falei com meu sogro, finado José Sampaio, pai da minha mulher, ele disse: “Se tem pasto grande, nós vamos”. Meu sogro veio, olhou tudo e disse que dava para morar. Chegou lá e me disse: “Meu genro, lá é muito bom, tem lago, tem caça. É bom, dá pra nós morar. Aqui é fronteira, é pertinho, não dá para fazer uma moradia grande, já tem branco morando. Vamos morar lá com o sobrinho Mário”. Aí ficamos animados. E o índio quando sabe de uma novidade boa eles vêm.

Aí meus parentes vieram na frente e eu fiquei atrás. Eu tinha uma filha que nasceu dia 8 de setembro de 1979, estava com treze dias, foi quando minha casa queimou e eu fiquei todo sapecado. Aí fiquei com raiva e baixei. Lá encontrei a casa do meu primo Mário e reunimos todos.

Depoimento de Pancho Lopes Bixku (1996)



Pancho Lopes Bixku – Foto: Mario da Silva – 1987

CAPÍTULO 2

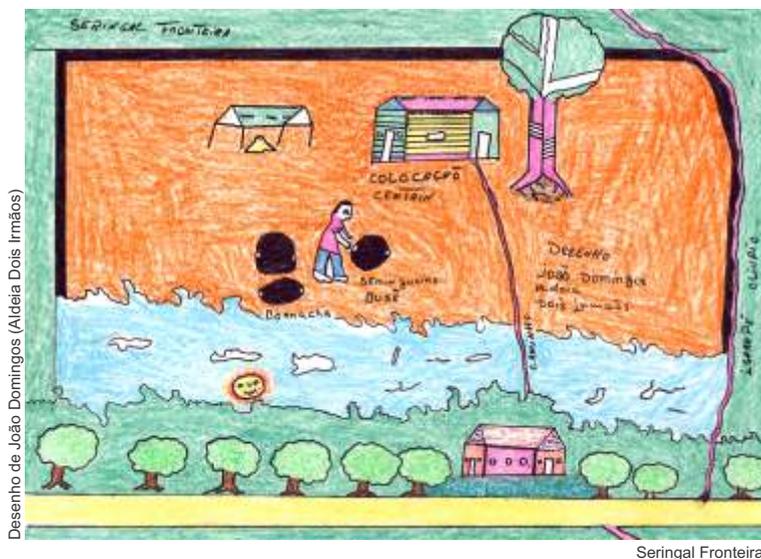


Foto: Walter Sass, (in Povos Indígenas no Brasil/1984. Série Aconteceu Especial 15 São Paulo: CEDI, 1985:198)

AS PRIMEIRAS ALDEIAS NO PURUS: FRONTEIRA E CANA RECREIO

Mae shanē rabe habu dukū taeni : Fronteira (Kayta) e Cana Recreio

O Seringal Fronteira



A primeira pessoa que veio do rio Envira para o rio Purus, em 1973, foi o meu tio Manoel Domingos. Ele trabalhava com um patrão branco, e junto com ele, veio trazendo uns gados. Ele passou três anos aqui no Purus e enquanto isso ficou procurando alguns seringais desocupados. Ele teve a informação de um patrão branco, chamado Pelegrino, que disse que o seringal Fronteira ia ficar desocupado, então ele falou com o gerente do seringal sobre a situação da sua família.

Ele contou que o pai dele tinha falecido e que, antes de morrer, ele sempre pedia para os filhos não ficarem mais naquela região. Ele falou que tinha sete irmãos e que queria aquele seringal para trabalhar junto com eles. O gerente falou que, quando eles chegassem, ele iria desocupar o seringal. O meu tio, com medo do gerente o enganar e colocar outra pessoa no lugar, pediu pra que ele fizesse uma carta para ser apresentada ao dono do seringal que era o Álvaro Silva.

Então, meu tio voltou para o rio Envira e conversou com os seus irmãos sobre o pedido que o pai deles tinha feito quando estava doente. Todos os irmãos concordaram em ir embora para esse lugar. Em 1973, no mês de agosto, vieram cinco irmãos para pesquisar o seringal. Eles vieram todos sem família e gostaram do seringal Fronteira. Eles colocaram os roçados e, depois da plantação, voltaram para o rio Envira e foram buscar as suas famílias.

Quando eles voltaram para o seringal Fronteira, no rio Purus, o meu tio Manoel Domingos comprou uma colocação que se chamava Centrinho. Até hoje essa colocação existe. Ele comprou, com todos os legumes, por 400 cruzeiros, e eles ficaram trabalhando na seringa e agricultura.

A chegada da Funai na Aldeia Fronteira

Quando nós viemos do rio Envira, a Fronteira era um seringal onde morava seu Zacarias com sua família. Isto foi em 1973. Meu pai ainda cortou seringa durante um ano para o patrão Francisco Raulino.

Quando foi em 1975, chegou um funcionário da Funai chamado José Porfirio de Carvalho perguntando se nós éramos índios. Minha mãe ficou com muito medo e falou para o meu pai que o homem iria nos matar por causa do lugar. O Carvalho começou a perguntar quem era o tuxáua e todos os irmãos Domingos se olharam e apontaram pro meu pai. O Carvalho perguntou também pro meu pai se precisava de alguma ajuda. Meu pai respondeu que estava precisando, porque tinha dois sobrinhos doentes e ele não sabia o que fazer, já que nesse tempo não havia remédios da farmácia. O homem perguntou quantos irmãos eles eram e o meu pai disse que eram oito irmãos. José Porfirio de Carvalho pediu para que meu pai reunisse todas as outras famílias e foi assim que se formou a comunidade Fronteira.

Com a ajuda da Funai, meu pai conseguiu um projeto que melhorou a saúde, a educação e a agricultura. Até hoje permanecemos juntos; já temos professores, agentes de saúde, agentes agroflorestais, administrador dos trabalhos comunitários, estudantes e aposentados.

Fátima Domingos Búke

As mudanças de local da aldeia Fronteira

A aldeia Fronteira foi criada em 1979. Os primeiros moradores da aldeia Fronteira foram pessoas da família do Mário Domingos. Antes, essa família morava no rio Envira e hoje eles se encontram no Purus. Saíram do Envira porque o pai do Mário Domingos tinha falecido.



Foto: Malu Ochoa - 1998

Aldeia Nova Fronteira

A aldeia Fronteira já mudou de lugar três vezes. A primeira mudança ocorreu em 1993. Mudaram de lugar porque a aldeia não estava organizada com relação às casas. Os moradores estavam começando a construir suas casas fora da aldeia, por isso mudaram de lugar para ter uma aldeia bem organizada. Depois dessa mudança, a comunidade ficou bem organizada e passou a se chamar Nova Fronteira mas não ficaram gostando desse lugar porque era um sacrifício pegar água para beber.

Mesmo depois da segunda mudança, a comunidade da aldeia Nova Fronteira continuou a ter problemas. Estava tendo muito contaminação de doenças através dos animais, como porcos, gatos, cachorros e os gados que causavam diarreia, febre, gripe e outras doenças. Por isso, a comunidade resolveu se mudar novamente. Isto ocorreu por volta do ano de 2002. Depois dessa terceira mudança, passamos a viver uma vida liberta. Estamos bem organizados, moramos numa aldeia cheia de paz, saúde e educação.

Desde o surgimento da aldeia Nova Fronteira até os dias de hoje, a primeira liderança foi o Mário Domingos Huni Kuĩ. Depois surgiram outras pessoas como o cacique da aldeia, mas a liderança até hoje ainda é o Mário Domingos.

Edinei Mariano Nui

De Fronteira para a Cana Recreio

O pai do meu primo Mário morreu. Então ele deixou o Envira para deixar as lembranças para trás, por isso ele veio para cá, a partir de 1973.

Em Santa Rosa, trabalhávamos com legumes, plantando arroz, feijão, macaxeira, banana. Trabalhava também com caucho. Fazia “pele de fantasia” com couro de porquinho, queixada e usava a carne, trocando rancho por sal, sabão. E depois disso, o José Porfirio de Carvalho da Funai chegou. Aí continuamos a trabalhar com artesanato indígena; fazia rede, sacola, tapete, tanga, flecha, arco, lança, colar, pulseira... Isso a Funai levava e trazia em troca: terçado, roupa, machado. Disso a gente vivia.

Depois disso, a Funai quis que todos os parentes viessem para a Fronteira para governar a terra; mais de 150 pessoas, com crianças, para a Fronteira. Mas nós vimos que tinha muita gente e reunimos e combinamos para morar em outra aldeia, que lá tinha muito pasto. Aí eu passei para ir morar na Cana Recreio.

Lá já morava um seringueiro chamado Chico Tibúrcio, que já morreu. Eu entrei e ele não quis sair. Então eu ameacei um pouco, mas foi só pra sair, não foi pra matar não. Ele não quis sair e falava: “A terra é minha.” Eu dizia: “Era, mas agora não é mais, essa terra o governo vai dar pra nós, é terra do índio.” Ele não tinha nada, a não ser a a balsa, um roçadinho, uma criação de porco e a tigela velha de aparar o leite na estrada. Aí eu falei:

“Senhor Chico, meu parente que morava lá no Amazonas, parente apurinã, pede pro pessoal sair, mas se não quer sair, eles matam na hora.” Então ele ficou assombrado. Eu disse ainda: “Se você fizer assim, eu te mato na hora.” Então ele falou: “Rapaz, eu vou embora, não quero mais saber, vou deixar tudo, vou embora.” Eu falei: “Calma, eu estou contando uma história, eu não quero expulsar você, eu quero é indenizar você. Eu sei que você já fez alguma coisa aqui dentro da reserva indígena, então eu sei que você tem direito de receber esses objetos que tu tem aqui.” Então ele acalmou: “Ah, muito bem, eu concordo contigo.” Aí eu indenizei. Nesse tempo, eram 15 mil cruzeiros, hoje em dia é 15 mil reais. É muito dinheiro. Eu cortei seringa pra pagar. Eu já contei como foi tudo. Paguei tudo. Tinha o compadre José Luis, ele me ajudou, pagou a metade e eu a outra.

A primeira família que entrou na Cana Recreio era de 60 pessoas. Fomos eu, meu sogro José Sampaio, meu tio, o velho Augusto e os filhos dele, o Marciano Sampaio e o Manoel, o Laureano com toda a família, Auciano, João, Arlindo, Ramiro; o meu sobrinho Paulo também. Depois chegou mais gente lá do Curanja, no Peru. Depois disso foi que nós entramos.

Aí foi aumentando passo a passo. Depois que aumentou, criamos os filhos, tinha tudo. Quem veio do Peru, depois, foi o Raimundo, trouxe toda a família. Então nós colocamos professor. O primeiro foi meu sobrinho, o Paulo. O Edivaldo morava também com ele. Meu tio Adalton voltou pro Peru, foi pra Esperanza, não gostou e foi embora. Depois disso, nós continuamos juntos. Aí aumentou para 480 pessoas.

Agora nós estamos segurando a terra. Já não é mais uma só aldeia, são várias aldeias, tem mais força. Eu digo sempre que é bom, uma grande segurança.

Depoimento de Pancho Lopes Bixku
1995

A Chegada das famílias huni kuĩ do Peru

Em 1977, chegou aqui em Santa Rosa, vinda do Peru, a família do Pancho Lopes. Vieram mais de 15 pessoas que ficaram morando na aldeia Fronteira. Nessa aldeia, 40 famílias chegaram a morar, num total de 100 pessoas. Depois de morar um ano na Fronteira, o Pancho resolveu formar uma aldeia só com a sua família, a Cana Recreio. Lá morava um branco que se chamava Chico Tibúrcio, mas com o apoio da Funai e da comunidade, esse branco foi indenizado e saiu de lá. Depois, vieram muitas famílias para morar junto com o Pancho. Ele, então, ficou se organizando com seu povo na Cana Recreio e virou liderança.



Pancho Lopes Bixku - Foto: Elsjé Lagrou - 1989

Quando essas duas aldeias foram formadas, Fronteira e Cana Recreio, começaram a surgir vários tipos de projetos econômicos propostos pela Funai. Vários chefes de posto e funcionários também vieram trabalhar dentro das aldeias contratados pela Funai, como enfermeiros e professores.

Então, as lideranças huni kuĩ juntaram-se com as lideranças madja e começaram a lutar pela demarcação da nossa terra. Depois de muitos anos de luta, em fevereiro de 1992, eles conseguiram a demarcação. Sempre que as lideranças brigavam, começavam a surgir outras aldeias pequenas. Hoje existem 24 aldeias huni kuĩ e 22 madja.

Paulo Lopes Siã

De Cana Recreio para Novo Recreio

A aldeia Cana Recreio foi criada em 10 de agosto de 1980. Éramos nove famílias, fomos os primeiros moradores: o senhor Francisco Lopes, José Augusto Maciano Sampaio, Manoel Sampaio, Mário Paulo, Paulo Lopes, Antônio Pinheiro, Montenegro, Zé Feitosa e José Augusto Feitosa. São esses os nomes dos primeiros moradores da aldeia Cana Recreio. Lá morava somente um branco que era chamado Chico Tibúrcio, mas com o apoio da Funai a família desse branco foi indenizada e saiu de lá.

Depois, vieram também muitas famílias do Peru. Então, 40 famílias se organizaram e escolheram o chefe Francisco Lopes, o Pancho. As famílias moraram durante dezesseis anos na Cana Recreio, depois pensaram em morar em outro lugar.

As famílias saíram da Cana Recreio porque o porto era muito longe, quase um quilômetro para descer. Fundamos a aldeia Repouso no dia 7 de setembro de 1996 e trabalhamos durante dois anos. Aí resolvemos mudar outra vez para um lugar chamado Palmari, mas ficou na aldeia Cana Recreio a família do Raimundo Nonato. Depois que ele saiu, esse lugar foi fechado.

Passado um tempo, as famílias resolveram de novo mudar e voltar para a Cana Recreio, mas um pouco mais para baixo do antigo local. Formaram uma aldeia nova, o Novo Recreio. Ela foi fundada no dia 16 de junho de 2000 com a mesma administração do cacique Pancho.

A escola da aldeia Novo Recreio foi criada em junho de 2002. O primeiro professor foi Nicolau Lopes, o segundo foi o Cláudio e o terceiro foi o professor Armando Augusto. Foram esses os três professores que trabalharam na escola que foi criada e que até hoje estamos trabalhando nela.

Armando Augusto Isaka
Cláudio Lopes Mana
Nicolau Lopes Mana
Milton Salomão Shane

CAPÍTULO 3



Autodemarcação Madja e Huni Kuí – Foto: Walter Sass, in Povos Indígenas no Brasil, Série Aconteceu Especial 15 São Paulo: CEDI, 1984:198

A LUTA PELA DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA

Yumãtã nũ mae biniki



Mário Domingos e suas duas esposas Delcia e Maria Isabel

Como liderança, acho muito importante ter terra demarcada. Para mim, carreguei uma vantagem para o meu povo. Levei essa grande vantagem quando estava lutando pela demarcação da terra. Sabia que ia ter muita coisa dentro dela pra gente sobreviver, pra preservar, pra passar nossa cultura adiante.

Mário Domingos Yube

Os primeiros contatos com as entidades de apoio

Antes da família dos irmãos Domingos chegarem ao Purus, no lugar só moravam os índios Madja (Kulina). Existiam apenas duas aldeias e oito famílias. Acontece que os Huni Kuĩ não tinham relacionamento com os Madja.

Em 1974, veio ao Purus uma mulher italiana que estava pesquisando sobre a existência de índios neste rio. Esta mulher, que se chamava Seprisca, encontrou duas aldeias de índios madja. Encontrou *nawa* morando na aldeia Santo Amaro e encontrou a aldeia Fronteira que, já naquela época, formava uma comunidade pequena.

Em 1975, veio o representante da Funai Luiz Porfirio de Carvalho fazer a mesma pesquisa. Naquele mesmo ano veio também uma mulher gaúcha chamada Rosa Sirirá. Em 1976, vieram o padre Paulino, o padre Egídio e três antropólogos.

Cada um desses representantes conversou muito com o meu pai, Mário Domingos Huni Kuĩ, sobre os direitos dos povos indígenas e sobre a importância de entidades como a Funai, o CIMI e a CPI/AC para dar apoio e para ajudar na demarcação da terra, na educação, na saúde e nos projetos econômicos. Foi assim que o meu pai foi tendo conhecimento das entidades de apoio e tendo esperança para trabalhar como liderança da sua comunidade.

Em 1978, houve a primeira reunião das lideranças da aldeia Fronteira junto com os Madja de duas aldeias e com uma mulher do CIMI, a Rosa. Esta reunião foi mais para falar sobre o projeto da demarcação e sobre os problemas de saúde. Ela também serviu para os Huni Kuĩ se juntarem e formarem uma comunidade grande na aldeia Fronteira. No ano de 1979, havia na faixa de 40 famílias e 400 pessoas morando na aldeia Fronteira.

Em 1980, o Mário, que era a liderança, foi participar de uma reunião feita pelos índios na Terra Indígena Paumari, no Amazonas. No mesmo ano, receberam um projeto com orçamento de 30 mil cruzeiros. Nessa época, o Zé Luiz (José Luiz Alves de Sousa) e sua esposa Suzana vieram para cá, já que ele ia trabalhar como chefe de posto da Funai na aldeia Fronteira.

Em 1981, veio para a aldeia um delegado da Funai chamado Benamoro (chefe da Ajacre em 1980) junto com dois policiais federais. Ao mesmo tempo, veio a indenização dos posseiros que ocupavam a área indígena do Alto Purus. Em 1984, teve início a construção da pista de pouso na aldeia Fronteira.

Foi assim a vinda das primeiras famílias huni kuĩ para o rio Purus, no Brasil. Hoje já são 22 aldeias madja e 24 aldeias huni kuĩ, sendo, no total, 46 aldeias indígenas localizadas em 263.130 hectares de terra, onde os povos caçam, pescam, moram e vivem com suas famílias, trabalham na agricultura e usam vários costumes tradicionais.

Eu sou filho do Mário Domingos e sou professor da aldeia Porto Rico. Quando eu vim do rio Envira, eu tinha 2 anos de idade.

As primeiras lideranças do Purus

A primeira liderança foi o Severino Pereira que morava em Santa Rosa com a família dele. O segundo foi o Mário Domingos, que veio do Envira e encontrou a Funai. Depois é que veio o Pancho Lopes. Juntas, essas duas pessoas [Mário e Pancho] lutaram para conseguir a terra indígena para viver dentro com o nosso povo.

Os dois sozinhos lutaram para conseguir melhorar a situação da vida dos índios aqui do Purus. Lutaram até que conseguiram a demarcação da área. Foi por causa deles que temos professor para ensinar os povos. Até hoje isto funciona bem, tem muitos professores em muitas aldeias e outros estão aparecendo agora.

Eu achei muito bom o trabalho das primeiras lideranças. A liderança antiga fazia e recebia muitos projetos das entidades. Com o apoio do padre Paulino e da Funai, conseguiam verbas para as comunidades deles.

As mulheres também conseguiam muitas coisas para elas com o nome do Pancho. Até agora o Pancho é conhecido. Apareceram muitas lideranças e agora nós somos como o Pancho. No passado era só ele, agora muitas lideranças existem aqui nesta Terra Indígena Alto Rio Purus. Eles iniciaram e nós continuamos, até agora estamos lutando.

Paulo Lopes Siã

A relação com os vizinhos brancos

No tempo da luta pela terra, aqui na Fronteira, o patrão se chamava Alves Silva. Ele ficava criticando, brigando em cima de nós, dizendo: "O governo não vai apoiar vocês, ele não gosta de índio, vai matar vocês todos, saiam daí." Assim ele dizia. Mas nós respondíamos: "Índio tem direito sim, nós somos donos da terra." Ele fazia medo para nós. Teve um dia que nos reunimos e mandamos chamar ele, mas ele correu, tinha medo da Funai, aí nós vencemos.

Tinha outros brancos, eram o Teodoro Meireles e Manoel Meireles. Moravam na boca do Chandless, ali no Ipiranga. Eles não eram seringalistas. Enganavam índio. Índio fazia alguma coisa ou trabalhava para eles só em troca de cachaça, álcool. Mas depois que ganhamos a terra, a Funai indenizou e acabou esse problema.

Antes, o branco invadia nossa terra, entrava em nossos lagos e pegava nosso peixe. Matavam e invadiam o que é nosso, botavam seis canoas no lago pra mariscar. Quando fiquei sabendo, eu cheguei, invadi, trouxe meus soldados, soldados índios - chamo de 'soldado' porque eles têm coragem. Então mandei virar as canoas. Partimos tudo, arrebatamos mesmo. Aí o branco queria brigar comigo: "Vocês não têm direito!". Aí eu respondia: "Vá brigar com a Funai!" Eles ficavam com medo porque ninguém podia com a Funai. Hoje, nós temos o apoio e a força da CPI/AC, do CIMI, que também ajudou muito. Nossos amigos que muito nos ajudaram foram: Walter Sass, Rosa Maria Monteiro, Roberto Zwetsch, todos esses brigavam junto conosco.

Agora, onde eu estou morando hoje, o branco vem mariscar, eu deixo. É vizinho, é para criar filho. Antes, eles vendiam, hoje não, é só para rancho. É para almoçar, jantar, isso aí eu dou. Mas para ramo de vida é proibido, nós não deixamos. Se deixar, acaba tudo, ficamos sem nada, e daí o que vamos comer? Nós temos peixe para comer, criar nossos filhos, netos. O pirarucu é nosso. Nós não temos criação de gado para comer, mas tem o peixe, o nosso mercado é o peixe.

Depoimento de Pancho Lopes Bixku
à Malu Ochoa em 1995

A luta pela terra

A luta pela demarcação da terra foi muito complicada, muita briga. Eu comecei a lutar pela terra indígena em 1981. Daí pra cá é que eu comecei a conhecer nossos direitos e a lutar por eles.

O chefe de posto da Funai chamado Zé Luis, chegou em 1980. Ele me convidou e me incentivou a brigar pelas terras, mas como eu tinha pouco conhecimento, eu fiquei um pouco estranho, estranhei um pouco.



Senador Mário Maia e delegação acreana em Brasília para reivindicar a demarcação das Terras Indígenas do Acre - 1986.

Arquivo CPI/AC

Eu nunca tinha andado na cidade. Nós chegamos aqui pelo rio Purus, entramos em Manoel Urbano e depois Sena Madureira. Aí ele me convidou a brigar em Brasília com o presidente da Funai. Nós pegamos um avião de Manoel Urbano direto pra Rio Branco, isso foi em 1981. Eu fui acompanhado por seis lideranças. Tinha a liderança aqui do Alto Purus, que sou eu; do rio Jordão foram o Sueiro - Bane, na língua indígena - e o Augustinho; tinha outro do rio Iaco pertencendo ao município de Sena Madureira que era o Zé Correia Jaminawa e tinha também o Zé Uria Manchineri e de Boca do Acre, Amazonas, foi o Manoel Manduca Apurinã. Então, nós chegamos em Brasília.

A viagem foi para pegar mais orientação do presidente da Funai para orientar a gente como é que funcionava e saber quando eles iam dar apoio para fazer a demarcação. Todos nessa época estavam apressados para fazer a demarcação. E não foi só a região do Purus e do Amazonas, foi de vários lugares. Houve lugar que teve morte, brigas violentas pela terra. Mas nós sabíamos que essa terra era nossa, dos povos indígenas, por isso que a gente brigava. A gente sabia que índio ia crescer nessa terra e nós fomos os primeiros donos. Essa era a grande vantagem e nós acreditamos que era verdade.

Voltei dessa viagem mais alerta sobre essa nossa luta por nosso direito. Fiquei sabendo que existia nosso direito. Antes não sabíamos que essa terra por direito era nossa e hoje é terra indígena.

Para conseguir a demarcação não foi fácil. Era difícil chegar ao final e o final era a demarcação. A gente viajou muito. Nós, lideranças antigas da primeira luta pelas terras indígenas participamos de várias reuniões em Brasília e em outros lugares pelos municípios. Para gente conseguir a demarcação não foi assim bem fácil. Mas é assim mesmo.

Depoimento de
Mário Domingos Yube
ao seu filho Gilberto Domingos em
1999



Demarcação da TI Alto Rio Purus - 1984

Vamos segurar a terra

Vejo que sou o mais antigo na luta, venho trabalhando desde 1975. Foi uma luta muito longa, inclusive quando eu estou vendo, no momento, que depois que a área foi demarcada os parentes têm se esparramado muito. Muitos parentes não querem mais ficar nas aldeias, não querem mais saber de nada, só querem andar viajando. Eu vejo que depois de tanta luta, tanta briga que nós tivemos para demarcar nossa terra, hoje os povos estão esquecendo, e não é bem por aí.

Vamos sossegar que o governo mandou demarcar a terra e nós temos que ver o nosso lado e trabalhar dentro dela. Eu tenho dito essas coisas para os jovens, os mais novos que estão entrando devagarzinho nessa luta. A terra foi demarcada, mas a luta continua para poder se organizar melhor.

Ainda estou repassando essa informação da luta que tivemos para o pessoal, para a minha turma, pedindo para eles segurarem a terra onde vivem e vão criar seus bisnetos; onde eles vão estruturar sua escola; onde vão conservar a cultura; onde vão morar toda vida.

Mário Domingos Yube



Foto: Adriano Dias

Festa do katxanawa - aldeia Porto Rico - 2003

Documento Histórico

Muita terra pra pouco índio?

“Primeiro, antes do descobrimento do Brasil, já tinha índio, já tinha gente aqui e os brancos vem tomando a terra, o índio tem medo e fugiu até que ficou na fronteira Peru/Brasil. Então os cariú vieram e tomaram tudo. Nós ficamos com um pedacinho de terra. Nós precisamos de um pedacinho de chão pra viver. Aí este pedacinho de terra que nós estamos segurando aí não tem direito de tomar porque nós tem direito de ganhar este pedacinho de terra pra continuar a viver. Por que um fazendeiro tem 500 mil hectares de terra, só uma família, e nós somos muitos e nós tem uma terra de 265 mil hectares. Só um pedacinho de terra e muita gente. Tem muito reclamo: ah, índio tem muita terra, pra que índio quer muita terra? E o fazendeiro, só uma família tem 500 mil hectares, só uma família e não tem reclamo, e acha bom. E nós que somos muitos? Somos muita gente e o branco acha ruim. Tanto índio, o branco vai ficar sem terra. O fazendeiro lá do Chandless, uma família só que tá morando, tem 1 milhão de hectares e é uma família só. E nós nem temos 500 mil hectares. Somos muitos, 4 ou 5 aldeias no Purus e ainda reclamam e dizem que é muita terra. Nós precisamos da terra pra caçar, pra pescar, pra trabalhar caucho e borracha, e caça que nós vamos precisar mais na frente. Porque o índio também tá aumentando. É isto que nós precisa. O fazendeiro só derruba mata, espanta toda caça e estraga tudo e não aproveita não. Ninguém reclama e ainda acha bom. E o índio que precisa viver, trabalhar, criar, então reclama. Os brancos reclamam. Pois bem, meu irmão, então eu tô falando aqui a verdade. O nosso trabalho é isso.”

Pancho Lopes Bixku
(Povos Indígenas no Brasil / 1984 - Série Aconteceu Especial 15
São Paulo: CEDI, 1985:193)



Meninas huni kuĩ - aldeia Novo Repouso - Foto: Malu Ochoa - 1995

CAPÍTULO 4



Comunidade Novo Marinho - Acervo CPI/AC - 1994

HISTÓRIA DAS ALDEIAS *Nukū mae hanu nū bepeni*



Aldeia Moema

Como nós lutamos e o branco saiu, então formamos outras aldeias. As famílias kaxinawá criaram aldeias como Moema, Novo Lugar, Santa Vitória, Nova Aliança, Repouso, Morada Nova e Nova Vida. Nova Fronteira e Cana Recreio são as mais antigas. As outras todas são aldeias novas, porque nós precisávamos nos dividir para assegurar nossas terras.

Depoimento de Pancho Lopes Bixku dado à Malu Ochoa em 1998.

A ocupação da Terra Indígena Alto Rio Purus

Sabemos que antes da demarcação da terra indígena existiam duas aldeias, a aldeia Fronteira e a aldeia Cana Recreio. Depois, com o crescimento da população e a vinda dos parentes do finado Pancho, foram surgindo outras aldeias. As aldeias são criadas por vários motivos, devido à dificuldade de colocar roçado, de caçada, de pescaria, problemas familiares, problemas de bebida alcoólica, busca por emprego, construção de igrejas, vontade de preservar a cultura ou para cuidar da terra e evitar a invasão dos brancos. Por isso que novas aldeias estão surgindo desde a data da demarcação até hoje.

Futuramente, a terra vai ficar toda ocupada com o crescimento dos Huni Kuĩ e dos Madja, mas não com a intenção de destruir a nossa natureza, e sim cuidando da nossa floresta e preservando o que é nosso. Cuidando da nossa terra que as lideranças antigas conseguiram para nós e ensinando nossos filhos a avançar nos estudos que os brancos nos ensinaram, como o trabalho na educação, saúde, agroflorestal e outros conhecimentos.

Antônio Napoleão Bardales Sebidua



Aldeia Cana Recreio - Acervo CPII/AC

A chegada dos Jaminawa na aldeia Palmari – 1987

Depois da luta pela terra, depois disso, chegaram os parentes jaminawa lá do rio Iaco. Brigaram com os parentes e vieram. Todos sabem que os parentes jaminawa brigavam muito. Não só com parente, mas com branco também. E vendo que não dava mais certo, eles vinham subindo pedindo para o Mário Domingos Kaxinawá e para o Manduquinha Kulina. Então, foi quando o padre Paulino ordenou pra eles irem morar lá na cabeceira do Chandless, onde não tinha ninguém.

Receberam uma carta para irem lá muito longe, aí eles começaram a chorar: “Não, deixa a gente arrumar lugar para morar com vocês. Vocês são nossa gente, nossos amigos, nós somos índio também.” Então nós discutimos e concordamos. Tinha um lugar que chamava Santa Vitória. Hoje em dia o pessoal chama Palmari, mas não é. Palmari é um lago, a aldeia é Santa Vitória. Taí nosso companheiro que trabalhou conosco, o Anselmo Forneck, ele é testemunha. Ele ajudou muito a gente nesse lugar. Nós ganhamos a luta e por isso nós chamamos Santa Vitória.

Os Jaminawa não quiseram ir para a cabeceira do Chandless e me disseram: “Você é muito bom, arruma esse lugar para nós. Você já tem um lugar bonito aqui no Cana Recreio, me arruma... Aí eu vou morar e a gente vai dividir as coisas. Quando eu caçar que matar porco, veado, uma banda é pra você. Se eu pegar peixe, metade é para você, metade para mim.” Por isso nós confiamos e entregamos esse lugar. Os Jaminawa chegaram em 1987.

Na época, eu morava na Cana Recreio, mas como o branco estava na terra, eu tomei conta também desse chão [Santa Vitória] para eles não ficarem mais lá. Isso foi em 1982. Fui morar lá junto com minha família para segurar a terra como eu estou segurando aqui, só para branco não entrar. Quando entreguei para os Jaminawa, eu voltei para minha aldeia na Cana Recreio.

Depoimento de Pancho Lopes Bixku à Malu Ochoa em 1998



Aldeia Nova Moema - 1989



Aldeia Moema

Foto: Adriano Dias - 2000

A aldeia Nova Moema, antes se chamava Moema. Neste lugar moravam os peruanos, mas quando eu cheguei lá eles já tinham saído. Eu fui um dos índios que abriu as moradias nesse lugar. Quando eu cheguei, passei a chamar de 'Nova Moema'. Isto foi no ano de 1986. Nesse tempo, éramos somente 504 habitantes na terra indígena.

Em 1989, chegaram mais sete famílias da Cana Recreio para morar na Moema. Fizemos uma reunião para escolher as autoridades: cacique, cantineiro, enfermeiro, professor e capataz. Isto aconteceu no dia 5 de fevereiro de 1989. Foi assim que nós fundamos a nossa aldeia.

O primeiro cacique da aldeia Nova Moema foi o Edivaldo Domingos que trabalhou sete anos, de 1989 a 1996. Depois que ele saiu da aldeia, escolhemos outro cacique, o professor Paulo Lopes. Depois foi o Antônio Calixto, o Francimar Rodrigues, o Jesus Roque Guimarães e, atualmente, é o Sales Calixto.

Em 1993 foi construída a escola do estado na aldeia e no mesmo ano foi escolhida uma pessoa para ser o agente agroflorestal dessa comunidade que até hoje é o Francisco Pereira Bina. Hoje em dia temos dois professores, Antônio Calixto e João Raimundo. Temos também um agente de saúde que é o Gilliarde Calixto de Aguiar.

Hilário Augusto Dasu



Aldeia Moema

Foto: Malu Ochoa

Aldeia Nova Aliança - 1991



Foto: Malu Ochoa - 1995

Aldeia Nova Aliança

O primeiro cacique foi o Manoel Sampaio e depois mudou de cacique para o irmão dele, Marciano Sampaio, que continua até hoje. A escola foi construída pela comunidade, com cobertura de palha, no ano de 1992. Naquele ano, o professor José Paulo Sampaio começou a trabalhar com os alunos. Depois, entraram outros professores: Waldemar Pinheiro, Evaristo Gomes, José Lopes. Durante esse tempo, os agentes de saúde eram: Abel Nascimento, Paulo Lopes, Francisco Pinheiro e Teodoro Sampaio. Trabalhava também como agente agroflorestal o França Pinheiro.

Waldemar Pinheiro Ibã
Evaristo Gomes Bane
José Paulo Siã
José Lopes Pae

Aldeia Novo Repouso – 1994



Foto: Malu Ochoa

Professor Nicolau Lopes e alunos - Aldeia Novo Repouso

Esta é a história indígena da aldeia Novo Repouso. A primeira chegada à aldeia foi no dia 6 de setembro de 1994. O primeiro morador da aldeia Novo Repouso foi a liderança Francisco Lopes da Silva, conhecido por Pancho. As pessoas começaram a trabalhar juntas, construindo as casas e fazendo os roçados, organizando. O nosso primeiro professor foi o Nicolau Lopes; o primeiro agente agroflorestal foi o Milton Salomão Shane.

A gente trabalhou durante dois anos na aldeia Novo Repouso. Depois de dois anos, nós mudamos para a aldeia Palmari, bem perto onde moravam os Jaminawa. Eles tinham abandonado a aldeia e foram todos para a cidade. Nós saímos da aldeia Novo Repouso porque o barranco estava quebrando e não prestava para morar, era difícil pegar água para beber.

Na aldeia Palmari tinha escola, mas não tinha ninguém para trabalhar. Então o Nicolau transferiu o trabalho para a escola Palmari e na aldeia Repouso não ficou ninguém, ficou tudo abandonado. Nós mudamos para a aldeia Palmari no dia 25 de dezembro de 1997. Lá nós moramos durante dois anos apenas, pois não prestava para morar, não dava para botar muito roçado, não dava para fazer vertente porque era muito baixo. Nosso roçado era muito longe, a mulher levava 30 minutos para ir buscar macaxeira. Aquele lugar também não era plano, tinha somente 150 metros de comprimento e 80 metros de largura, o resto era tudo lá embaixo. A gente fazia um sacrifício para ir buscar alimentação no inverno, precisava de canoa porque embaixo era tudo alagado. Mas a nossa fatura era porque tinham quatro lagos próximos para pescar e, para caçar, levávamos apenas 40 minutos para encontrar animais como porquinho, veado, anta, queixada, macaco etc. No dia 16 de junho de 1999, nós mudamos junto com a nossa família para uma aldeia chamada Novo Recreio.

Este local ficou abandonado durante muito tempo. Somente há alguns anos atrás, aproximadamente em 2008, se mudou para lá a família do Leôncio Salomão que reativou a aldeia Novo Repouso (no local onde era a antiga Palmari).

Cláudio Lopes Augusto Mana
Nicolau Lopes Mana.

Aldeia Dois Irmãos – 1994



Arquivo CPI/AC - 2001

Aldeia Dois Irmãos

As primeiras famílias da aldeia Dois Irmãos vieram da Nova Fronteira. A aldeia foi fundada em um local muito ruim, não tinha igarapé perto. As mulheres reclamavam porque o rio ficava muito longe.

Muitas famílias se mudaram, algumas foram para a aldeia Porto Rico, outras para Nova Fronteira e outras para o município de Santa Rosa. O

motivo era que a liderança tinha dificuldade de administrar o povo, pois não gostava de viajar para participar de reuniões com outras lideranças. Por isso, a comunidade teve que escolher outra pessoa que foi o Evilásio Oliveira, ele tinha interesse de viajar para a cidade e sabia ler e escrever.

A liderança Evilásio começou a viajar e a organizar a aldeia junto com a comunidade. Os líderes antigos começaram a criticar e a falar mal da liderança. Como a liderança não queria viver nessa briga, ele entregou o cargo para o Francisco(Chico) Domingos e foi morar na aldeia Nova Fronteira. Eu, João Domingos, tive o mesmo problema. No dia 15 de dezembro de 2000 entreguei o cargo de professor para o Francisco das Chagas Domingos, o aluno que estudou comigo. Até hoje ele ainda é o professor.

Em 2002, a comunidade mudou a aldeia para um local mais acima, em uma terra bem alta onde tem igarapé e muitas fontes de água boa. Nesse novo local há muitas coisas boas. Quem fez a mudança foi a liderança Chico Domingos. Agora tem um poço artesiano e um barco motorizado, o que não tinha na aldeia antiga. Até hoje esta é a única aldeia onde funciona o sistema de abastecimento de água. Em 2004, o Chico Domingos entregou o cargo para formar a aldeia São Francisco.

Hoje, a liderança da aldeia Dois Irmãos é o Ramon Nascimento; o agente de saúde é o Adinaldo Domingos e o agente agroflorestal é o Sales Setuba. Hoje, a liderança junto com seus representantes e comunidade estão lutando para ampliar e aprofundar a organização na sua aldeia.

João Domingos Tuí

Aldeia Novo Lugar - 1995

A aldeia Novo Lugar foi criada no dia 6 de junho de 1995. Antes de formar a aldeia, era uma colocação. Os primeiros moradores foram um branco chamado Luís Leite que morava lá em 1978 e, depois, o velho Severino Pereira. Depois de dois anos que o Severino foi embora para o Fronteira é que foi para lá o morador Manoel Domingos.



Seu Nicolau Rubinho e Pedro Rubinho – Aldeia Novo Lugar

Ele morou durante quatro anos e voltou para o Fronteira. Depois de um ano, o velho José Rubim e a família do Nicolau Rubim saíram da aldeia Fronteira para o Novo Lugar. Eles saíram do Fronteira porque tinha muita gente, não dava para fazer roçado perto e plantar outros legumes.

A primeira liderança foi o Edvaldo Domingos e ainda é o mesmo até hoje. A escola foi criada em 1997 e já trabalharam nessa escola cinco professores: Cláudio Lopes, Antônio Napoleão, Gilberto Domingos, Carlos Alberto Domingos e Maurício Napoleão. O Agente Indígena de Saúde - AIS surgiu no ano de 1996. Já trabalharam como AIS Adão Feitosa, Edemar Domingos e, hoje, é o Vivaldo Domingos. O Agente Agroflorestal Indígena (AAFI) surgiu no ano de 2000 e até hoje é o Pedro Melo Huni Kuĩ.

Há alguns anos, a aldeia Novo Lugar mudou de local devido à distância do rio e por causa do gado que ficava no meio da aldeia. O novo local é próximo, uns dois quilômetros rio acima, na boca do igarapé Novo Lugar.

Pedro Melo
Antônio Napoleão Bardales Sebidua

Aldeia Morada Nova - 1995

Foto: Marcelo Urquía - 1995



Aldeia Morada Nova

Foto: Marcelo Urquía - 1995



Time de Futebol - Aldeia Morada Nova

As primeiras famílias que chegaram na aldeia Morada Nova, vindas de Cana Recreio, foram as famílias do Arlindo Lauriano e do João Lauriano. A aldeia não mudou de lugar, continua a mesma até hoje, sendo ainda aldeia Morada Nova. A primeira liderança foi o senhor Arlindo Lauriano Huni Kuĩ e até hoje ele permanece.

A escola foi criada no dia 10 de junho de 1998. O primeiro professor foi o Armando Augusto, hoje é o José Arlindo Huni Kuĩ. O agente de saúde(AIS) surgiu no ano de 1998 e foi o Roberto Salomão. Antes, ele trabalhava com ervas medicinais, por isso a comunidade o escolheu para cuidar da saúde dos povos. Hoje o AIS é o Ciro Lopes. O

agente agroflorestal (AAFI) surgiu no ano de 2002 e foi o Eduardo Barroso que trabalhava na agricultura. Hoje o AAFI é o Pedro Rufino.

Armando Augusto Isaka

Aldeia Porto Rico - 1999

A aldeia Porto Rico foi criada no dia 25 de maio do ano de 1999. Seus primeiros moradores foram Raimundo Nonato, Jorge Luis Nonato, Roberto Lopes, Máximo Nonato, André Lopes, Antônio Nonato, Júlio Oliveira, Ciro Lopes, Mário Nonato e Otávio Oliveira. Todas essas famílias moravam na antiga aldeia Cana Recreio. Nós saímos de lá devido à dificuldade do porto que dava aproximadamente uma distância de 800 metros. No tempo do inverno era muita lama, era difícil carregar as coisas para viajar. Quando a Secretaria de Educação vinha visitar ou deixar merenda, eles não levavam até a aldeia porque era muito longe. Outro problema da aldeia era o gado. Nós não podíamos fazer nosso roçado perto de casa porque o gado acabava com tudo. Nós também não podíamos beber água limpa porque o gado arrombava tudo. O gado dormia no terreiro, dava um mau cheiro de excremento. Enfim, não dava certo e por isso nós mudamos de lugar.



Desenho de Tomas Rodrigues Huni Kuĩ – Aldeia Porto Rico

A primeira liderança da aldeia Porto Rico foi o Roberto Lopes, o segundo foi o Rubim Mario da Silva e o terceiro foi o Gonçalves Nonato Oliveira Huni Kuĩ. Hoje o cacique é o Lucas Nonato.

Com relação à escola, ela foi transferida da antiga aldeia com o mesmo nome: Escola Estadual São João Batista. Nessa escola, quem trabalhou primeiro foi o professor Raimundo Nonato, funcionário da Funai. Mas ele foi transferido para o município e no lugar dele ficou o Roberto Lopes Mateus. Hoje, lá funciona um polo de educação fundamental de 5ª a 8ª séries com muitos professores já licenciados.

Com relação à saúde, no ano de 1998 a comunidade se reuniu e me escolheu como agente de saúde. Hoje, o agente de saúde é o Andrés Lopes.

No ano de 2001, a comunidade se reuniu para eleger uma pessoa como agente agroflorestal, o Tomás Nonato Huni Kuĩ, que permanece até hoje.

Vamos continuar lutando para conseguir a melhoria da nossa aldeia, tanto na saúde, como na educação e na produção.

Jorge Luís Nonato Mateus

Aldeia Novo Marinho – 2000

O primeiro morador da aldeia Marinho foi Severino Pereira e sua família. Eles saíram da aldeia Fronteira mais ou menos no ano de 1993.

Nós saímos da aldeia Marinho por motivo de água, porque lá era tudo muito baixo; para pegar água na terra firme a gente levava 25 minutos. Então, nós saímos para procurar outro lugar melhor para morar.

Nós éramos 13 famílias e mudamos no dia 16 de janeiro do ano de 2000. Fomos nove pessoas para abrir esse novo lugar para morar, gastamos nove dias de broca. Então tocamos fogo e um homem chamado Edilson construiu a sua casa. Depois, cada um saiu para construir o seu novo lugar. O novo local passou a se chamar aldeia Novo Marinho.



Aldeia Novo Marinho

Neste local nós terminamos com a criação de porco por causa de doença, agora nós só temos criação de boi. Mas a comunidade não sabe nada sobre criação de boi, tem que

colocar bem distante, porque senão ele vai comer todos os nossos legumes e vai estragar todo o nosso alimento.

A liderança Agenor Pereira lutou para conseguir a melhoria da comunidade. Nós trabalhamos unidos com todos os pais de família, como eu também sou. Eu trabalho na educação para poder educar os alunos. Atualmente, funciona nesta aldeia uma Escola . Polo que atende alunos de 5ª a 8ª série.

Hérico Prado Txuã

A multiplicação das aldeias

Nos anos 70, surgiram as primeiras comunidades huni kuĩ no Purus. As comunidades começaram a se expandir com a ideia de que os brancos saíssem o mais rápido possível da terra para que ela fosse ocupada só pelos indígenas, com suas próprias organizações e representantes locais.

No início da formação de uma aldeia sempre ocorre tudo bem. Com o passar do tempo, por conta do crescimento da população, por divergências das famílias ou pela dificuldade de criar animais ou colocar os roçados próximos à aldeia, as famílias se desmembram e formam novas aldeias.

Até os anos 90 este era um processo lento, mas a partir do ano de 2002, o processo de formação de novas pequenas aldeias tem acelerado bastante. A fundação do município de Santa Rosa tem motivado muitas famílias a formarem novas aldeias com o intuito de colocar um novo professor, agente de saúde, agente agroflorestal, agente de saneamento (AISAN) e parteira.

Por um lado, a formação de novas e pequenas aldeias tem sido importante para a melhor ocupação da terra, pois dificulta a entrada de invasores. Mas a criação dessas novas aldeias trouxe alguns problemas para a organização dos Huni Kuĩ, porque estamos quase todos divididos através da política partidária e os programas de governo que chegam às comunidades fazem com que as famílias se dividam muito mais. Também trouxe problemas para a subsistência das comunidades, dificultando um pouco a questão da caça e pesca.

Hoje estamos lutando pela conscientização do povo Huni Kuĩ para que possamos nos unir mais e fortalecer as nossas organizações e associações para que não passemos a viver manipulados pela política partidária, religião e divergências entre famílias.

Adalberto Domingos Maru

Aldeia Nova Vida - 1999

A aldeia Nova Vida foi fundada em 1999 por três famílias: Ozório Sereno, Américo Sereno e Paulo Lopes. Hoje a população cresceu, são dez famílias que moram na aldeia Nova Vida. As famílias Sereno e Lopes já moraram em vários lugares; eles vieram do Peru para o Brasil e já moraram no Recreio, Fronteira e Moema.

Francisco Pereira Bina

Aldeia Porto Alegre -2000

Esta história é referente à aldeia Porto Alegre, fundada no ano de 2000. Os fundadores desta aldeia foram as famílias de Augusto. Essas famílias são muito “retirantes”, eles já moraram em várias aldeias e gostam de viajar para o Peru, para o município de Esperança, que fica a 12 horas de distância do município de Santa Rosa. Hoje essas famílias moram nesta aldeia que eles fundaram com o interesse de agregar espaço à área indígena e para não haver invasão com relação aos recursos naturais. Este foi o motivo de fundar estas novas aldeias.

Na aldeia Porto Alegre moram dez famílias. Tem liderança, professor, agente de saúde, agente agroflorestal e outros estudantes bilíngues indígenas do povo pano Huni Kuĩ. Esta é a história da aldeia Porto Alegre, escrita pelo agente agroflorestal da aldeia Nova Moema.

Francisco Pereira Bina

Aldeia Nova Fortaleza - 2000

A aldeia Nova Fortaleza foi fundada no ano de 2000. No dia 9 de junho começamos a brocar. Depois da broca, tocamos fogo e construímos duas casas. Os primeiros moradores foram Manoel Domingos Huni Kuĩ e Cesário Domingos Huni Kuĩ junto com seus filhos. Essas pessoas criaram essa aldeia para criarem seus filhos dentro de seus conhecimentos.

Antes, nós morávamos em uma colocação que pertencia à Nova Fronteira, mas era distante da escola. Como eu era aluno da 5ª série, chegou o meu entendimento e comecei a juntar os meus tios, meu pai, minha mãe e irmãos para uma reunião na casa do meu pai para perguntar se eles estavam de acordo em criar uma nova aldeia. Graças a Deus, no ano de 2003 foi construída uma escola. Antes eu era aluno e hoje sou professor.

A primeira liderança escolhida foi o Manoel Batista Pereira, hoje é o Adelson Batista. Ele também é o agente agroflorestal. O agente de saúde é o Vivaldo Domingos Huni Kuĩ.

Cada vez mais a população da aldeia está aumentando. Se não fosse eu, nós nunca teríamos formado uma aldeia. Eu tenho muito prazer em ajudar a minha comunidade; hoje estou aqui no curso para ter mais conhecimento para repassar aos meus alunos.



Alunos indo para escola- aldeia Novo Repouso - Foto: Malu Ochoa - 1998



Criança huni kuĩ - Foto: Malu Ochoa - 1995

Aldeia São Francisco - 2004

Por volta de 2004, Chico Domingos deixa o cargo de liderança da aldeia Dois Irmãos e, somente com seus filhos, cria a aldeia São Francisco. Este nome foi batizado por Padre Paulino Baldassari. De primeiro, este local tinha sido aberto para criar galinha, pato, porco e ovelha, mas como ele já tinha se acostumado como cacique, organizou o local como uma aldeia, colocando os membros que precisava.

Por ter sido formada às margens do rio, onde o barranco costuma desmoronar, há alguns anos atrás São Francisco perdeu toda a estrutura que já tinha sido feita, desde o plantio de frutíferas até as casas.

Hoje, São Francisco está localizada na terra firme e suas casas são de madeira cerrada. A aldeia possui escola, radiofonia e Casa de Daime. Seus membros, a quem chamamos atores sociais, são: cacique Chico Domingos, professor Romualdo Domingos, AIS Edison Domingos, AAFI Pedro Pereira, parteira Nonata Domingos e mecânico Ribamar Domingos.

São Francisco é organizada economicamente com a criação de galinha, porco, ovelha, pato e produção de farinha, feijão, arroz, melancia e banana. É uma aldeia que sempre se preocupa em não faltar produção agrícola para a comunidade.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

Aldeia 6 de Julho - 2007

A aldeia 6 de Julho, fundada no dia 6 de julho de 2007, está no local onde antes era a aldeia Marinho. A primeira família desta aldeia foi a de Osmar Domingos. Depois que ele saiu da Nova Fronteira foi morar na aldeia Dois irmãos, mas não se entendendo com a situação organizacional da educação, saúde e, principalmente, do controle social, resolveram formar a aldeia 6 de Julho. Hoje, o cacique é o Carlos Rubim, professor Francisco Domingos, AIS Sebastião Domingos, AAFI Decio Rubim e o conselho local de saúde Celso Rubim.

Após a família de Osmar Domingos estar instalada, chegou a família de José Rubim (Zé Nicolau). Ele veio da aldeia Novo Lugar pelo mesmo motivo, tentando organizar seu povo para construir uma comunidade unida.

A aldeia 6 de Julho é uma aldeia que tem problemas de água, pois a água potável se encontra a uma distância de 20 minutos da aldeia. Na alagação de 2012 esta aldeia teve suas casas inundadas e tiveram que se deslocar para as casas de farinha. A 6 de Julho é uma aldeia de povo humilde, trabalhador e hospitaleiro, está sempre de portas abertas para você!

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

Aldeia Nova Família - 2007

A aldeia Nova Família antes fazia parte da aldeia Nova Aliança. Lá morava o Chico Batista com sua esposa e seus filhos. Quando o Chico Batista saiu de lá, quem tomou de conta do local foi a família de Estevão Ramiro, seus filhos e seus genros. Todos eles recebiam assistência de saúde e educação da Nova Aliança. Aproximadamente no ano de 2007, o local passou a ser reconhecido como aldeia e o responsável passou a ser o Alciano Estevão que antes já era vice-cacique da Aldeia Nova Aliança.

Aldeia Nova Mudança - 2008



Foto: Francisco Bardales

Mulheres huni kuĩ - aldeia Nova Mudança

A aldeia Nova Mudança, também chamada de *Txana Muru*, foi fundada no dia 26 de julho de 2008. Os fundadores foram Antonio Napoleão Bardales, Francisco Bardales, Miguel Bardales, Afonso Bardales, Edimar Domingos, Manoel Napoleão, Manoel Bardales, Lorenço Bardales, Ronaldo Bardales, e as acompanhantes Elsa Napoleão, Maria Socorro Domingos e Frei Bardales. Foram essas pessoas que começaram a brocar para formar uma aldeia.

Antonio Napoleão morava na aldeia Novo Marinho e o resto do pessoal morava na aldeia Porto Rico. Foi a aldeia Nova Mudança que abriu com a ideia de preservar a cultura huni kuĩ. Antes, era tudo animado com as brincadeiras e festas como *katxanawa*, *bunawa*, *nixpu pima*, *hai ika* e outros, mas hoje não fazem mais esses tipos de festa e brincadeira. Na aldeia onde eu morava antes, tentei organizar, mas não consegui fazer do jeito que eu queria. Foi por isso que comecei a pensar em juntar todos meus familiares para começar a trabalhar a partir da família, ensinando as cantorias que aprendemos pesquisando com o velho Chico Nonato e velho Leôncio Salomão. Foi por isso até que colocamos este nome de Nova Mudança, para mudar de ensinamentos e de trabalhos.

Nossos filhos que antes não sabiam cantar *katxanawa*, agora já cantam; não sabiam cantar *nixi pae*, agora já cantam; não sabiam contar histórias, agora já contam; não sabíamos remédios tradicionais, agora já sabem. Neste local foi criado um Centro de Treinamento de Cultura Huni Kuĩ para ensinar somente a cultura huni kuĩ. O administrador desse centro sou eu, Antônio Napoleão; o coordenador geral e diretor de cultura é o Francisco Bardales. Fomos nós que pensamos e estamos realizando este trabalho.

Desde que fundamos a aldeia, a liderança sou eu, porque meus irmãos me indicaram para assumir esta responsabilidade de representar eles. O professor é o Francisco Bardales, o agente de saúde é o Miguel Bardales, o agente agroflorestal é o Orley Napoleão Bardales e a representante das mulheres é a Susana Nonato. Mas agora, no dia 10 de maio de 2012, houve a mudança da liderança, porque atualmente estou assumindo o cargo de coordenador da Organização dos Povos Huni Kuĩ do Alto Rio Purus (OPIHARP) e terei que viajar muito para participar de encontros. Hoje, então, a liderança da aldeia é o Francisco Bardales. A aldeia Nova Mudança tem 17 famílias, 16 casas e uma população total de 68 pessoas.

A aldeia tem seus professores: Edimilson Estevão e Rubinho Maria, agente indígena de saneamento - AIS Francisco Pinheiro, conselho local de saúde Arnaldo Estevão e atores sociais que lutam para organizar a aldeia. A distância da Nova Família para Nova Aliança é de apenas 400 metros.

Antonio Napoleão Bardales Sebidua

Tomando rapé - Foto Francisco Bardales - 2013



A relação entre os Huni Kuĩ e os Madja

Em algumas aldeias, os Huni Kuĩ e os Madja são vizinhos. Anteriormente, os Madja não deixavam os Huni Kuĩ criarem a sua aldeia, nem deixavam pescar no lago, eles diziam que a terra era somente deles. Eles não entendiam que esta terra é dos indígenas e que os Huni Kuĩ também podem morar e cuidar da terra. Em 2008, houve muito problema com a criação da aldeia Nova Mudança. Eles queimaram as palhas e os barracões, levaram machado, terçado, até panelas levaram para não deixarem criar a aldeia. Mas este não era o pensamento dos próprios Madja, mas da liderança antiga. Isto foi comprovado por mim que conversei com eles. Mesmo assim não aconteceu nada de problema grave, foram somente ameaças.

Hoje em dia, os Madja vão às nossas aldeias brincar com bola, vão para a igreja de Huni Kuĩ, até caçam no caminho do Huni Kuĩ. Os Huni Kuĩ não têm mais problema com os Madja. Os Huni Kuĩ andam na aldeia do Madja, batem bola com eles, convidam para festa de mariri e para tomar daime.

Hoje não acontece mais isso com os Madja, porque todo mundo é crente. Os Madja não têm medo dos Huni Kuĩ e os Huni Kuĩ não têm medo dos Madja. Existe uma aliança entre os Huni Kuĩ e os Madja. Estamos ensinando e aprendendo com eles, intercâmbio de língua, cantoria e os conhecimentos tradicionais, como remédio, história e outros.

Antonio Napoleão Bardales Sebidua



Aldeia Nova Jericó - 2009

As primeiras famílias que iniciaram a criação da aldeia Nova Jericó foram as de Faustino Lauriano e Eduardo Barroso, junto com seus irmãos e cunhados. Todos eles vieram das aldeias Morada Nova e Nova Família. Nessa aldeia tem liderança, professor e agentes de saúde, pois nas aldeias em que moravam não estavam tendo oportunidade.

Criada em 2009, a aldeia Nova Jericó já recebeu a estrutura de um prédio de escola. O professor é Joel Lauriano, AIS Lino Pinheiro, AAFI Jocelino Lopes e cacique Eduardo Barroso.

Algumas famílias, como a de Faustino, já retornaram para as suas aldeias de origem (Morada Nova), mas continuam lutando para se organizar social, política e economicamente para sua própria sustentabilidade.

Os roçados desta aldeia são feitos em terras baixas, por isso, em 2012, ela foi atingida por uma grande alagação, perdendo assim toda sua produção agrícola. A caça é difícil, por isso vivem mais do consumo de peixe dos lagos de Nova Liberdade e Morada Nova.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

Aldeia Santa Maria - 2009

A aldeia Santa Maria foi fundada em 2009 pelo senhor José Barroso. Antes, José Barroso morava na aldeia Nova Fronteira. Em 2005 ele foi embora para Santa Rosa porque tinha duas filhas morando no município. Somente em 2009 ele resolveu voltar para a terra indígena, decidido a abrir uma colônia para criar porcos e galinhas. Ele morava sozinho, mas com a chegada de seus genros e filhos, ele resolveu formar uma comunidade. Hoje já existem 6 casas, 6 famílias e 34 pessoas, todos de sua família. O cacique é o Alcemir Barbosa, o agente agroflorestal é o Mauricélio Rodrigues e o agente de saúde é o Rostene Rodrigues. Por ser muito nova, a comunidade não tem nenhuma estrutura.

Adalberto Domingos Maru

Aldeia São Vicente - 2010

Antes, na aldeia São Vicente, moravam os Madja, João Maia e sua família. Eles saíram porque teve briga entre eles, o filho do João Maia matou o finado Abdão Kulina. Foi então que chegou Afonso Pereira Huni Kuĩ e sua família. Isto foi no ano de 2010. Eles vieram da aldeia Porto Alegre com a ideia de terem seu próprio professor, liderança, merendeira e agente agroflorestal. Hoje, a liderança é Afonso Pereira Pinheiro Huni Kuĩ. A aldeia ainda não tem escola construída, tem 11 famílias, 6 casas e 62 pessoas.

Antônio Napoleão Bardales Sebidua

Aldeia Liberdade - 2010

A aldeia Liberdade foi fundada em 17 de julho de 2010 por Sabino Moisés e seus filhos. Antes, o Sabino morava na aldeia Nova Aliança. Ele migrou para o município de Santa Rosa no ano de 2000 em busca de melhoria para o sustento de sua família. Não tendo nenhum apoio do prefeito, resolveu voltar para a terra indígena já decidido a formar a sua própria aldeia junto com sua família. Na aldeia Liberdade, atualmente, existe somente um transporte para os alunos, 7 famílias, 2 casas e 30 pessoas. Por ser uma aldeia muito nova, não tem estrutura nenhuma.

Adalberto Domingos Maru

Aldeia Canaã

A primeira pessoa que abriu o local onde hoje é a aldeia Canaã foi o senhor Otávio Romão, pois ele nunca gostou de morar junto com outras famílias. Antes de abrir e ir morar nesse local, ele morava na aldeia Morada Nova. Quando ele brocou o local, o povo do Marinho resolveu se mudar para lá, junto da família do Otávio, mas depois decidiram ir para o Novo Marinho e o Otávio também foi com eles.

Depois de aproximadamente dois anos, o senhor Aduino Batista saiu da aldeia Morada Nova e reativou o local que o Otávio havia aberto para morar junto com seus filhos e os filhos de sua esposa. O Aduino era viúvo e a sua esposa, Maria Feitosa, era solteira, mas tinha filhos. Quando o Aduino estava organizando a sua aldeia, passou o Padre Paulino fazendo a desobriga e colocou o nome da aldeia de Canaã.

Atualmente, existem 7 famílias, 6 casas e 41 pessoas. O cacique da aldeia é o Francimar Rodrigues, o professor Eudes Rubim, AAFI Isaquiel e o agente de saúde Sales Feitosa. Na comunidade já existe escola.

Adalberto Domingos Maru

Aldeia Monte Siã - 2010

Monte Siã, fundada em 2010, é a mais nova aldeia dos Huni Kuĩ do Alto Purus. A sua criação se deu por desmembramento de algumas famílias Romão e Domingos, vindas da aldeia Novo Marinho.

Otávio Romão sempre teve o hábito de morar um pouco distante das outras famílias. Vendo a dificuldade de controlar os animais que ele criava na aldeia Novo Marinho, ele resolveu abrir um local abaixo da aldeia, onde já era o seu roçado. Antes disso, um grupo de pessoas lideradas por Evilazio Estevão (Cará), vindas das aldeias Novo Recreio, Morada Nova e Nova Aliança à procura de um novo local para morar, incentivaram seu tio Otávio Romão a abrir este local. O local foi brocado, mas as famílias de Cará não vieram. Mesmo assim, ele continuou a construção de sua casa junto com seu filho, pensando em fortalecer a criação de galinha e porco. Vendo o trabalho de Otávio, juntaram-se a ele a família de Raimundo Domingos, que hoje é o cacique da aldeia.

Por ser nova, a aldeia ainda não tem muita estrutura. Os alunos estudam em casa de palha construída pela própria comunidade. O sonho da comunidade é ter professor, AIS, AAFI e AISAN contratados para se tornar uma aldeia melhor reconhecida dentro da terra indígena.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

A criação de novas aldeias: pontos positivos e negativos

Como já vimos nos capítulos anteriores, a primeira aldeia criada na década de 70 foi a Fronteira e a segunda foi Cana Recreio.

Nos anos 90, foram criadas várias aldeias, o que chamamos de segunda geração das aldeias, ou seja, a segunda fase de criação das aldeias huni kuĩ do Purus. Nesta fase, a criação de novas aldeias se dá devido à escassez dos recursos naturais utilizados para a sobrevivência das comunidades, como caça, pesca e materiais para a construção das casas, além da dificuldade de encontrar locais próximos para os roçados. Outra causa para o surgimento de novas aldeias nesta época foi a preocupação de fiscalizar a terra para que não houvesse invasões. Também se pensou na construção de mais escolas, com mais professores indígenas, e de uma estrutura básica para que os agentes indígenas de saúde e agentes agroflorestais indígenas pudessem desenvolver seus trabalhos com suas comunidades. Nesta fase, foi isto que motivou os Huni Kuĩ a se deslocarem de suas aldeias antigas e criarem novas aldeias.

Chamo de terceira geração, ou terceira fase de criação das aldeias, a década de 2000. Esta foi uma década em que não houve controle nem por parte de quem liderava as aldeias já existentes, muito menos por quem tinha interesses e estava criando novas aldeias. Desta vez, a criação de novas aldeias se deu não mais devido às necessidades enfrentadas nos anos 90, mas sim por causa das políticas públicas e benefícios sociais implantados pelos governos federal, estadual e municipal.

As aldeias criadas nesta terceira fase são constituídas por uma só família, com um sobrenome e um número elevado de pessoas. Em consonância com os interesses do município, eles são beneficiados com cargos de professor, agentes de saúde, fiscal de escola e merendeiras, sem pensar que no futuro serão forçados a retribuir com votos nas eleições municipais, comprometendo assim a conduta moral de seu povo.

Por outro lado, um ponto positivo deste processo é a geração e a valorização da cultura e tradição praticadas em cada aldeia. Através dessas práticas, estão surgindo novos atores, com novas perspectivas de vida e de organização, criando assim suas formas de organização política, econômica, social e cultural. A fiscalização da terra indígena se tornou mais eficaz, não há mais como ter invasões sobre os recursos naturais que são de usufruto exclusivo das comunidades indígenas.

Os pontos negativos, como já disse, são os comprometimentos assumidos pelos Huni Kuĩ por conta dos benefícios sociais implantados pelos governos. Preocupados com isso, hoje os Huni Kuĩ permanecem menos tempo nas aldeias, deixando de cultivar sua produção agrícola, de produzir seus artesanatos e de praticar suas danças e culinárias.

Outro ponto negativo foi a migração de pessoas vindas de outro país contaminadas por doenças transmissíveis como Hepatite B e as DST. A Funai, órgão responsável pela fiscalização da migração de indígenas, não tomou providências e os beneficiou com a regularização de suas documentações, motivando assim a migração excessiva de índios vindos do país vizinho (Peru), sem se preocupar com o crescimento incontrolável de contaminação das doenças acima mencionadas.

Mais um ponto negativo é a dificuldade de união entre os atores sociais da terra indígena, pois cada um pensa e faz diferente em prol do benefício próprio de suas aldeias. Não se ouve mais os conselhos de Mário Domingos ou de Pancho quando era vivo. Tudo está diferente dos tempos da década de 70, muitas aldeias estão organizadas por influências políticas partidárias, deixando a política indígena ser apenas uma lembrança que ficou no passado.

O futuro é trabalhar a reorganização das aldeias com sua estrutura tradicional, fortalecendo a sua religião, economia, política social e cultural e olhando para a sociedade envolvente com autonomia de se representar e interpretar sem ser manipulado por pessoas que só pensam em seu bem estar. Temos que nos fazer respeitar para que possamos nos organizar da forma que o índio pensa. O futuro das aldeias é fortalecer a organização maior da Terra Indígena (OPIHKRP) para buscar projetos de fortalecimento e sustentabilidade para as aldeias e trabalhar com as associações no fortalecimento da produção agrícola para a geração de renda e melhoria da saúde alimentar e nutricional de cada aldeia.

O nosso futuro é ser sempre Huni Kuĩ, pois só assim seremos verdadeiros. Com humildade, dignidade e atitudes próprias, representaremos sempre os nossos antepassados e as futuras gerações levarão com eles a nossa coragem e vontade de lutar para fazer diferente.

Francisco das Chagas Domingos Bina



Edivaldo Domingos e Antonia Feitosa - Foto: Francisco Bardales - 2013



Edivaldo Domingos preparando rapé - Foto: Francisco Bardales, 2013

Aldeias Huni Kuĩ

	POPULAÇÃO	FAMÍLIAS	PROJETOS
Novo Repouso	132	14	Revitalização de Katxanawa
Nova	30	7	Artesanato da Aldeia
Nova Jericó	37	6	Agricultura e Práticas Culturais
Nova Família	169	34	Agricultura e Práticas Culturais
Nova Aliança	176	32	Agricultura e Práticas Culturais
Morada Nova	74	17	Agricultura e Práticas Culturais
Novo Recreio	19	118	Agricultura e Práticas Culturais
Nova Fortaleza	12	75	Agricultura e Práticas Culturais
Nova Fronteira	137	25	Agricultura e Práticas Culturais
Novo Lugar	96	16	Revitalização de Katxanawa
Nova Moema	79	13	
6 de julho	54	10	Revitalização de Katxanawa. Construção de Cupixaua
Nova Canaã	41	7	
Dois Irmãos	75	13	Plantas Medicinais, Artesanato
São Francisco	46	8	Katxa, Niki Pae
Santa Maria	34	6	Casa da Farinha
Povo Vencedor	32	9	Plantas Medicinais, Criação de abelha, açude
Monte Siã	89	9	Revitalização de Cantoria e Niki
Novo Marinho	143	30	Revitalização de Cultura, Katxanawa, Niki Pae
Novo	65	12	Produção, Plantação
Porto Rico	162	42	Projeto de Cupixaua e artesanato
São Vicente	62	11	Plantação de medicina, viveiro de
Nova Vida	66	14	Produção de arroz, banana, criação, avicultura
Nova Mudança	68	17	Fortalecimento de cultura
Total: 24 aldeias	1898	545	

Levantamento realizado por Antônio Napoleão Sebidua, coordenador da OPIHARP - abril de 2012.

CAPÍTULO 5



Herico Prado e João Domingos, aldeia Dois Irmãos – Acervo CPI/AC

ECONOMIA E ORGANIZAÇÃO

Haska dayai nũ hiwe kũkidã xina inũ eskatiã nũ hiwea

A luta continua, como sempre falamos. Que luta? A luta para trabalhar, plantar e criar nossos filhos. Como sou o cacique mais antigo, estou sempre em reunião com meus parentes em outras aldeias. Qualquer problema, nós reunimos e entramos em acordo. Então nessa parte nós vamos continuar a luta. Não é brigar, é ensinar quem não sabe, quem não entende. Os caciques têm que ensinar os mais novos.

Depoimento de Mário Domingos Yube, 2003



Oficina de etnozoneamento, aldeia Nova Aliança - SEMA - 2012

A economia antes da demarcação da terra indígena (final dos anos 70)

Os primeiros produtos direcionados para a comercialização na aldeia Fronteira foram borracha, milho, arroz, farinha, criação (galinha e gado), carne de caça e peles de fantasia. Eles produziam seus produtos e vendiam para o marreteiro ou para o patrão dos seringais Mamoriá e Triunfo.

A borracha de seringa era o produto mais comercializado naquele tempo. Em 1978, a borracha era produzida por cinco índios seringueiros numa colocação chamada Centrinho. Os nomes desses índios eram: Maurício Domingos Huni Kuĩ, Osmar Domingos Huni Kuĩ, Américo Domingos Huni Kuĩ, Edgar Domingos Huni Kuĩ e Araquem Pereira Olhama. Tanto os velhos quanto os jovens trabalhavam na produção. Os jovens cuidavam do corte da seringa e os velhos cuidavam do roçado que era usado para subsistência e comercialização.

Havia outra colocação chamada Recreio onde dois seringueiros produziam a borracha que era entregue ao cantineiro que era o próprio cacique Mário Domingos Huni Kuĩ. Naquele tempo havia outros seringueiros que moravam na aldeia e que também produziam borracha. Quem não cortava seringa vendia porco, arroz, galinha e gado. Naquela época, era muito forte a produção de arroz, eram produzidas em torno de 5 mil toneladas.

Adalberto Domingos Maru
Jorge Domingos Naxima
João Domingos Tuĩ

Seringueiro Kaxinawá - Acervo CPI/AC - 1998



A Cooperativa

Quando surgiu o primeiro projeto de cooperativa, em 1981, a comunidade tornou-se independente dos marreteiros e do patrão. A cooperativa funcionava com vários funcionários: cantineiro, capataz, guarda-livros, entre outros. A produção era feita para ser vendida na cidade e o responsável pela troca e venda dessa mercadoria era o próprio cantineiro da comunidade. Havia ainda uma pessoa responsável por fazer a frente do trabalho que era chamado de capataz do serviço. Naquele tempo, essa pessoa era o Roberto Domingos Huni Kuĩ. O administrador era a liderança Mário Domingos Huni Kuĩ que incentivava e orientava o seu povo para todas essas atividades de trabalho.

Depois da organização da cooperativa, a comunidade passou a produzir bastante farinha, arroz, carne e criação. Essa produção era entregue ao cantineiro que levava os produtos para o município de Manoel Urbano, onde eram vendidos para comprar alguma coisa que a comunidade necessitava. O cantineiro era o nosso tio, Francisco Domingos (Chico Domingos).

Adalberto Domingos Maru
Jorge Domingos Naxima
João Domingos Tuĩ

As lideranças antigas faziam um bom trabalho

Antes, a comunidade trabalhava mais unida e as pessoas eram mais obedientes. Tudo que sua liderança mandava fazer, eles faziam. Eles também recebiam muitas coisas do projeto, já que todas as coisas eram mandadas para a comunidade da Fronteira. Naquele tempo, todos os povos que hoje formam as novas aldeias moravam na aldeia Fronteira e o projeto que vinha era dividido apenas com aquela comunidade, pois não existiam outras aldeias.

Hoje, várias coisas estão mudadas nas comunidades do Alto Purus, já que muitas pessoas novas estão se transformando em liderança da sua comunidade. O problema é que essas pessoas não sabem fazer um trabalho tão bom como as lideranças antigas faziam no tempo passado.

João Domingos Tuĩ

A economia na década de 90

Foto: Adriano Dias



Pisando amendoim - aldeia Nova Fronteira

A economia desenvolvida na comunidade Nova Fronteira ocorre por meio da produção de farinha, arroz, criação de animais e artesanato. Esta produção é para a comercialização e para o consumo de algumas comunidades grandes.

A Nova Fronteira está vendendo farinha para o município de Santa Rosa e as outras comunidades estão começando a trabalhar com agricultura e com criações. Elas produzem não só para a subsistência das famílias, mas para comercializar também, já que estão começando a receber dinheiro para a compra de maquinários como gerador, peladeira de arroz, engenho de ferro, arreamento (kit) para casa de farinha e barco motorizado para transportar os produtos das comunidades para o município. Esses maquinários são financiados principalmente pelos políticos. Muitas coisas são doadas para as comunidades maiores, sendo que as comunidades pequenas ainda estão na promessa de receber os mesmos objetos.

Cada um de nós tem roçados. Nós plantamos roças de milho, arroz, banana, taioba, cana, cará, mamão, batata e tinguí. Tudo isso nós produzimos para o nosso consumo, para comercializar um pouco e para trocar com os outros parentes por coisas que a gente precisa.

Os aposentados, quando vão receber seus salários, também trocam algumas coisas com os parentes. Na economia de hoje também tem os funcionários professores. Eles também trocam algumas coisas que trazem da cidade com a gente.

Adalberto Domingos Maru
Jorge Domingos Naxima
João Domingos Tuí

Preparo do tinguí - aldeia Novo Lugar - Foto: Adriano Dias



Economia da floresta

Na nossa floresta existem muitas qualidades de árvores, como gameleira, samaúma, ouricuri, pupunha, jatobá, manixi, envira, aguano, cumaru de cheiro, pau d'arco, coco, frutas, remédio, madeira, palha. Estes são recursos muito importantes para nós.

No nosso roçado nós produzimos macaxeira, que chamamos atsa, *shatxi* (arroz), *pua* (cará), inhame, batata doce, *tama* (mudubim), batata, banana, *mani kuin* (banana cumprida), ananás, abacaxi, tangerina, laranja, graviola, mamão... São esses tipos de



Foto: Adriano Dias

Agente agroflorestal indígena Francisco Pereira de Aguiar Bina

plântio que são plantados por nós, índios. Esses são os nossos produtos. Essa produção significa *yunu ãnibãu* (fatura).

Uma comunidade pode consumir de 80% a 100% de sua própria produção que ela mesma vai estar bem. Dos 100%, ela pode tirar 20% para vender só para comprar alguma mercadoria por fora. É importante a comunidade manter uma quantidade que lhe dê condições de sobreviver.

Os animais que são criados pelos índios Huni Kuĩ são: galinha, pato, porco, gato, cachorro, boi, vaca, porco, ovelha, bode.

Com relação ao artesanato produzido na aldeia, a índia produz o algodão dos antigos, mas é um pouco diferente do tecido que é produzido por cada nação. Também são produzidos paneiro, rede, capanga, pulseira, cerâmica de barro, cesta, abano, vassoura, chapéu de taboca, arco, flecha. O lugar melhor para vender artesanato é Rio Branco, São Paulo, Rio de Janeiro, onde tem mais saída.

A madeira, nós tiramos da floresta, mas não comercializamos. O cedro, envira, mulateiro, mutamba, maçaranduba e outros, nós usamos na construção de casa, escolas, cantinas, posto de saúde, cabo para machado etc. Usamos também a madeira para fazer fogo; cozinhamos a nossa comida e queimamos a cerâmica.

Na nossa mata existem muitas palmeiras das quais aproveitamos o coco, que serve para comer; as palhas são para as coberturas das casas e a paxiúba serve para fazer o assoalho. E também temos a mata de terra firme ou alta para fazer o roçado.

Nonato Domingos Tuĩ

Economia e organização hoje em Nova Mudança

Na aldeia Nova Mudança são cultivados diversos legumes como mandioca, banana, amendoim, batata, mamão, cana, arroz, jerimum, milho. Essa produção não é para comercializar na cidade, é somente para consumo dos familiares e para vender para a escola, para regionalizar a merenda escolar. Começamos a vender a nossa produção para a escola no ano passado, 2011.

O nosso roçado (mandioca e mamão) está estragando, porque não temos os materiais como kits de casa da farinha para produzir a farinha e vender na cidade de Santa Rosa e comprar o que nós precisamos, como óleo diesel, terçado, machado, roupa, sal e sabão.

Isto não quer dizer que nós não temos nada, nós temos sim uma cooperativa na aldeia. Quem toma conta dessa cooperativa é o professor Francisco Bardales, que é o tesoureiro da cooperativa, e quem cuida do armazenamento é o velho Agustinho Pinheiro. Não é uma casa bem feita, mas temos uma casa de palha com parede de paxiúba onde temos açúcar, sal, sabão, palheta de motor, óleo diesel, isqueiro, terçado e outros mais. Toda esta organização vem da minha administração, quando eu era liderança. Agora, quem está administrando é o Francisco Bardales a quem eu entreguei meu cargo de liderança. Talvez, daqui para frente será administrado de forma diferente.

Antonio Napoleão Bardales Sebidua

Economia e organização na aldeia Nova Moema

Nós, atores sociais da aldeia Nova Moema, estamos trabalhando em nossa comunidade de acordo ao calendário da nossa organização local. Nós preferimos o final de semana ou a noite para fazer a nossa reunião e as pessoas que forem falar devem ter as horas certas para não tomar muito tempo. Utilizamos a ética da economia não só na reunião, utilizamos em várias atividades para comprar ou negociar algum objeto. Eu vou basear o preço de acordo com a quantidade de dinheiro que eu tiver, porque se eu não planejar, posso ficar sem nenhum centavo. Isto acontece em qualquer momento. A economia é muito importante. Quem entende não perde nenhum centavo, só ganha o troco de volta. Esta ciência é pra qualquer tipo de negócio de venda ou compra.

Francisco Pereira de Aguiar Bina

A economia nas aldeias hoje

Atualmente, a economia de algumas comunidades huni kuĩ do Alto Purus tem se diversificado bastante. Hoje, não se trabalha mais com seringa e também não se trabalha mais só com agricultura, criação de animais e artesanato. O capitalismo dentro das aldeias tem crescido aceleradamente através dos funcionários indígenas como professor, agente de saúde, agente agroflorestal, merendeiras, transportador de alunos e vigia da escola. E também através dos programas sociais do governo federal, como aposentadoria, bolsa família, salário maternidade. Até pensão alimentícia está existindo em algumas aldeias, paga pelos próprios parentes por pressão da justiça, através da denúncia das próprias índias.

O capital de todos esses funcionários circula entre os municípios de Santa Rosa, Manoel Urbano, Sena Madureira, em comércios situados em alguns seringais e também, dentro da própria comunidade.

A produção para a comercialização tem diminuído totalmente, mas a produção para a subsistência das comunidades ainda está fortalecida. Em fevereiro de 2012, deu uma grande alagação que destruiu muitos roçados de banana e de macaxeira da maioria das comunidades. Por este motivo, algumas aldeias receberam sacolões de alimentos doados pelo governo do estado até que a produção voltasse ao normal.

Adalberto Domingos Maru

A economia dos aposentados

Na aldeia Nova Mudança são sete aposentados. Antes era assim: eles compravam no patrão e deixavam o seu cartão com ele. Mas o patrão enganava muito, às vezes passava seis meses e o patrão dizia que ainda não tinha saldo porque ele tinha comprado muito. Agora os aposentados não deixam mais o cartão com o patrão. Eles deixam o dinheiro suficiente para comprar o que precisam e levam o resto do dinheiro para a aldeia. Como eles não podem trabalhar no roçado, eles pagam alguém para fazer roçado, matar caça, pescar no lago ou nos rios. É uma forma de ajudar a comunidade ou a cooperativa. Com esse dinheiro, nós compramos as necessidades da aldeia.

algumas pessoas ganham bolsa família. Essas pessoas compram as coisas que necessitam, como roupa, terçado, machado, lanterna, gasolina, esmeril e também ajudam a cooperativa.

Na minha aldeia não consumimos bebida alcoólica, porque a bebida prejudica a saúde e cria problemas entre a família. Essas coisas todas são controladas pelas pessoas responsáveis da aldeia.

Antonio Napoleão Bardales Sebidua

O dia a dia nas aldeias

A mulher indígena de manhã, faz logo o fogo para esquentar a comida. Depois ela vai para a vertente buscar água para cozinhar. Mais tarde, ela vai limpar a casa para ficar sempre limpa e também tem o trabalho de lavar a roupa. Quando elas terminam de lavar a roupa, baldeiam a casa e em seguida começam um outro trabalho: fazer o almoço. Quando ela termina de fazer o almoço, ela varre o terreiro e, em seguida, ela toma banho. Quando é de noite, ela dorme.

O índio homem, de manhã, pensa em fazer muitas atividades de trabalho. Ele limpa o roçado, caça, pesca ou vai passear. São esses os tipos de atividades que os homens fazem. Quando é de noite, ele já pensa o que vai fazer no outro dia.

De manhã, nós homens temos muitas atividades, mas os índios velhos não trabalham. Eles só deitam na rede fabricada de algodão e contam histórias do tempo em que eles eram meninos. Ele também sai de casa para buscar a medicina da mata para curar os doentes. Já a índia velha, o trabalho dela é fazer pulseira, chapéu, tecer rede, capanga e também cerâmica de barro, como pote, cumbuca, vaso, cesta, abano etc. Ela faz isso de dia e à noite ela vai dormir.



Foto: Dedé Maia - 1996

Mulher huni kúfi fiando algodão - aldeia Morada Nova

Já as crianças se divertem. Primeiro a criança aprende a comer; segundo, aprende a brincar; terceiro, aprende a falar; aprende a andar para mais longe; a carregar peso. Os meninos aprendem a atirar de espingarda e a fazer flecha, arco, roçado. A criança aprende a se divertir em todas as atividades, ela também já se veste e toma banho no rio.

Os índios adultos para se divertirem, passeiam em outros lugares da aldeia ou ainda visitam a família, conversam, contam histórias de animais, *Miyui*, história *Txirî*, história de *Dewe* (cantoria), história *Nixpu pima*, história de trabalho. Esses são os divertimentos dos homens adultos

O divertimento dos velhos huni kuĩ é passear em outra aldeia no dia de domingo e também contar histórias com outros amigos. O velho também conta a cultura dele, como se chama *Tepi*, um tipo de canudo feito de cano de taboca (para soprar o rapé). Ele também vai contar como matava as caças: anta, veado... Tudo isso é um divertimento do velho huni kuĩ.

Hérico Prado Txuã



Manoel Domingos, suas filhas e sogra - Acervo CPI/AC

O trabalho das mulheres

As mulheres, pela parte da manhã, trabalham individualmente em suas casas. O primeiro trabalho das mulheres é lavar as louças e buscar água na panela para colocar no filtro. Depois desse trabalho, colocam água no fogo para fazer café; cozinhar macaxeira, amendoim, banana, inhame; torram amendoim e milho; cozinham carne, peixe assado e moqueado; fazem caiçuma de milho misturada com amendoim, mingau de banana e esquentam os restos da comida de ontem. Também trabalham no algodão. Depois disso, buscam macaxeira, banana, milho, inhame no roçado e depois lavam roupa. Pela parte da tarde, já é outro trabalho. Depois da janta, antes de dormir, contam histórias com os filhos e maridos e algumas amigas. Às 9 horas da noite vão para a rede. Esse é o trabalho realizado pelas mulheres.

Evaristo Gomes da Silva Bane

O trabalho dos homens

Os homens acordam bem cedinho e gritam em voz alta para dar palestra junto com a comunidade. Nós trabalhamos fazendo roçados, casas, plantamos banana, milho, cará, arroz, cana, mamão. Caçar é uma atividade praticado bem cedinho. Os divertimentos dos homens são: dançar, ouvir música, deitar na rede, beber caiçuma, pensar no futuro. Eles também ensinam às outras pessoas, contam historinhas para os colegas, deitam na rede com a mulher, tomam cipó etc.

Acada dia o homem tem o seu trabalho diferente: um dia vai caçar, outro vai pescar, outro vai para o roçado. Ele faz trabalho em casa e no campo, planeja algo, visita os parentes, conversam e trocam ideias. O homem, quando é pequeno, só brinca de flechar calango, borboleta, grilo, passarinho; joga bola, peteca, baralho, dominó e outros tipos de brincadeira. Quando casam, começam a trabalhar no pesado para manter sua família: fazem casa, roçado, pesca, caça. E não só essas atividades, mas também as necessidades da comunidade e outras coisas que estejam acontecendo, como a demarcação de terra, política, educação, saúde etc. Como ele já vem fazendo tudo isso, tem um tempo que ele vai só ficar passeando, comendo, bebendo e participando de algo etc. O divertimento dos homens é contar histórias dançar, jogar futebol, ouvir música, beber cipó, cachaça, fumar, namorar etc.

Waldemar Pinheiro Ibã
Fátima Domingos Bũke



As atividades das crianças



Foto: Ingrid Wber - 1998

Cachoeira do Buriti - Aldeia Dois Irmãos

As crianças se divertem com uma brincadeira que usa folha da mata para assombrar os colegas. Elas comem banana, mamão, caçuma, mingau e se pintam com urucum. Também se balançam na rede, nadam no rio, jogam dominó, jogo da velha, aprendem na escola e cantam música escolar e música *katxa*.

As meninas gostam de brincar e também costumam fazer artesanato. Os meninos aprendem primeiro a trabalhar; a fazer casa, a pescar, a fazer canoa e roçado.

José Lopes Mateus Pae
Waldemar Pinheiro Ibã

Crianças Kaxinawá – Aldeia Nova Aliança – Foto: Malu Ochoa – 1996



O trabalho dos velhos

Os velhos se divertem também, eles deitam na rede cantando músicas, contando as histórias de antigamente e ensinando os netos. Eles fazem festa do *txirĩ*, *katxa*, *bunawa*, curam pacientes, sentam na cadeira na sombra e ensinam as medicinas, combinações de famílias e preparações da cultura e tradições. Eles registram o nome do igarapé e convidam os parentes das outras aldeias, também usam pintura de jenipapo e bebem cipó.



Velho João Nonato e os alunos da escola

Foto: Ingrid Weber - 1998

Waldemar Pinheiro Ibã

A nova organização social

Nos anos 90, as aldeias eram representadas apenas por seus caciques. Nos últimos dez anos, as aldeias criaram uma nova forma de se organizar, cada uma com suas especificidades locais. Hoje, temos diversos atores sociais que atuam na representação de suas aldeias. Temos os caciques, os professores, agentes de saúde, agentes agroflorestais, os conselhos locais de saúde indígena, as parteiras, os pajés, os coordenadores dos alunos, os representantes locais de mulheres, as artesãs, os professores de cultura local, os organizadores do esporte, os prefeitos locais e as lideranças indígenas. Diferentemente de antes, onde todos os atores eram indicados pelos caciques, hoje eles são escolhidos por toda a população das aldeias, levando em consideração o seu perfil e sua ética moral.

Quem manda na aldeia? Ninguém tem o poder de decidir algo sozinho, as decisões são feitas com todos os atores sociais da aldeia e, principalmente, na presença de toda a comunidade. Quem conduz as discussões internas é o cacique. Este é o papel do cacique: orientar seus membros para organizarem a comunidade, ou seja, trabalhar para agradar toda a comunidade.

A liderança indígena é aquela pessoa que sabe como está organizado o governo dos "brancos". É uma pessoa que sabe o que é bom e o que é ruim para seu povo. Tem que ser uma pessoa que tem coragem de enfrentar os 'civilizados' e não se vender em troca de salários. Tem que ser justo e sério com a questão indígena.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

A organização política da aldeia Nova Fronteira

Em 2002, criamos a organização que até agora está funcionando. Fizemos políticas locais e escolhemos os membros de cada serviço. Temos o prefeito que ministra serviços de homens no roçado, na pesca, na caçada e também fala algo importante na reunião para a comunidade. Temos também a prefeita local das mulheres para orientar as mulheres na reunião, aconselhar os filhos que estão errados e fazer limpeza da rua, cuidar do que tem na comunidade, pedir para os meninos não destruírem o que temos. Vereador é para fazer projetos de serviços para a comunidade e para resolver alguns problemas difíceis. É para fazer entender o plano de trabalho, cumprir o horário e não desrespeitar a comunidade.

Temos também uma pessoa que trabalha junto com as crianças a parte do lixo e também junta os lixos do terreiro, da rua e do campo para acumular no lugar certo e não contaminar a aldeia. Temos também o agente de saúde para cuidar da parte da água. Ele ensina a usar a pia, a clorar a água e cuida da parte do saneamento básico. Está funcionando desta maneira. Nós somos dez membros trabalhando para a organização da aldeia Nova Fronteira.

Maria de Fátima Būke

As prefeituras locais das aldeias

O surgimento das prefeituras locais nas aldeias tem como motivação a preparação dos jovens para uma futura participação nas organizações sociais dos não índios. Serve também para ajudar os atores sociais da comunidade a trabalharem melhor as suas responsabilidades.

Hoje, todas as aldeias do Purus têm seus prefeitos que são eleitos democraticamente pelo voto do seu povo. Assim também acontece com os vereadores. O prefeito, após ser eleito, organiza todo o grupo de secretariado e monta seu plano de trabalho. As propostas são mostradas durante a campanha eleitoral que pode durar de um a dois meses. Este tempo é suficiente para a população analisar o plano de governo de cada candidato e escolher o seu representante.

Os trabalhos são voltados para o manejo dos roçados, a limpeza de varadouros, a construção de fossas (privadas), a coleta e conscientização sobre os cuidados com o lixo, a cobertura de cacimbas, a limpeza da aldeia e outros. Os vereadores servem para fiscalizar o trabalho dos secretariados e lembrar ao prefeito o compromisso firmado com a comunidade.



Foto Dedê Maia - 1996

Casa Kaxinawá

O dinheiro que movimenta as prefeituras é doado pelos professores, agentes de saúde, aposentados e outros atores assalariados. A moeda é o real; todos da comunidade têm o seu salário (que varia de R\$3,00 a R\$5,00), desde os garis até o prefeito. O pagamento dos funcionários é feito semanalmente. Quem faltou um dia de trabalho tem o salário descontado e uma reunião de conscientização para sua unificação no trabalho local. Este dinheiro circula apenas na aldeia, pois se começar a sair enfraquece a prefeitura. Por isso, é proibido o uso deste dinheiro na cidade.

A arrecadação do dinheiro é feita através da cobrança de impostos no comércio local. Todo final de mês a prefeitura cobra impostos e arrecada novamente todo o dinheiro que estava circulando e que servirá para o pagamento dos salários no mês seguinte. A arrecadação do dinheiro serve para ver se a comunidade está fazendo um uso consciente da moeda. Se estiver faltando, pedem mais apoio aos financiadores (os assalariados).

Assim estão organizadas as aldeias huni kuĩ do Alto Purus com todas essas novas ideias.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

A organização política da aldeia Nova Mudança

A organização da aldeia Nova Mudança é diferente das outras aldeias. Não temos prefeito, vereadores, juiz, conselho tutelar, pastor, igreja e segurança. As pessoas importantes que consideramos e respeitamos na nossa organização são outros. A liderança nós chamamos de *Dātã Ika*. A história do *Dātã Ika* conta que em todo canto ele tinha sua armadilha. Nessa armadilha ninguém mexia porque é perigoso quando ele te segura. O *Dātã Ika* tem seu poder e nós respeitamos, então por isso chamamos a liderança com esse nome. Temos o nosso *Manã Dumeya Pubẽ* que é nosso segurança. A história conta que ele defendia o povo dos perigosos.

Temos o *Kuĩ Dume Teneni*, como chamamos o nosso pajé, ele também é nosso segurança. Temos também o *Mibu Baka Piana* que também tem a sua função e seu poder na aldeia. Cada um deles tem a sua história, por isso que nós respeitamos cada uma dessas funções.

Na nossa aldeia foi criado um centro de treinamento de cultura huni kuĩ, nós o chamamos de *Yube Nibu Tanani*. Nós temos também o *Yushã kuru Puya*, um parque de remédio tradicional huni kuĩ. E temos os *Unas shubus*, como nós chamamos a escola. Tudo isso já tem iniciativa na nossa aldeia Nova Mudança.

A Federação do Povo Huni Kuĩ do Acre (FEPHAC)

A Federação do Povo Huni Kuĩ do Acre (FEPHAC) foi criada no dia 6 de maio de 2006, na aldeia Paroá, na Terra Indígena Shanenawa e Kaxinawá, no município de Feijó. Ela foi criada pelas lideranças, mulheres, pajés e os líderes huni kuĩ, Osair Sales Siã, Manoel Gomes Mana, Mário Barbosa Kupi, João Sales, Sivaldo Sereno, Fernando Henrique, José Domingos, Judite, Raimundo Kaxinawá, Estefanio Kaxinawá e outros líderes huni kuĩ de todas as terras indígenas huni kuĩ do estado do Acre.

Hoje, a Federação Huni Kuĩ tem a sua ata e estatuto registrados no cartório civil, com a representação de 80 aldeias, 13 associações e 12 terras indígenas demarcadas, somando um total de 3.300 huni kuĩ no estado. Ela foi criada para representar o povo Huni Kuĩ no momento em que a maior representação do movimento indígena do estado do Acre, a UNI-AC, foi extinta.

A Federação Huni Kuĩ é uma organização sem fins lucrativos, criada para unificar, organizar e fortalecer as culturas e os costumes. Ela não é uma organização executora de projetos nas aldeias, ela só acompanha as ações, discute as políticas públicas e representa o povo Huni Kuĩ junto ao Estado.

Na assembleia, são indicados representantes para um mandato de três anos. Eles representam os Huni Kuĩ a nível municipal, estadual, nacional e internacional. No primeiro mandato foram eleitos para presidente Gerson Barbosa, Mario Kupi, aldeia Paroá, município de Feijó; para vice-presidente Sivaldo Sereno, aldeia Sítio Bimi, município de Jordão; para secretário Alberto Huni Kuĩ Txuã, aldeia Nova Fronteira, município Santa Rosa do Purus, para tesoureira Raimunda Nonata Pinheiro, aldeia Carapanã, município de Tarauacá. Assim trabalharam três anos acompanhando as políticas públicas do estado, realizando seminários, oficinas nas aldeias das terras indígenas e repassando informações da Federação.

No dia 10 de agosto de 2009, houve nova eleição na aldeia Nova Aliança, TI Alto Rio Purus, no município de Santa Rosa. Foram eleitos para presidente, José Alberto Carmelio Nunes Ninawa, aldeia Boca do Grota, município de Feijó; para vice-presidente Alberto Huni Kuĩ, aldeia Nova Fronteira, município Santa Rosa; para secretário José Floriano Sales, aldeia Lago Lindo, município de Jordão; para tesoureiro Francisco de Assis Ninawa, aldeia Novo Futuro, município de Tarauacá.

A nossa Federação tem enfrentado muitas dificuldades, não temos sede própria e não temos nenhuma parceria com o Estado. Já apresentamos vários projetos, mas nenhum foi aprovado. Temos vários Huni Kuĩ em instituições governamentais e não governamentais no estado, apenas defendendo os seus salários, sem dar retorno para as comunidades e dividindo várias lideranças. Com toda dificuldade, a Federação e as comunidades estão se organizando para defender os seus direitos, aquilo que está garantido na constituição brasileira, no município, no estado e país que habitamos.

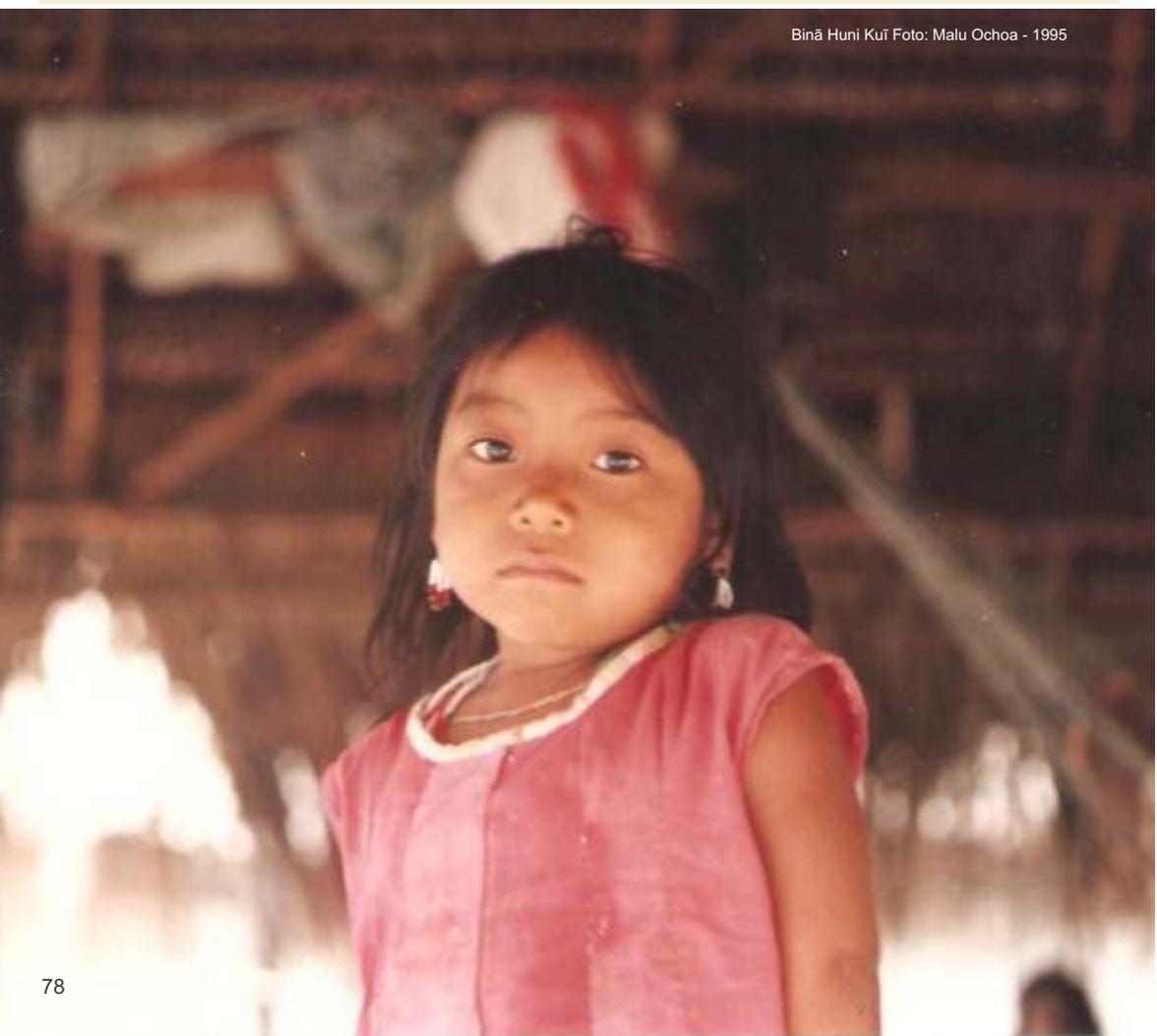
Ao longo de seis anos acompanhando as políticas públicas do estado voltadas para o povo indígena tenho aprendido muito. Tenho conhecido vários lugares e secretarias

municipais, estaduais e nacionais que garantem a participação do povo indígena. Há várias fontes de recurso para ajudar a se organizar melhor para trabalhar com as comunidades. Eu tenho contribuído muito com o estado, participando de reuniões e seminários, trazendo informações das terras indígenas e comunidades huni kuí e informes das ações que a Federação tem realizado.

Nós, índios, precisamos ter mais conhecimento das tecnologias da sociedade civil para se organizar melhor junto aos nossos parceiros sem prejudicar ninguém. Nas parcerias com o Estado e outras instituições ainda podemos aprender muito. Eu venho conscientizando muito os parentes sobre as formas de se organizar. Há muitos problemas na política partidária que acabam envolvendo os índios e nos dividindo.

A partir da minha experiência na FEPHAC, criamos a Organização do Purus (OPIHKRP) e a associação da Nova Fronteira (APKANF). Também levamos uma urna eleitoral para as aldeias e telefones públicos para duas aldeias: Nova Aliança e Porto Rico. Além disso, levamos a CTL (FUNAI) de Santa Rosa para a Terra Indígena Alto Rio Purus.

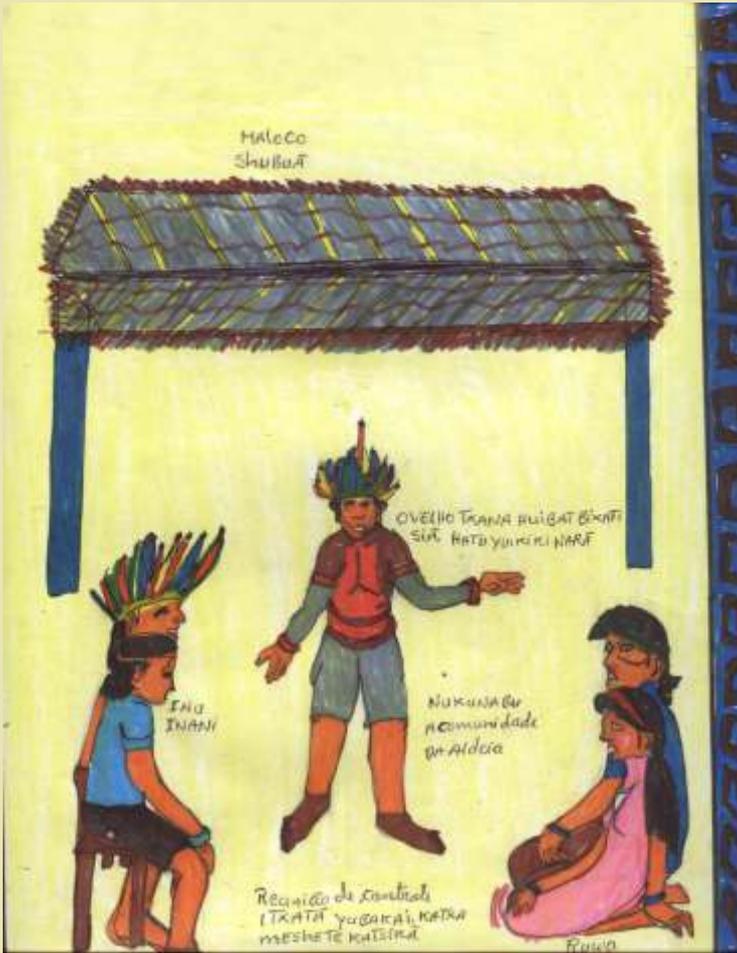
Binã Huni Kuí Foto: Malu Ochoa - 1995





Antônio Pinheiro e Antonio Silva- aldeia Nova Aliança - Foto: Marcelo Urquia - 1995

CAPÍTULO 6



Acervo CPI/AC

SAÚDE E EDUCAÇÃO *Ūnānuma tapīkī*

História da origem dos remédios tradicionais

Há muito tempo, o povo Huni Kuĩ vivia todo junto. Naquele tempo não havia machado de pedra, não existiam flechas, não se fazia roçado, e não se conhecia a medicina tradicional. Somente se conhecia a árvore de samaúma onde o pajé da floresta vivia ligado à natureza e aos animais que possuem poderes para ajudar o homem. Sobreviviam se alimentando das frutas da floresta. Também naquele tempo não existia o fogo.

Muito tempo depois conseguiram o fogo. Quem tinha o fogo era a onça. Também conseguiram a mandioca com a cutia e o quatipuru; o milho com a capivara; as batatas com tatu canastro; e a banana com o japó. Essas sementes plantavam no roçado. Para fazer o roçado continuamos procurando um lugar melhor para plantar os legumes, próximos das árvores de cumaru, manixir. Tocavam o fogo numa árvore e queimavam para plantar as suas sementes. Noutro tempo, começaram a caçar e pescar, e com essa fartura iniciaram as festas e os cantos, a música da jiboia, do jacaré preto, da onça, do macaco, do canoeiro e da samaúma.

Começaram a comer as caças, os peixes, as frutas nativas e os legumes, e a fazer as flechas, bordunas, tibungos de barro. Faziam as malocas no meio do roçado, porque eles conseguiam o machado com a cutia. Com o machado faziam mais roçados que antes.

Através do tempo, o povo Huni Kuĩ começou a adoecer com doenças desconhecidas. E naquela época, se reuniam para discutir sobre as doenças que estavam sentindo. O povo Huni Kuĩ de antigamente começou a pensar e discutir, todo mundo junto, sobre a situação que estavam vivendo.

Um começou a falar assim:

- Como será quando as pessoas adoecerem? Como vamos fazer para curar os doentes?

Outro falou:

- um bocado de nós vai morrer para surgir os remédios da mata.

Os outros poderão viver usando os remédios em que vamos nos transformar.

Uma mulher, chamada fêmea Roxa – Yushã Kuru – falou assim:

- Eu acho muito importante a ideia de vocês. Melhor é transformar-se em remédio. Vocês podem se transformar e eu vou ensinar a todos os nossos parentes.

Depois o nosso povo Huni Kuĩ se transformou em remédios da mata, ainda continuamos utilizando o que os velhos e as velhas conhecem. Sabemos evitar as doenças que meu povo conhece da natureza.

Também sabemos em que momento se pode comer ou não certos alimentos, tanto adultos como crianças. Por exemplo, para evitar que os dentes não se estraguem tão cedo, a criança não pode comer a comida quente, não pode comer coisas doces, não pode comer fígado de jabuti, de jacaré e das caças grandes.

Trecho retirado da obra Plantas Medicinais-Doenças e Curas do Povo Huni Kuĩ de autoria do Prof. Edson Ixã Medeiros Kaxinawá (CPI/AC, 2006:28)

A saúde antigamente

Antigamente, já existiam vários tipos de doenças, como diarreia, vômito, febre, conjuntivite, dor de cabeça, anemia, frieira, curuba, sarna, leishmaniose, hemorragia, infecção urinária, sapinho na boca, epilepsia. Essas doenças eram tratadas pelos pajés, mas também morria gente quando não tinha jeito. Cada uma dessas doenças tinha um tratamento diferente com folha da mata, remédio tradicional.



Foto: Marcelo Urquiza - 1995

Maria Sereno - aldeia Vida Nova

Antigamente, não havia os remédios do branco, existiam só os remédios dos índios, porque antes do contato com os brancos os índios viviam na mata e não existiam doenças como sarampo, gripe, meningite, tuberculose, hepatite, câncer, AIDS, etc. Os índios não tinham essas doenças e por isso não tomavam os remédios dos brancos. Os remédios que eles tomavam eram só as folhas da mata.

Antigamente, não existia médico branco, só os índios mesmos como médico do próprio índio, como médico da medicina da mata. Esses remédios da mata eram usados pelos velhos e pelas mulheres. Depois do contato com o branco, a saúde indígena mudou. Mas até hoje existem os pajés, principalmente os velhos e as velhas. Sempre nós estamos pesquisando com eles a saúde indígena.

Pedro Domingos

Yushã Kuru e a medicina da mata

Na origem do povo Huni Kuĩ, os nomes deles eram: *Yubekã, Shāwa Bu, Shama Yabi Txana. Manã Peitxamash* descobria o nome dos parentes que chegavam vindos do outro lado, os nomes deles eram: *Xinu Bake Ku Ikai Tamu, Shāwã Hina Besũ Pake Besũ Pakei, Mākāwẽ Bikerã Ati, Hasĩ Maeshe, Hexinixi Tubãkeyu*. Este foi o surgimento do Huni Kuĩ original. Eles viviam na mata e antigamente não tinha doença. Tinha alguns casos de doença, mas tinha remédio de medicina da mata. Principalmente as mulheres velhas e os velhos conheciam a medicina da mata nativa. Quando ficavam doentes, quem curava era o próprio parente. Era assim que viviam antigamente os Huni Kuĩ.

Havia também na nossa história uma mulher viúva chamada Yushã Kuru, só ela conhecia os remédios e a medicina, ela curava os parentes como um médico. Essa índia sabia muita medicina da mata, muitos remédios básicos, como antibiótico. Nós, povo Huni Kuĩ, acreditamos que foi ela que deu origem à medicina da mata. Esta mulher aprendeu por si mesmo e ensinou para os outros.

Milton Salomão
Jorge Luis Mateus

O início do atendimento da saúde no tempo da demarcação da terra

Quando nós chegamos ao Purus, em 1973, não existia vacina, nem agentes ou postos de saúde. Naquele tempo, o trabalho de saúde no Purus não tinha apoio. Os índios viviam isolados, sem medicamentos. Quando um filho adoecia, os pais não tinham condições de comprar remédios e às vezes as crianças até morriam sem ter uma pílula para tomar.

No ano em que eu cheguei, morreu um velho chamado Manuel. Naquele mesmo ano, adoeceram dois meninos, o Raimundo e o José Maria. A Funai veio, teve contato com o meu pai (Mário Domingo) e levou os meninos para fazer tratamento em Brasília.



Foto: Altair Salsamendi-1996

Posto de saúde – aldeia Dois Irmãos

Depois veio o padre Paulino que me conheceu e ficou gostando de mim. Todas as vezes que ele vinha trazia livros de catecismo. Um dia, ele perguntou se eu tinha vontade de aprender a dar remédio e eu respondi que tinha. Ele me falou para estudar um mês com a professora e assim eu fiz. Só que eu não estudava a escrita e sim a prática.

Na aldeia dos Kulina, eu aplicava injeção, fazia curativos, passava os remédios para gripe, febre, diarreia e tosse. Quando eu voltei para casa, o padre trouxe medicamentos e eu trabalhei durante três meses como atendente de saúde. Eu deixei de trabalhar porque me casei com um *nawa* que morava no centro.

Naquele tempo, não tinha *nawa* na aldeia. Somente quando eu saí é que veio um *nawa* enfermeiro da Funai, mas logo ele voltou para a cidade, já que não tinha costume de viver na mata. Era sempre assim quando vinham os enfermeiros, até que meu pai, participando de várias reuniões, foi percebendo que a aldeia precisava de um enfermeiro que não fosse *nawa*.

Em 1984, meu pai foi para o Peru e perguntou para o Francisco se ele queria trabalhar na aldeia como enfermeiro. O Francisco disse que sim e veio com o meu pai. Quando ele chegou, meu pai já tinha tido vários contatos com as entidades de apoio aos índios. Meu pai levou ele para Rio Branco e o apresentou para a Funai. Ele recebeu treinamento e

logo começou a trabalhar. Foi assim que começou o trabalho do agente de saúde na Terra Indígena Alto Rio Purus.

Fátima Domingos Būke

Os primeiros agentes de saúde indígenas



Élia, primeira enfermeira huni kuĩ do Purus

Em 1984 surgiram dois agentes de saúde: um na aldeia Nova Fronteira e outro na aldeia Cana Recreio. O Francisco Oliveira Huni Kuĩ chegou do Peru e começou a trabalhar como enfermeiro na comunidade Nova Fronteira. Na aldeia Cana Recreio, chegou o Abel Nascimento Huni Kuĩ, também para ser enfermeiro da comunidade. Foi aí que eles começaram a trabalhar com a saúde dos nossos próprios parentes. Este era o interesse de nossa liderança da aldeia.

A população das comunidades indígenas está crescendo cada vez mais e continuam surgindo novos agentes de saúde. Esses agentes são escolhidos pela comunidade interessada. Esses agentes de saúde não conhecem os remédios da mata, porém, nós professores indígenas, estamos lutando e aprendendo a usar o remédio tradicional de nossos antepassados.

Na década de 80, quando a população da aldeia começou a crescer, eu só via



Agente de saúde Abel - Acervo CPI/AC

Na década de 80, quando a população da aldeia começou a crescer, eu só via tratamentos com os remédios da mata. Até 1992, ainda existiam os velhos que conheciam esses remédios. Naquele tempo, quase não existiam agentes de saúde que conheciam os remédios da fábrica. Hoje em dia, como nós, índios, não temos mais o nosso médico indígena, temos os agentes de saúde que conhecem outros remédios.

Paulo Lopes Siã

O trabalho do agente de saúde

Hoje, nós Agentes Indígenas de Saúde (AIS) estamos trabalhando para melhorar a nossa saúde na aldeia e na nossa região. Hoje, as doenças na nossa comunidade são: diarreia, gripe, coceira, conjuntivite, pneumonia, leishmaniose, desnutrição, tuberculose. Essas são as doenças mais frequentes na aldeia, mas nós estamos tentando diminuir mais esses tipos de doença.

Estamos orientando os parentes e ensinando a se prevenirem para não adoecerem. Os cuidados são: separação de animais, depositar o lixo no lugar certo, comer alimentos bem cozidos, não comer alimentos estragados, ter cuidado com a higiene pessoal, tomar água clorada ou fervida, usar a privada, plantar muitos legumes no roçado e também plantar frutas como laranja, pupunha, cupuaçu para comer bem e melhorar a saúde na comunidade.

Outros tipos de doenças que nós temos informação e que nós nos preocupamos para não chegar na aldeia são: dengue, malária, hepatite, gonorreia, sífilis, aids. Nós já estamos orientando os parentes que vão para a cidade que não podem pegar e nem trazer essas doenças para os parentes na aldeia. Eu, como agente indígena de saúde, faço palestras com os parentes e explico como se pega e como se transmite esses tipos de doenças. O meu trabalho é informar tudo que eu sei para os meus parentes na aldeia.

Tenho enfrentado muitas dificuldades, também para conscientizar os parentes sobre os medicamentos químicos que vêm prejudicando a nossa saúde. Tenho orientado os meus parentes a não tomarem qualquer tipo de remédio. Por exemplo, no caso de criança com diarreia, oriento a mãe a fazer chá da folha da goiabeira e dar soro caseiro. Tem vários chás caseiros para controlar diarreia. Também usamos a nossa folha da mata quando aparece qualquer tipo dessas doenças. Eu não dou logo o remédio da farmácia, porque primeiro nós usamos o nosso remédio que temos na nossa aldeia. Quando isto não resolve, peço ajuda da enfermeira ou médico da Casa do Índio. Com a orientação dessas pessoas é que eu começo a dar o remédio da farmácia para o doente.

Eu trabalho junto com o professor, agente agroflorestal indígena, liderança e o povo em geral da aldeia.

Pedro Domingos



Agente de saúde José Domingos



Agente de saúde Sebastião e Professor Hilário

Parque de medicina tradicional da Aldeia Nova Mudança

No ano de 2009 começamos a trabalhar com a medicina da mata porque nossos velhos e velhas conhecem muitas ervas medicinais, eles sabem para que elas servem e como se usa. Eles conhecem doenças como: vinganças de animais, de peixes e de alma; mordidas de cobras e ferrada de insetos.

As doenças perigosas são difíceis de tratar. A epilepsia, por exemplo, que na língua nós chamamos *rushku bakea*, só o médico tratava na cidade, mas agora ela está sendo tratada pelos velhos. Por isso, a comunidade deixou 300 metros quadrados para não fazer derrubada. Estamos já com 260 espécies medicinais pesquisadas com os velhos e continuamos pesquisando cada vez mais.

Ao redor de cada medicina é feita a limpeza. Além das espécies que já tínhamos no local, outras que não tínhamos estão sendo trazidas de outro sítio. Todas já foram pesquisadas e numeradas e estão sendo utilizadas por nós mesmos. Esta ideia é da liderança, do agente de saúde, do professor e dos pajés. O nome do parque é *Yushã Kuru Puyã*. *Yushã* significa 'mulher', *Kuru* é o nome da mulher e *Puyã* significa 'braços'. *Yushã Kuru* foi quem descobriu os remédios da mata. *Yushã Kuru Puyã* significa, então, 'Os braços da mãe das matas'.

Antônio Napoleão Bardales Sebidua



Foto: Adriano Dias - 2000

Aldeia Nova Mudança: Cecílio Napoleão - aldeia Nova Mudança

A formação do agente de saúde

Com o surgimento de novas doenças, o povo está se preocupando mais com a saúde. Hoje em dia, existem vários Agentes Indígenas de Saúde (AIS) para cuidar da saúde, escolhidos pelo povo. Porque antigamente a saúde era cuidada pelos pajés, mas agora é cuidada pelos agentes indígenas de saúde. Com isso, não significa que nós perdemos nosso conhecimento, mas perdemos a maioria dos nossos pajés.



Foto: Adriano Dias

Agente Saúde Pedro Augusto - Aldeia Moema

Hoje em dia, existem só alguns pajés que usam medicina da mata, devido ao uso de medicamentos da farmácia. A Funai dava medicamentos em abundância, é por isso que os indígenas hoje quase não usam mais remédios da mata, só querem usar medicamentos que vêm da farmácia. Mas agora a Funai parou de dar medicamentos para os povos indígenas, então, vendo que a situação da saúde do índio estava precária, as lideranças indígenas movimentaram-se em busca de melhoria. Agora, a saúde do índio é muito diferente do que era antigamente. Nós somos dez agentes indígenas de saúde e somos contratados pelo convênio UNI/FUNASA. Além de nós, existem mais dez agentes indígenas de saúde madja.

Aqui na nossa região do Alto Purus, nós agente indígena de saúde já participamos de três capacitações: a primeira foi no ano de 2000, quando fizemos um treinamento em Sena Madureira; a segunda foi no ano de 2001, quando fizemos o Módulo I em Rio Branco, no colégio Agrícola; a terceira foi no ano de 2002, quando fizemos uma revisão do Módulo I, porque alguns agentes indígena de saúde estavam com dificuldades. Durante os três cursos, nós trabalhamos com a prevenção de doenças.

Bem, hoje em dia, nós agentes indígena de saúde não trabalhamos com medicamentos e sim educamos a comunidade dando palestra nas escolas de como prevenir as doenças: não se deve beber água sem ser tratada, usar privada, higiene corporal, higiene da casa e prevenção das doenças venéreas, porque hoje existem várias doenças perigosas como aids, hepatite, câncer etc. Tudo isso é nosso trabalho: orientar ou educar para não adoecerem mais. Nosso objetivo é fazer com que a população indígena entenda que

prevenir é uma forma de cuidar da nossa saúde, porque além das doenças que foram mencionadas, tem outras ainda. E começar a fortalecer os nossos pajés.

Jorge Luiz Nonato Mateus (texto produzido em 2003)

A política de saúde hoje

No início, a saúde indígena era responsabilidade do Ministério da Justiça, através da Funai. Com algumas mudanças dentro do governo federal, a responsabilidade passou para o Ministério da Saúde, através da FUNASA. No dia 3 de agosto de 2010 foi criada a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), no âmbito do Ministério da Saúde, que passou a ser a responsável pela saúde indígena no país.

Hoje, no Alto Purus, a situação da saúde, ou seja, do atendimento à saúde do índio, é um caos total, uma calamidade pública, tanto para os profissionais, como para os usuários do sistema. Com a criação da SESAI, a população indígena do Alto Purus passou a sofrer consequências desumanas nos atendimentos de baixa, média e alta complexidade. Antes, os recursos para estes atendimentos eram passados do Ministério da Saúde para as contas das prefeituras no modelo de repasse fundo a fundo. Com o surgimento da SESAI, este repasse acabou e tudo passou a ser centralizado na SESAI.

No município de Santa Rosa do Purus tem uma base de apoio à saúde indígena chamada Polo Base. Antes, neste Polo, havia uma estrutura para os atendimentos básicos, com médico, odontólogo, enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. O Polo também contava com uma equipe administrativa e materiais de transporte para resgate e retorno de pacientes às suas aldeias de origem. Hoje, tudo está difícil. O Polo Base de Santa Rosa não dispõe de médico, materiais de trabalho para os profissionais e, muito menos, de materiais de transporte para o resgate de pacientes. Isto sem falar na falta de comunicação com as aldeias.

A Terra Indígena Alto Rio Purus conta, hoje, com um total de 3 mil indígenas (Huni Kuĩ e Madja) distribuídos em 46 aldeias. Neste ano de 2012 já foram a óbito 18 crianças entre 0 e 5 anos de idade por uma doença chamada rotavírus. A SESAI não solucionou os problemas existentes nas aldeias e essas perdas ainda estão na memória dos seus familiares. Os AIS não recebem curso de formação e a SESAI cobra deles como se fossem os culpados. Estes AIS não têm uma pílula de dipirona ou um pacote de soro para atender o seu povo, muito menos informações de como prevenir essas doenças. Será que isto é culpa do índio?

Como sabemos, o problema maior das aldeias, que tanto se fala e não se resolve, é a falta de água de qualidade. Mas os índios continuam bebendo água contaminada, pois o sistema de saneamento básico implantado nas aldeias em 2002 nunca funcionou.

Mais de 40 casos de hepatite B foram diagnosticados entre os índios Huni Kuĩ e Madja. Tratamento para estes pacientes, nem se fala. Enquanto isso, o risco de contaminação entre as pessoas é muito grande.

Em 2010, foram formados oito técnicos de enfermagem indígenas mas, devido à política

da SESAI, nenhum permaneceu na aldeia, todos estão em Santa Rosa. A SESAI não pensou em uma estratégia para mantê-los nas aldeias, mas os levou para a cidade, deixando os índios reféns da própria sorte. As lideranças indígenas sempre lutaram para manter um posto de saúde na aldeia com uma estrutura básica para que o próprio profissional indígena pudesse trabalhar sem precisar ir para a cidade. Quando esta proposta é apresentada à SESAI, ou à própria prefeitura, para eles é como achar ovos de arara no inverno (muito difícil). Nunca é possível, mas é possível comprar urnas funerárias para índio que vai a óbito.

Diante de todos esses problemas, as aldeias do Alto Purus estão, hoje, começando uma nova política de saúde, voltada para a medicina tradicional. Cada aldeia está fazendo seus parques medicinais para dali tirarmos o remédio para as doenças mais frequentes das comunidades. Estamos valorizando os pajés, as parteiras e outros conhecedores da medicina tradicional, pois não dá para esperar que o governo brasileiro resolva as coisas neste ritmo.

Ainda assim, esperamos que o Ministério da Saúde assuma de fato a sua responsabilidade e trate este assunto com prioridade. Não adianta ser solidário apenas nas crises de diarreia ou quando há muitas mortes. Enquanto o índio morre, tem gente comprando fazenda, carro, casa, formando seus filhos em medicina – não entendo para quê. O índio é ser humano e contribui para a preservação da floresta que é a fonte do oxigênio que eles respiram para serem chefes de distritos, prefeitos, governadores, ministros e presidente.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

A força do remédio tradicional

Na aldeia Nova Mudança, hoje, não temos nenhum tipo de remédio, porque nem a equipe de saúde tem remédio para dar para as comunidades. Mas, felizmente, na minha aldeia não está tendo muita doença como febre, vômito, dor de cabeça, coceira, gripe e coqueluche. De vez em quando, aparece uma diarreia por causa da água. Isto dá mais nas crianças acima de 3 anos, por descuido das próprias mães, porque elas não sabem cuidar da higiene.

Nós nem nos preocupamos com remédio dos brancos, porque aqui na aldeia temos pessoas que entendem dos remédios tradicionais e que ajudam nosso agente de saúde. No caso de haver doenças complicadas, elas não podem ser tratadas pelo agente de saúde e o doente é mandado para o município. Se no município não puderem tratar, então ele é mandado para Rio Branco.

O lixo da aldeia é separado. Todo lixo de vidro, plástico, pilha é colocado separado, enquanto o lixo de casca de banana, macaxeira, amendoim, milho, mamão é colocado em outro canto.

A água é tratada com cloro ou é fervida e coada com pano limpo antes de beber. São as mulheres que fazem esse tipo de tratamento da água, incentivadas pelo agente de saúde e pelo AISAN.

Bom, é assim que está funcionando a saúde na aldeia Nova Mudança. Há dois anos atrás não funcionava assim, ficávamos esperando o remédio da farmácia que o Polo Base distribuía. Os remédios não chegavam e adoecia muita gente nessa aldeia. Agora, nosso interesse é aprender mais sobre os remédios do mato que nós não conhecemos. Futuramente, nossos filhos vão aprender a tratar as doenças somente com remédio tradicional, porque nosso remédio é mais forte que o do branco. Vamos fazer como antigamente, quando tratávamos somente com cipó, rapé e remédio do mato. Estamos trabalhando assim, porque o atendimento da saúde do índio está ficando cada vez mais difícil.

Antonio Napoleão Bardales Sebidua



Foto: Adriano Dias - 2000

Antonio Napoleão - Aldeia Nova Mudança

Educação Diferenciada



Foto: Renato Cavazzi – 1991

Mário Domingos Yube e seus netos

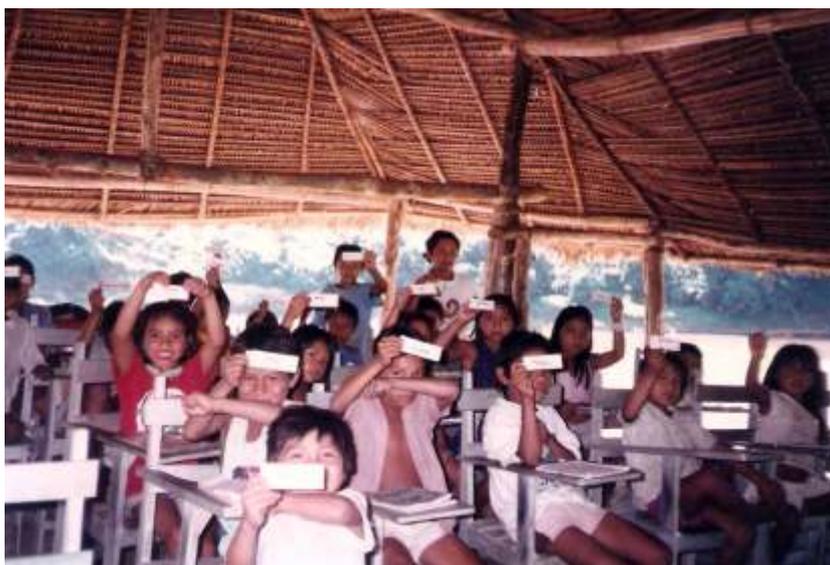
Antigamente, nós não tínhamos escola. Escola só pertencia aos brancos. Os índios eram considerados caboclos. Ficavam do lado de fora olhando os outros estudando. Nós éramos considerados como bichos. Hoje não, hoje nós somos respeitados, nós temos uma escola reconhecida. (...) Então tudo isso valeu.

Depoimento de Mário Domingos Yube ao seu filho Gilberto Domingos Naxima em 1999

As primeiras escolas huni kuĩ na TI Alto Rio Purus

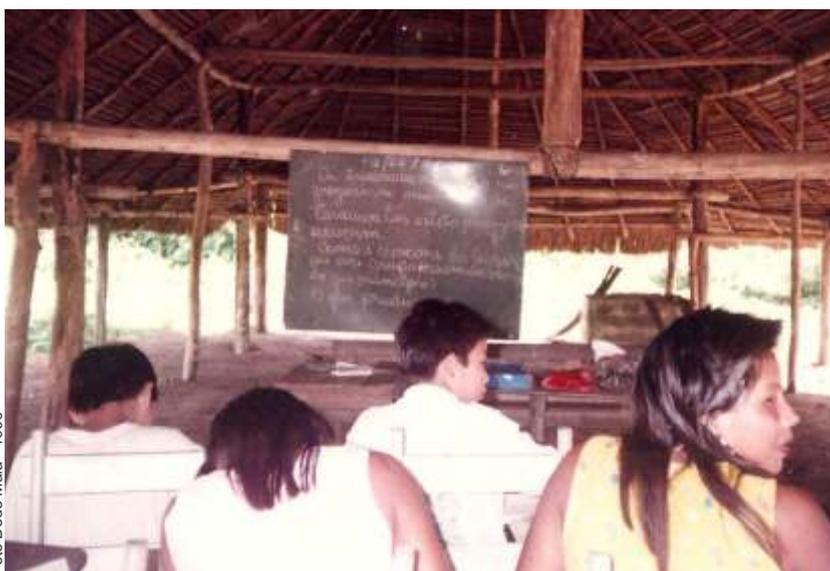
A primeira escola que tivemos foi construída pela Funai, na aldeia Fronteira, aproximadamente em 1980. Os primeiros professores que lecionaram nesta escola foram a Susana, a Valdineide e a Áurea que eram as próprias esposas dos chefes de posto, pois nesta época ainda não tinha indígena preparado para dar aula. Mas a escola não funcionava regularmente, porque os professores viajavam bastante para a cidade e o aprendizado das crianças não evoluía por não ter um professor fixo na aldeia.

Foto: Dedé Maia - 1996



escola da aldeia Nova Fronteira

Foto: Dedé Maia - 1996



escola da aldeia Nova Fronteira

A segunda escola foi a São João Batista, construída pelo Estado na aldeia Recreio; a terceira foi a escola de Nova Moema, também construída pelo Estado, e a quarta foi a escola da aldeia Nova Aliança, construída pela prefeitura de Santa Rosa. Foi a partir desse momento que várias novas escolas foram construídas nas comunidades indígenas e até hoje continuam surgindo por conta da multiplicação de novas aldeias.

A escola diferenciada começou em 1983, a partir de um treinamento da Comissão Pró-Índio do Acre para cantineiros. O curso aconteceu em Rio Branco e foi ministrado pelo Luiz Carvalho e Nietta Lindenberg Monte. Foi a partir desse momento que surgiram os monitores indígenas de educação. Os primeiros professores indígenas da região foram: Maria de Fátima, Paulo Lopes, Raimundo Nonato, José Domingos e Nicolau Lopes.

Adalberto Domingos Maru



Foto: Malu Ochoa – 1996

Paulo Lopes Siã - Aldeia Nova Moema

A situação atual da educação huni kuĩ no Alto Rio Purus

Após muitas conquistas realizadas pelas lideranças indígenas, sobretudo a terra, a educação foi o segundo passo importante dado pelos huni kuĩ do Purus. Com muita luta e determinação, foi possível reconhecer a categoria de professor indígena e, principalmente, dos direitos a uma educação intercultural bilíngue e diferenciada.

Hoje, no Alto Purus, são 55 professores Huni Kuĩ, alguns contratados pelo Estado e outros pela prefeitura. São 15 professores com ensino médio completo, 11 com nível superior, 3 com pós graduação e o restante apenas com o ensino fundamental.

Os professores com ensino médio foram formados pelos cursos de formação em magistério indígena, ministrados pelo Governo do estado através da Gerência de Educação Escolar Indígena (Secretaria Estadual de Educação), em parceria com a Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC). Os professores com nível superior se formaram através de um programa do governo do Estado do Acre em parceria com a Universidade Federal do Acre (UFAC). Eles se licenciaram em diversas áreas, como Letras, Geografia, Matemática, Educação Física, Pedagogia e História. Com muita luta, conseguimos junto à Secretaria Estadual de Educação ampliar o ensino de 5ª a 8ª série nas aldeias onde há professores com nível superior. São elas: Nova Aliança, Nova Fronteira, Nova Moema, Dois Irmãos, Novo Marinho e Porto Rico.

Apesar das conquistas, enfrentamos ainda muitos problemas. Os materiais utilizados nas escolas huni kuĩ do Purus são insuficientes, faltam lápis, cadernos, apontadores, borrachas. Principalmente, falta material didático apropriado. Materiais em língua indígena não são distribuídos com regularidade nas escolas do Purus.

Os professores indígenas sofrem muita desigualdade com relação ao salário. Além dos contratos serem provisórios, eles recebem um salário miserável. Por exemplo, neste ano de 2012 os professores trabalharam de fevereiro a abril. Quando foram sacar o dinheiro, só encontraram R\$ 300 reais na conta ou, às vezes, nem isto. Para receber, muitos ficavam à procura do Secretário para tentar entender o que estava acontecendo, pois seus pagamentos não estavam disponíveis.

A falta do reconhecimento da merenda regionalizada é um problema sério que as escolas enfrentam. Hoje, toda a merenda que recebemos é industrializada, às vezes é insuficiente para o sustento dos alunos e muitas vezes ela chega com a data de validade quase vencida. Ou então ela não chega e os alunos ficam até quatro meses sem merenda.

Transporte escolar é uma canoa da própria comunidade, muitas vezes os alunos vão para a escola debaixo de chuva. Muitas escolas, ou seja, os prédios, também não dão condições de trabalho ao professor devido aos buracos nos tetos e assoalhos. Nas aldeias huni kuĩ do Purus, dentre as 23 escolas, 19 são prédios construídos pela própria comunidade.

Apesar de todos os problemas, já estamos começando a discutir uma escola de ensino médio na região para que os alunos não precisem sair de suas aldeias para as cidades, submetendo-se à prostituição, alcoolismo, drogas e outros impactos da vida.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

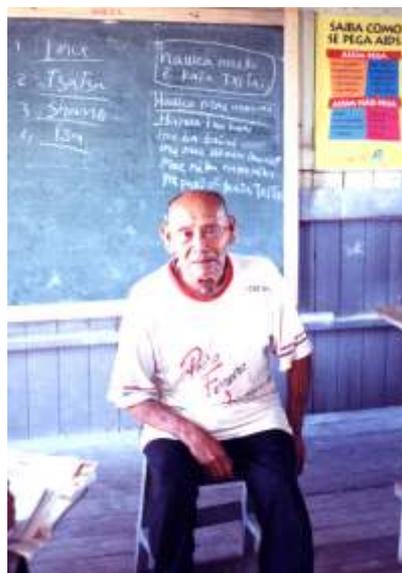


Foto: Ingrida Weber - 1998

Velho Joao Nonato

O bilinguismo nas aldeias dos huni kuĩ do Alto Purus

O uso da língua materna em nossas aldeias é uma prática inevitável para os Huni Kuĩ do Alto Purus. As 24 aldeias do povo Huni Kuĩ são falantes da sua própria língua. A língua indígena é falada no trabalho, nas pescarias, nas festas, no ritual do *nixi pae*, no futebol, nas reuniões e, principalmente, quando tem um não índio presente. Tudo que acontece na aldeia ou dentro da escola é comentado pelos alunos ou comunidades na língua indígena. Mais de 95% da população Huni Kuĩ fala o *hãtxa kuĩ*.

Muitas aldeias huni kuĩ têm dificuldade de dialogar com os não índios, pois só sabem falar a sua própria língua. Por isso, ainda não precisamos trabalhar no 'resgate' da língua, mas no seu fortalecimento. O trabalho de fortalecimento da nossa língua é feito através das práticas culturais (festas, pescarias, brincadeiras, reuniões, caçadas etc). As escolas *huni kuĩ* do Alto Purus têm um papel fundamental na multiplicação do uso da nossa língua, mas somos nós, pais das crianças, que temos que ser os primeiros professores da nossa língua para tornarmos nossos filhos cidadãos huni kuĩ.

Há duas décadas, os mais jovens da família Domingos só queriam falar em português, mesmo sendo falantes de sua língua. Hoje, a exemplo de outras famílias, voltaram a utilizar diariamente a própria língua.



Foto: Mário da Silva - 1987

Festa do Katxanawa

Por um lado, a língua portuguesa é um grande impacto nas nossas aldeias. Nas escolas, os professores trabalham a língua portuguesa com muita dificuldade; a pronúncia e as concordâncias são difíceis de dominar. Por outro lado, nas aldeias onde a língua materna não é utilizada constantemente, a língua portuguesa é uma grande ameaça. Mesmo sendo uma ameaça, hoje é obrigatório dominarmos o português. Precisamos dele para defender os nossos direitos constitucionais diante do poder público, pois ainda não conheço nenhum presidente, senador, deputado ministro ou prefeito que saiba dialogar na língua *hãtxa kuĩ*. Por isso, as lideranças, os professores, os agentes indígenas de saúde precisam dominar a língua do não índio para não deixar que alguém fale por nós.

O blinguismo na aldeia Nova Mudança

Na aldeia Nova Mudança (*Txana Muru*) as crianças e os adultos falam sua língua própria, a língua materna. Contamos histórias e cantamos na língua indígena: mariri, cipó, gavião real e outros. Algumas crianças que estão na escola já estão começando a escrever na língua do jeito que eles falam e alguns já sabem escrever e mandar carta.

Os velhos não escrevem na língua porque nunca frequentaram a escola. Eles vão para a escola somente cantar o *katxa txiri* ou contar histórias oralmente. Os Huni Kuí da aldeia Nova Mudança não esquecem sua língua, eles a usam no dia a dia por onde andam, na cidade, na capital ou no estrangeiro.

Os alunos também praticam a língua portuguesa na escola. Eles aprendem como cumprimentar os brancos, por exemplo: 'bom dia', 'boa tarde', 'você mora onde?', 'bora pescar?' e aprendem também os pronomes pessoais: eu, tu, você, eles, elas, vocês e outros. Os alunos da 3ª série já escrevem na língua portuguesa, mas eles não falam português diariamente, somente na escola ou quando chegam os brancos.

Alguns velhos falam um pouco de português: outros não sabem, mas eles entendem o que o branco fala. As velhas entendem, mas não sabem responder, somente balançam a cabeça ou respondem “sim” ou “é”. Nós, autoridades da aldeia, temos dificuldade de falar em português, mas isto não quer dizer que não entendemos. Entendemos tudo o que se fala, só temos dificuldade de pronunciar, porque aprendemos depois de adulto e não falamos diariamente com nossos filhos e parentes. Nem nos preocupamos muito em pronunciar bem o português, porque não é nossa língua.

Antônio Napoleão Bardales Sebidua

A escola da aldeia Nova Mudança



Foto: Francisco Bardales

Alunos da escola Japinin Muru

A escola Japinin-Muru foi construída no ano de 2011 pela Prefeitura Municipal de Santa Rosa do Purus. O tamanho da escola é de 6 x 7 metros quadrados. Na escola estudam 18 alunos de 1ª a 4ª série. O professor diz que a sala é muito pequena, não dá para trabalhar em grupo, é muito quente e apertado, não tem espaço para merendar e as mães precisam fazer merenda nas suas próprias casas.

Quando a escola foi construída, foram entregues os kits completos: cadeira, quadro, giz, panela para merenda, filtro, pratos, colheres e fogão de gás. Mas neste ano de 2012 os materiais escolares ainda não chegaram e dizem que não há recurso na Secretaria de Educação. Mesmo sem material, o professor começou a trabalhar em março e até hoje segue trabalhando.

O professor tem o nível médio, ele fez o magistério indígena em Plácido de Castro. Ele também tem um bom conhecimento de pedagogia, pois estudou no Peru. Atualmente, nós temos nosso coordenador pedagógico que acompanha as escolas huni kuĩ, mas ele só aparece quando traz os materiais da escola, pois ele não tem condições próprias para realizar o trabalho.

Temos também nove alunos que estudam de 5ª a 8ª séries no Polo de Uirapuru, na aldeia Porto Rico, onde tem professor com nível superior. Só que não há combustível para o transporte dos alunos: as aulas começaram em fevereiro e até o mês de maio não chegaram o combustível e os materiais da escola. Os alunos estão preocupados em se atrasar no estudo, mas mesmo assim eles não estão parados, eles estão fazendo suas pesquisas com os velhos sobre história, cantoria, remédios tradicionais etc. Hoje está tudo atrasado, tanto na escola municipal, como na estadual.

Antônio Napoleão Bardales Sebidua



Foto: Adriano Dias - 2000

Antonio Napoleão e AAFI Pedro Melo – Aldeia Nova Mudança

A educação escolar indígena

A aula da professora Fátima Domingos Būke



Foto: Malu Ochoa - 1996

Professora Fatima Būke

Na minha escola, eu trabalho com alunos de 1ª série. Eu tenho 25 alunos: 11 meninas e 15 meninos. Eu ensino quatro matérias: português, matemática, *hãtxa kuĩ* e geografia.

Em português, eu ensino a formar sílabas, praticar leitura e fazer diálogo: pedir alguns objetos, cumprimentar os outros, dar informação à comunidade sobre o que está acontecendo dentro da escola. Eu ensino oralmente. Quando eu vejo que eles já estão cansados, eu peço para cada um contar uma história. Por exemplo, um conta que foi para o roçado com o pai e encontrou muita abelha, outros já falam que o sol estava quente, as meninas falam de comida e bebida etc.

Em matemática, eu trabalho com desenhos, contas. Eles desenharam quantos meninos e quantas meninas têm na sala e enumeram cada um. Contam também quantos irmãos eles têm, quantos animais existem na aldeia, quantos já morreram.

Em *hãtxa kuĩ* eu ensino a conhecer o nome dos objetos, formar sílabas, escrever as palavras, escrever o próprio nome indígena como Maxi, Isaka, Bixku, etc.

Em geografia, eu trabalho com o mapa da aldeia: quantas casas têm, quantas pessoas moram em cada casa, etc. E tem o mapa do roçado: cada um faz seu mapa e desenha o que seu pai produz. Trabalhamos também com o mapa dos animais, do campo e da floresta, e o mapa da comunidade, onde eles desenharam o que existe dentro da comunidade, o que fazem, que profissão cada um tem.

Fátima Domingos Būke

A aula do professor Hérico Prado Txuã

Vou contar o meu trabalho. Primeiramente, eu vou contar o meu horário. Eu começo às 7 horas e dou aula até às 11 horas. Os meus alunos são de 3ª e 4ª séries.

Na segunda feira, eu trabalho português; na terça feira, matemática; na quarta feira, língua indígena, onde eu conto histórias de *katxanawa*, ensino *huni meka* e todo tipo de nossa cultura. O meu trabalho é diferenciado, eu trabalho três dias por semana. Na quinta feira entra outro professor, o agente de saúde, e na sexta entra o AAFI. Como nós trabalhamos três dias por semana, a gente tem o direito de trabalhar no roçado, mariscar, passear para visitar os parentes.

Nas minhas aulas, primeiro, eu faço a chamada dos meus alunos e dou 'bom dia'. Daí, meus alunos respondem 'bom dia'. Depois, eu pergunto quem está doente e quem não está. Porque quem estiver doente, nem adianta, tem que ir para casa. Com os meus alunos, eu falo muito sobre respeito, que eles têm que respeitar o professor, os amigos, o pai, a mãe, irmãos e irmãs, e a comunidade. Eu não ensino más palavras e nem maus costumes.

O professor Agente Indígena de Saúde (AIS) dá aula sobre doenças, explicando, dando orientação e ensinando o nome dos remédios para tratar os doentes. O professor Agente Agroflorestal Indígena (AAFI) ensina também sobre o trabalho dele, ele explica sobre plantação, viveiro. Meus alunos estão muito interessados em aprender mais conhecimento.

Hérico Prado Txuã

O trabalho em sala de aula do professor Nicolau

Desenvolvi um planejamento e um calendário para trabalhar com meus alunos de 2ª série:

A primeira aula, eu dei oralmente, para eles ouvirem.

Segundo, eu escrevi um texto para eles lerem e escreverem, para formar palavras, objetos etc.

Terceiro, fiz uma brincadeira de teatro para eles se alertarem mais.



Foto: Malu Ochoa - 1995

Professor Nicolau Lopes - Aldeia Novo Repouso

Quarto, eu ensinei matemática, sobre a venda de produção e como medir algum trabalho de roçados etc.

Quinto, ensinei língua portuguesa, como cumprimentar e dialogar com as pessoas, falar em reunião etc.

Sexto, eu ensinei para os alunos sobre o respeito, que eles não devem fazer má-criação; é dever do aluno respeitar o pai, a mãe, irmãos e outras pessoas. É tudo isso que eu ensino para os meus alunos.

Sétimo, eu ensinei ciências e educação. O aluno deve se organizar para vir para a aula, tomar banho, cortar as unhas, mudar roupa, se pentear, lavar sua boca, alimentar-se com comida bem cuidada, lavar as mãos antes de comer, cortar seu cabelo, concentrar mais as ideias. É isso que eu ensino.

Oitavo, foi aula de geografia. Eu ensino a geografia do *nawa* e também a nossa geografia indígena. Faço mapa da aldeia, da floresta, cidade, legumes etc.

Nono, eu ensinei história indígena. Ensinei sobre o tempo das malocas do nosso povo, o que acontecia na época, quando usavam festa de batismo, e sobre alimentação. Ensino o que acontecia no passado e o que acontece no presente.

Décimo: eu trabalhei na sala de aula para desenvolver esse plano de aula. Com isso, também eu tenho meu crescimento e desenvolvi meu conhecimento na Educação Indígena.

Nicolau Lopes Mana

A aula do professor José Lopes Mateus

Eu sou o professor José Lopes Mateus, da aldeia Nova Aliança. Eu tenho 30 alunos de 1ª série e gostaria de contar o meu plano de trabalho.

Bem, eu entro na escola às 7 horas e bato três vezes a campainha para os alunos virem para a aula. Todos entram às 7 horas. Depois que todos estão sentados, eu dou 'bom dia' e todos me respondem. Depois disso, eu falo para não ficarem bagunçando, e sim para estudarem e prestarem atenção. Eu gosto muito de cantar com eles. Depois, eu gosto de chamar os meus alunos pelo nome de cada um e termino com a chamada.

Eu escrevo na lousa: 'Matéria: Português. Assunto: alfabeto'. Eu gostaria de ensinar meus alunos para que aprendam a reconhecer cada letra. Alguns dos meus alunos não sabem ler, escrever e nem falar em português. Eu também ensino outras matérias: matemática, ciências, história, língua indígena. Eu ensino cultura indígena huni kuĩ, canto de mariri, artesanato etc. Às 9h30, tem merenda. Geralmente é leite, bolacha, suco, biscoito etc. Depois do intervalo, nós continuamos a estudar. Cada tarefa ou exercício eles aprendem na prática e na teoria. Eu finalizo a aula às 11h30.

O meu trabalho é dar aula para os alunos quatro vezes por semana. Eu também trabalho junto com a comunidade para organizar o meu povo Huni Kuĩ. Trabalhamos na

organização da rua, do campo, do roçado etc. Na nossa organização, todos trabalham juntos: mulheres, homens e também os agentes agroflorestais indígenas, professores, agentes indígenas de saúde, lideranças. Meu plano de trabalho era isso. Boa Sorte.

José Lopes Mateus

A aula do professor Francisco Bardales

O professor trabalha de segunda a quinta feira somente com os alunos. Na sexta feira todo mundo participa da aula, tem aula do agente de saúde, do agente agroflorestal, aula de pajés, aula de agente indígena de saneamento e aula de parteira. Nesse dia todo mundo fala do seu trabalho, alguns contam histórias ou ensinam o ritmo de dança de *katxa nawa*, de *bunawa*, de *nixpu pima* e outros.

No dia de sábado é festa tradicional. Nós bebemos o *nixi pae* e conversamos de todo o nosso trabalho, se estamos avançando ou estamos atrasados. Também podemos ver e descobrir nosso erro de trabalho, de respeito e de educação.

É assim que trabalhamos, educando nossos filhos e ensinando o que aprendemos, respeitando a tradição que Deus nos deu, a nossa própria religião, e não podemos esquecer o que é nosso, do Huni Kuĩ.

Antônio Napoleão Bardales Sebidua



Afonso Huni Kuĩ e Francisco Bardales - aldeia Nova Mudança 2013

O estudo do Pancho no Peru

Eu estudei em Santa Rosa, estudei até no Peru, aí já encostado. De um lado Santa Rosa, do outro lado Palestina. Não só eu, alunos brasileiros estudaram no Peru também. Não tinha escola no Brasil e todos, quando eram pequenos, estudavam lá também. Os alunos Moura estudavam lá também e nós morávamos junto com eles. O Valdemar Moura era o pai deles e nós estudávamos juntos lá. Depois chegou o cabo Antônio, um policial que era professor, aí começou a ensinar e aí formou professores. Agora que começou aqui, antes nunca teve escola aqui em Santa Rosa, no Brasil. Isso foi de 1952 até 1955, quando eu participei da escola na Palestina.

Pancho Lopes Bixku



Osair Siã Sales filmando Pancho Lopes Bixku - Foto: Elsie Lagrou -1989

O aprendizado com os Velhos

Milton da Silva

Naquele tempo, o meu sogro era o Milton da Silva Huni Kuĩ, que tinha a sabedoria da plantação das ervas medicinais. Ele sabia curar doenças, como dor de cabeça, e também sabia curar mordida de cobra. Ele poderia ajudar a todos que tivessem dificuldades, com base na sua sabedoria. Nós não queremos esquecer nunca a história do velho e estamos sempre querendo aprender mais, e também os nossos filhos e netos e toda a comunidade.

Foto: Ingrid Weber (1998)



José Lopes Mateus



Foto: Malu Ochoa - 1995

Antônio Pinheiro

Na minha aldeia, estou aprendendo com o velho Antônio Pinheiro Huni Kuĩ sobre *Bunawa* (Festa da banana madura). No começo, o chefe da aldeia, que era chamado de *txana* (cantor), convida todas as pessoas para tirarem os cachos de banana dos roçados.

Quando todos trazem os cachos, colocam as palmas de banana numa envira amarrada no teto da casa. Com uma ou duas semanas, as bananas ficam maduras e o *txana* da aldeia convida o *txana* da outra aldeia para trazer o pessoal para a festa. A comunidade chega imitando japó e o pessoal da aldeia dá banana para eles comerem e enfiar banana no nariz, na boca, passam no cabelo... Tudo como brincadeira. Depois, todos cantam e o pessoal escolhe a pessoa mais trabalhadora da aldeia que é convidada para balançar as bananas penduradas na envira. Quando as bananas caem, todos podem pegar e fazer mingau. Depois de feito o mingau, o *txana* da aldeia toma um pouco e canta para o pessoal tomar tudo em seguida.

É importante começar a pesquisar com o nosso povo mais antigo as histórias de antigamente e de hoje para deixar registrados no papel e fazer livros para a escola.

Bunawa katsirã eskawapaunibukiaki, mani akatsirã shanē ibu mae anuarã, txanã hatu yuikidasibis hatu yui paunikiaki mae tibirã. Yui shū mani teshte kī keyutã, ha beaibū hatu pima pauni kiaki. Mani daxkitã keshanu mistu mistu amakĩnã, bushkaki buya baūkinã dasibi dabuya bāukinã, haska paunibu kiaki.

Hunĩ kāyã itxaburã huni daya kapatxakama niri ama paunibu kiaki.

Ha haskaya bishū mutsa shū apaunibukiaki. Itxashū pakarĩ ikinã, haskatã sai, sai ipaunibukiaki.

Waldemar Pinheiro Ibã

Severino Sereno

Na minha comunidade, existe um velho que tem 90 anos e que tem muito conhecimento. Ele é o único velho que conhece a sua tradição completamente, usa sua língua, conhece as ervas medicinais, danças, comidas, crenças, e conhece também maneiras de tratar da natureza, conhece todos os tipos de floresta. Este velho aprendeu através do pai que a ele ensinou.

O velho Severino Siã (Dua Bake) tem o conhecimento de tratar das doenças dos parentes com ervas medicinais. Ele também usa armas do seu artesanato. No dia de hoje, o artesanato das mulheres quase não existe mais, como panela de barro, bacia de barro, buzina, cuia etc.

Eu estou aprendendo e estou adquirindo sabedoria. Estou me preocupando em registrar a história do velho Severino Siã para que no futuro não se acabe a biblioteca indígena do Alto Purus. Com essa preocupação, eu, professor Paulo Lopes, estou dando continuidade a esse trabalho para que futuramente nossos alunos aprendam.

Paulo Lopes Siã

Osmani Calixto

Na aldeia Nova Moema, quem me ajuda na pesquisa de história e cultura indígena huni kuí é o meu sogro Osmani Calixto. Ele é um velho que já completou os seus 60 anos. Eu sou um agente agroflorestral indígena que faço a pesquisa com ele e registro as histórias que ele aprendeu com o sogro dele e que agora está ensinando para nós que somos seus genros, filhos e netos. As histórias huni kuí são muito longas que vêm brotando do nosso povo do passado para o presente e do presente para o futuro.

Venho trabalhando na valorização das histórias, das medicinas, das músicas, das danças, dos batismos e das dietas. Eu sou um pesquisador biólogo que faço a pesquisa na viagem, nas visitas, nas reuniões, nas aulas, na cidade e na floresta. A pesquisa na floresta é com relação à fiscalização ambiental, porque eu tenho um crédito pelo IBAMA para fazer a fiscalização dos recursos naturais, como a madeira, a pesca, a caça. É que a história das florestas e das faunas estão incluídas na história huni kuí do Purus.

Francisco Pereira de Aguiar Bina



Rantizal Oliveira Siã (Inu Bake)

Na minha aldeia Dois Irmãos, além dos meus conhecimentos, tem um velho que pode me ajudar no meu trabalho de pesquisa. O nome dele é Rantizal Oliveira Siã (Inu Bake). O velho Siã é um velho que tem muitos conhecimentos da nossa cultura tradicional, como medicina tradicional, artesanato,

pesca, caça, canto e diversas histórias do meu povo huni kuĩ. Na hora do meu trabalho de pesquisa, eu e muitos outros ficamos impressionados ouvindo o velho Siã contando as nossas histórias de antes, do passado. A escola indígena, antigamente, funcionava na prática e oral e os alunos tinham mais dificuldade em aprender do que hoje. Hoje, eles têm mais facilidade em aprender na escrita. Através da escrita e também da história do povo Huni Kuĩ, eles estão conhecendo tudo registrado e produzido como cartilha, jornal e outros materiais de tecnologia.

João Domingos Tuĩ

Milton Salomão

Na minha comunidade Novo Recreio quem pode me ajudar a fazer a minha pesquisa é o velho Milton Salomão (Dua Bake). Ele tem 67 anos. Ele tem conhecimento sobre a cultura indígena que ele aprendeu com seu pai e mãe, e ele usa a língua indígena própria. O que o velho aprendeu principalmente muito foi sobre ervas medicinais, dança, canto do cipó, mariri, músicas, bebidas, comida, casamento, batismo, etc. As histórias do velho são sobre a cultura indígena e também sobre as pessoas do movimento indígena. Então, é por isso que nós, professores, pesquisamos muito com o velho, para não perder a nossa cultura e a nossa história do passado. Ele explica tudo como aconteceu com o nosso povo Huni Kuĩ no tempo antigo em que vivíamos.

Cláudio Lopes Mana

Marin Huni Kuĩ

Na minha aldeia Nova Aliança vou pesquisar com o velho Mário, conhecido por Marim Huni Kuĩ. Este velho tem o conhecimento sobre história e cultura indígena que ele aprendeu com o próprio pai desde pequeno. Ele fala a sua língua indígena e conhece as ervas medicinais tradicionais e os remédios que ele aprendeu com seu pai. Ele também conhece dança, *katxanawa*, *txiri*, *hai ika*.

Até hoje, este velho continua a sua cultura tradicional e para não perder o seu costume, cada vez mais ele está desenvolvendo no dia a dia as cantorias, contribuindo com a comunidade. O velho também tem conhecimento sobre a demarcação de terra indígena que ele lutou junto com seus amigos.

Eu, professor José Paulo Siã quero fortalecer esta cultura junto com meus alunos e resgatar a nossa cultura indígena para desenvolver mais o meu trabalho e valorizar o meu povo Huni Kuĩ do Purus.

Paulo Sampaio Siã

Foto: Francisco Bardales - 2013



Aldeia Nova Mudança

Leôncio Salomão Muru

O meu pai, Leôncio Salomão, tem 63 anos. Ele sabe cantar música de cipó, mariri, *katxanawa*, sabe dançar *txirĩ* e também sabe remédio da mata. Ele tem conhecimento sobre a história dos antepassados e dos índios nativos. Ele sabe várias histórias sobre a crença e cultura indígena e sobre os movimentos indígenas. Então, é por isso que nós agentes indígenas de saúde começamos a pesquisar com o velho meu pai, para não perder a nossa cultura. A história do passado explica tudo que aconteceu com o nosso povo Huni Kuĩ no tempo em que vivemos. Estou cada vez mais pesquisando com meu pai.

Milton Salomão Shane

Delcia Pereira

Ela aprendeu com seus avós que eram pajés e que faziam a cura de doenças sem precisar de remédio dos brancos, eles curavam somente com a reza. Délcia tem 59 anos. Ela fala que, antigamente, no tempo dela, não tinha e não tinha agente agroflorestal indígena. Eles mesmos sabiam cuidar da saúde com sua própria cultura. Eles se educavam com o conhecimento que tinham e respeitavam os mais velhos. Faziam o manejo da floresta no sentido da medicina para tratar de várias doenças que eles conheciam. Antigamente, o povo Kaxinawá eram muito ricos de saúde e educação, porque eles eram fortes e não tinham medo de tratar qualquer tipo de doença. Na educação, eles demonstravam sua sabedoria e ensinavam música, dança, comida, bebida, preparação para a festa de mariri, de cipó, de pesca etc.



Foto: Malu Ochoa 1996

Delcia Huini Kuĩ



Marina Olhama - Alto Purus - Foto: Malu Ochoa - 1995

NUKŪ HĀTXA KUĩ [nossa língua]

A nossa língua vai continuar até o fim. Muitos já perderam a língua e a cultura de seu povo. Aqui não, nós nunca vamos perder. O português eu não falo muito bem, mas a minha língua eu sempre sei falar porque é minha. Nunca esqueci, porque meu pai e minha mãe me ensinaram. Então, essa parte eu vou ensinar, porque se eu morrer, meus filhos vão continuar, meus netos vão continuar nessa terra.

Mário Domingos Yube

Educação tradicional

O povo Kaxinawá vive em vários municípios do Acre, e em alguns afluentes do rio Purus no Peru.

A minha Terra Indígena se chama Alto Rio Purus. Localiza-se na margem esquerda do rio Purus, no município de Santa Rosa do Purus, no estado do Acre. Fica na fronteira do Brasil com o Peru. A minha aldeia se chama Nova Fronteira. Somos 137 habitantes. A minha comunidade é organizada com casas juntas umas das outras. As casas são do modelo da casa de seringueiro.

Na minha comunidade tem três professores, um agente de saúde, liderança e um agente agroflorestal indígena. Falamos a nossa língua *hãtxa kuĩ* e mantemos os nossos costumes tradicionais, entre eles temos a educação tradicional.

A educação tradicional funciona desde que a criança começa a ter os seus conhecimentos e o relacionamento com a sua família. Logo quando a criança começa a falar, já começa a falar a língua indígena com os pais e os irmãos reconhecendo as suas famílias. Durante a convivência com a sua família a criança vai aprendendo as atividades com o pai, ou com a mãe.

A criança aprender a fazer as atividades de casa e do trabalho, praticando, ouvindo e observando.

Por exemplo: a criança aprende as músicas ouvindo, aprende a medicina vendo e observando o jeito e o tamanho das folhas, ou da altura da planta. No caso das meninas elas aprendem a fazer redes e bolsas acompanhando todo o processo que a mãe faz com o algodão. Para aprender ela observa e vai praticando desde pequena. Vai pedindo a ajuda. Então, a educação indígena começa desde o conhecimento da criança, depois que ela vai para a escola é somente para fazer uma complementação do conhecimento, como a parte de escrita e leitura.

Na escola o professor ensina para as crianças primeiro na oralidade e também fazendo dramatizações e desenhos. Depois é que passa para a escrita. Os costumes dos alunos já vem desde a tradição do povo, como por exemplo, sentar no chão, fazer pintura no seu livro ou caderno, brincar em forma de teatro fingindo que é animal. Os alunos não tem farda, eles se vestem com roupas normais que usam no seu dia-a-dia dentro da aldeia. Na escola tem carteiras e os alunos de vez em quando, quando dá vontade, se sentam no chão para resolver alguma atividade que o professor repassa.

Adalberto Domingos Maru

CAPÍTULO 7



Desenho Jorge Domingos Naxima

Gestão Territorial e Ambiental *Dasibis ha nukū mae hirabi merānu nū haya mekea*

A gestão territorial e ambiental para os Huni Kuĩ do Alto Purus



Foto: Acervo SEMA 2012

Oficina de etnozoneamento realizada na aldeia Nova Aliança

A gestão territorial e ambiental para nós, Huni Kuĩ do Alto Purus, é gerenciar a nossa terra com sabedoria, buscando dali a nossa sobrevivência sem modificar o equilíbrio natural do ambiente. Para que a gestão territorial e ambiental aconteça é preciso fazer um estudo, ou seja, um diagnóstico geral dos recursos naturais. Após este trabalho, é possível organizar o uso sustentável desses recursos, ensinando aos jovens como iremos trabalhar na proteção e conservação da fauna, da flora e dos recursos hídricos existentes na nossa terra.

Fazer gestão ambiental e territorial é trabalhar com plano de manejo dos recursos utilizados para nossa sobrevivência. É cuidar de tudo que serve para o homem e o que serve para os animais da floresta. A gestão territorial é mais que preservar, é trabalhar para o mundo o próprio equilíbrio da natureza. Serve também para mostrar ao governo que as melhores áreas de proteção e conservação são as terras indígenas.

A gestão territorial e ambiental está relacionada diretamente com a nossa cultura desde os nossos antepassados. Os nossos antepassados sempre viveram trabalhando a gestão territorial e ambiental como uma prática natural, através dos conhecimentos tradicionais adquiridos pelos mais experientes. As práticas culturais como as festas, os rituais e o uso de plantas medicinais são possíveis através de uma política consciente de gestão territorial e ambiental de nossa terra.

Antes não era preciso fazer o que estamos fazendo, pois cada indivíduo sabia o que fazer, quando fazer e como fazer cada atividade relacionada ao uso de nossos recursos. Hoje temos que colocar em documentos escritos para ter uma garantia e para que sirva de orientação para os jovens e, principalmente, para que a sociedade envolvente saiba que os Huni Kuĩ do Alto Purus estão fazendo o uso sustentável dos recursos naturais existentes na nossa terra indígena.

A situação ambiental da TI Alto Rio Purus

A situação da vegetação

A floresta da Terra Indígena Alto Rio Purus sempre foi uma floresta de locais bastante diversificados, com alguns trechos de cerrado, muito cerrado e restinga. No ano de 2011 nasceu bastante taboca em toda a terra e depois morreram. Após a morte desses tabocais, alguns trechos da floresta nasceram muitas ramas de cipó por cima das tabocas secas e podres, dificultando o tráfego de pessoas e dos próprios animais. Hoje a vegetação se encontra em fase de recuperação para voltar à situação anterior.



Oficina de etnozoneamento realizada na aldeia Nova Aliança – Acervo SEMA 2012

A situação da caça e da pesca

Devido à fundação de várias aldeias próximas umas das outras e com o crescimento da população e a frequência constante de caçadores indígenas nos arredores das aldeias, as caças têm se afastado para bem longe, sobretudo as queixadas que há mais ou menos seis anos não aparecem na terra indígena.

Antigamente, antes da fundação das novas aldeias, encontrávamos as caças com facilidade e próximo das aldeias. Agora, para encontrar animais suficientes para matar com facilidade, os caçadores têm que caminhar aproximadamente três horas na floresta. Hoje, na terra indígena Alto Rio Purus não está mais sendo tão fácil e não há mais fartura como antes.

Em relação aos peixes, a situação não é tão diferente da caça. Existem bastante lagos, igarapés e o rio, mas em alguns lagos e igarapés da terra indígena os peixes já estão ficando difíceis por conta da grande frequência de pescaria com tinguí, tarrafa e malhadeira pelos próprios indígenas. No rio Purus nunca mais subiram piraemas como antigamente; quando sobem é somente alguns cardumes de algumas espécies de peixe que muitas vezes não dá nem para perceber que é piraema. Portanto, hoje o povo da Terra Indígena Alto Rio Purus já encontra dificuldade de pescar em grande quantidade como antes pescavam para consumir.

Adalberto Domingos Maru

A relação entre os Huni Kuĩ e os *nawa* do entorno

Em relação aos vizinhos *nawa* (branco) não há nenhuma divergência, graças a Deus. Em algumas aldeias que tem vizinhos *nawa*, os indígenas se relacionam muito bem por serem conhecidos antigos que muitas vezes precisam de apoio dos indígenas e os indígenas precisam do apoio deles. Portanto, os indígenas têm uma afinidade de diálogo muito grande com os vizinhos *nawa* e nunca existiu pressão ou ameaça por parte deles e nem por parte dos indígenas, como existiu antes quando as primeiras lideranças lutavam pela demarcação da terra.

Hoje, os indígenas de algumas aldeias caçam e pescam do lado da área dos brancos e muitas vezes os brancos pedem madeira da terra indígena para cerrar e construir suas casas, além de pescarem nos lagos para consumo próprio.

Adalberto Domingos Maru

O que é a sustentabilidade?

Para nós, Huni Kuĩ, a sustentabilidade está diretamente ligada ao aproveitamento dos recursos da floresta sem causar impacto, como é observado na exploração feita pelo homem branco que faz uso dos recursos naturais de forma predatória.

A sustentabilidade é o aproveitamento tanto da fauna como também da flora, de forma consciente e planejada, para o sustento das famílias, além da geração de recursos econômicos nas aldeias. É uma forma de garantir o futuro das próximas gerações.



Acervo CPI/AC

Meninas Huni Kuĩ - aldeia Nova Aliança

Sustentabilidade é cuidar de tudo que temos de melhor, ou seja, é usar e manejar o ecossistema, como: rios, igarapés, lagos, florestas, sem alterar o seu equilíbrio, respeitando o desenvolvimento das espécies de vegetação e de animais dentro de seu habitat natural.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina

Plano de uso dos recursos naturais da aldeia Nova Fronteira

O Plano de uso dos recursos naturais da aldeia Nova Fronteira é o primeiro e, até o momento, o único Plano existente na Terra Indígena do Alto Purus. Este plano foi elaborado com a participação de toda a comunidade, a partir de uma preocupação em usar os recursos naturais existentes na nossa aldeia com uma prática inteligente de não prejudicar a floresta e os animais, muito menos os usuários destes recursos.

Este plano é uma forma de conscientizar a comunidade sobre os problemas existentes na aldeia em relação ao uso da nossa floresta. O objetivo principal do plano é garantir para os nossos filhos e para a futura geração a reprodução e existência das espécies de fauna, flora e recursos hídricos existentes na terra indígena.

Já temos experiência com este trabalho e alguns avanços já começaram a serem notados pela comunidade. Hoje se trabalha a sobrevivência do homem com a natureza de uma forma mais responsável, discutindo e planejando a utilização de cada recurso natural. É uma nova prática de educar não só a comunidade, mas também de mostrar aos nossos vizinhos e a todos que sobrevivem da importância do Plano de Uso.

As avaliações deste Plano de Uso são específicas para avaliar a atuação da comunidade na sua prática de uso desses recursos. É um trabalho difícil que requer muita coragem e diálogo com a comunidade para que os acordos feitos pelos índios sejam respeitados e colocados em prática no dia a dia da comunidade. Este plano é uma base inicial para ajudar na construção do plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena Alto Rio Purus.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina



Arquivo SEMA 2012

Mário Domingos e Leôncio Salomão na Oficina de etnozoonamento - Nova Fronteira

Plano de uso dos recursos naturais

Elaborado durante a I Oficina Itinerante de Gestão Ambiental da Terra Indígena Alto Rio Purus realizada pela Comissão Pró Índio do Acre junto com a Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígena do Acre – AMAAIAC em 2004 com participação dos professores Francisco das Chagas, Maria de Fátima e Alberto Domingos, Agentes Agroflorestais Jorge Domingos, Nelson Domingos e o agente de saúde Pedro Domingos.



meninos Huni Kuí tomando banho - Acervo CPI/AC

Mata ciliar – Não derrubar a mata ciliar da beira do rio, igarapé e lago, pois elas são fundamentais para a alimentação dos peixes, das aves e de outros animais que vivem na mata ciliar. A mata ciliar ajuda a controlar a erosão do rio, do lago e do igarapé.

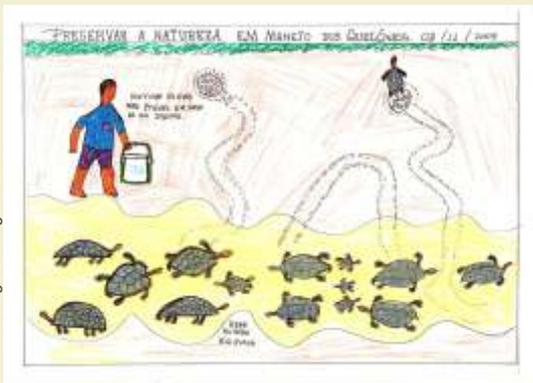
Lago – Não pescar no sangradouro do nosso lago nunca mais, pois é por onde entram as espécies de peixes.

A partir do ano de 2004 vamos parar de pescar com malhadeira e tarrafa de qualquer malha no período de setembro a janeiro. Neste período, vamos pescar somente de anzol e flecha, pois esta é a época de reprodução dos peixes, principalmente o pirarucu.



Igapó grande e igapó Zé Pedro – Entre 2004 e 2007 não vamos mais pescar com tinguí, nem no inverno e nem no verão, pois os peixes dos igapós, como a traíra, cará, bodó amarelo etc, estão em extinção. Será permitida apenas a pesca de caniço e tarrafa. De tarrafa é permitido pescar duas vezes por mês e de anzol duas vezes por semana.

Palmeiras – Não vamos mais derrubar o jaci, o açai, o patoá e a bacaba, vamos manejar, subindo. Vamos derrubar apenas os pés velhos que não temos condição de extrair as palhas e as frutas. Quando derrubar, devemos ter o cuidado de plantar outros. As palmeiras oferecem alimento para nós e para os animais da floresta



Quelônios – No ano de 2004 não matar, não pegar e não extrair ovos de tracajá de nossas praias. Vigiar as nossas praias e conscientizar os nossos vizinhos e os viajantes que dormem na praia.

A partir de 2004, fica proibida a venda de jabuti para os *nawa*. Na época da reprodução dos jabutis temos que pegar apenas os machos e deixar as fêmeas para que elas possam botar ovos. Também não podemos pegar os filhotes quando estão no ciclo de desenvolvimento.

Caçadas com cachorro – As caçadas com cachorro serão permitidas apenas no entorno dos roçados, com a permissão de seu dono, no caso de haver animais (porquinho, cutia, paca, veado) estragando os legumes.

As caçadas serão permitidas duas vezes por semana. Nos piques de caçada é proibido caçar com cachorro.

Caças – A partir de 2004 fica proibida a comercialização de carne de animais da floresta para os *nawa*, principalmente autoridades municipais. As trocas só poderão ser feitas entre parentes da própria aldeia; a Constituição diz que é crime a comercialização de carne de animais da floresta.

Na época dos filhotes de veado, anta, queixada e outros, devemos tomar o cuidado de não matá-los. Fica também proibida a venda de filhotes de animais. Quando os queixadas estiverem próximos de casa, não podemos pôr cachorro em cima deles. Matar apenas dois queixadas por família (temos que matar apenas para o nosso sustento). Quando machucar, temos que matar, pois estamos deixando o dono da floresta zangado.



Capoeiras – Devemos reflorestar nossas capoeiras com frutíferas e madeiras de lei (mogno, cedro, itaúba etc). As capoeiras que não forem reflorestadas terão um intervalo de quatro anos para se recuperarem e serem brocadas novamente. Na hora de derrubar nossas capoeiras devemos ter o cuidado de não derrubar as madeiras de lei, pois no futuro servirá para nosso próprio benefício e as capoeiras reflorestadas servirão para nós e para os animais da floresta.



Agentes de saúde e assessor do setor de saúde da CPI/AC observando a qualidade da água das cacimbas - aldeia Nova Moema

Água – Temos que ter cuidado com as fontes de nossas cacimbas e igarapés. Brocar 20 metros longe das fontes. Plantar sempre buriti, açaí e paxiubão nas fontes das cacimbas para as plantas conservarem nossa água. Devemos ter o cuidado de não jogar lixo na direção de nossas cacimbas, como: pilhas e medicamentos vencidos. Não podemos jogar animais mortos no nosso rio, pois os peixes e outros parentes precisam do rio limpo assim como nós. Se fizermos isso, estamos contaminando os peixes e os peixes nos contaminando.

Lixo - Devemos ter cuidado com os lixos orgânicos e não orgânicos, depositá-los em locais apropriados onde não venham trazer danos aos homens e aos animais. No caso dos lixos não orgânicos como plásticos, devemos colocar em um lugar apropriado de preferência em buracos feitos por nós. Devemos usar sempre os lixões e fazer as caixas de lixo em nossas casas. Cada família tem o dever de ajudar o professor, o agente de saúde e o agroflorestal na parte do lixo, fazendo coletas de lixo em seus quintais. Devemos conscientizar os funcionários e os aposentados para que criem uma alternativa de não estarem trazendo lixo para nossa aldeia. Quando trouxerem, colocar em local adequado.

Praias – Devemos aproveitar bem as praias que os rios nos oferecem no verão. Temos que plantar amendoim, feijão, milho, melancia, jerimum, macaxeira, batata e outros tipos de legumes que servirão de alimento para nós. Temos que dividir as praias para que todos plantem seus legumes. No inverno temos que limpar as beiras para que dê boas praias. Temos que conscientizar nossos filhos para que não estraguem os legumes que estão fora da época de colheita.

Fauna – Não podemos matar as aves como: garça, jaburu, gavião real e outros, sem saber o que fazer com eles. Se matarmos, devemos aproveitar suas penas para fazer

Sistemas agroflorestais – (SAFs) – Cada família tem que fazer o seu próprio SAF no fundo de quintal para ajudar na alimentação de nossos filhos. A comunidade tem o dever de ajudar a manejar o SAF comunitário. Temos que plantar, além das frutas, as madeiras de lei e outras plantas para o nosso uso. Devemos ter o cuidado de não cortar e não quebrar as mudas do SAF comunitário quando fizermos o manejo e devemos pedir orientação quando não sabemos para o AAFI. Temos que ter cuidado com os animais como boi e porco para não estragar os plantios. Os professores junto com os alunos têm o direito de ajudar no manejo do SAF comunitário.

QUINTAIS AGROFLORESTAIS: :

Data /05 /12 /2005



Aldeia Dois Irmãos - Desenho do AAFI Ninawa

Pirarucu – Será permitido pescar pirarucu apenas de anzol no período de maio a setembro. A venda de carne de pirarucu será totalmente proibida para parentes e *nawa*. No período de outubro a abril está proibida a pesca de pirarucu com qualquer tipo de material, pois essa é a época de reprodução.

Paxiubão – A paxiúba, como paxiubão e paxiubinha, são os recursos que mais usamos para a construção de nossas casas e sempre vamos continuar usando. Para continuar tendo as nossas paxiúbas devemos plantar sempre quando derrubamos e assim nunca irá faltar. Uma casa dura 15 anos; enquanto usamos a casa, a paxiúba que plantamos irá crescer.



Aldeia Novo Marinho

Medicina – Devemos usar os nossos próprios remédios. Os mais idosos devem ensinar para os seus filhos e netos. Temos que plantar medicina próxima de nossas casas para que a sua extração se torne mais fácil. Quando fizermos os roçados, temos que ter o cuidado de não roçar onde tem muita planta medicinal. Se a pessoa não conhece, deve procurar a ajuda dos mais velhos. O agente de saúde tem o dever de conhecer as nossas medicinas tradicionais para trabalhar com seu povo. Ele também tem o dever de plantar medicinas, a chamada farmácia viva, que ajuda na melhoria da saúde indígena contribuindo numa melhoria da nossa vida.

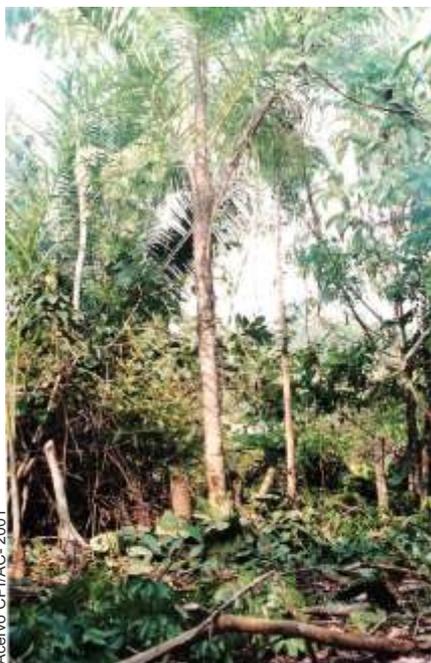
Monitoramento do Plano de Uso dos recursos naturais - As observações e

Monitoramento do Plano de Uso dos recursos naturais - As observações e avaliações do Plano de uso dos recursos naturais da aldeia Nova Fronteira serão feitas uma vez por mês pela comunidade com a participação de representantes das aldeias Novo Lugar e Nova Fortaleza. Os responsáveis pela organização das observações/avaliações serão os agentes agroflorestais, agentes ambientais voluntários e agentes de saúde. Elas servirão também para medir as vantagens e as desvantagens do Plano de Uso dos recursos naturais da aldeia.



Jovens Huni Kuí no barranco do Rio Purus

O manejo dos recursos naturais na aldeia Nova Mudança



Na terra indígena Alto Rio Purus o manejo está sendo realizado dependendo do que cada aldeia acha importante. As aldeias mais antigas vinham derrubando as árvores, como palheiras, patuá, açai, paxiubão, paxiubinha e madeiras de lei como cedro, mulateiro, aguano, cumaru de ferro e outros tipos. Agora, nas aldeias novas, os roçados estão sendo colocados nas capoeiras para não aumentar as derrubadas das árvores úteis.

Desde o início da abertura da aldeia Nova Mudança (*Txana Muru*) já tínhamos o planejamento de como cuidar e utilizar o ambiente. O local da aldeia tinha muita palha, paxiubão e outros tipos de madeiras. Essas palhas que foram derrubadas foram utilizadas para cobrir as casas, o paxiubão serviu para o assoalho e as madeiras serviram para lenha de fazer fogo. Os troncos das palheiras que foram derrubadas apodreceram e o agroflorestal junto

com a comunidade está utilizando isto para adubar as plantas.

Na época do roçado, ele é colocado em local onde não tem muita palheira, madeiras de lei, açai e outros para não prejudicar a vegetação existente na aldeia. Perto da aldeia temos muitas palhas, açai, abacaba, patuá e paxiubão. O que está próximo da aldeia, a comunidade junto com seu agente agroflorestal está colocando placa com a numeração, porque tem alguns parentes teimosos que podem derrubar. Se tiver os números, ninguém mexe, pois sabe que não é para derrubar. Quando o cacho de açai está maduro, eles sobem para tirá-lo; se é necessário tirar a palha, eles sobem com a escada. Nós cuidamos da floresta, é assim que a gente faz. Além de cuidar do que já existe, estamos plantando o que nós não temos na aldeia, como buriti, cupuaçu, cacau, pupunha e outras frutas.

Na aldeia Nova Mudança, com o interesse da comunidade, temos uma iniciativa de criação de abelha nativa, mas não sabemos em português os tipos de abelha que temos. O mel de abelha serve para nós, Huni Kuĩ, para fazer chá quando a criança está tossindo ou gripada e serve para os adultos também. A gente faz uma caixa dividida em duas partes; em uma parte fica o líquido e, na outra, os favos da abelha. Ninguém é técnico para trabalhar com isto, mesmo assim o professor Francisco está dando a ideia de como fazer e nós estamos aprendendo, esperando que dê certo. Até hoje temos somente três caixas de criação de mel de abelha.

Antônio Napoleão Bardales Sebidua

O trabalho do agente agroflorestal

Agente Agroflorestal Pedro Melo



Acervo CPI/AC

Agente Agroflorestal Pedro Melo no curso de formação da CPI/AC

Quando eu entrei no trabalho de agente agroflorestal indígena (AAFI), no mês de junho do ano de 2000, vi que é um trabalho muito importante para mim. Nós aprendemos tanto na prática quanto na teoria. Nós produzimos as mudas e aprendemos a plantar, a manejar os recursos naturais para não acabarem. Nós aprendemos e podemos ensinar à nossa comunidade.

Nós estamos plantando várias espécies de frutíferas na nossa região para termos frutas e melhor saúde. Também fazemos a prevenção do lixo – o orgânico e o inorgânico - para não ter muita praga na nossa casa. Todos os trabalhos que nós fazemos, registramos no nosso diário de trabalho.

Todos os agentes agroflorestais indígenas também fazem esse trabalho de plantio de frutas. Isto vai servir para o nosso futuro, pois para ter boa saúde é preciso ter boa alimentação. Mas o meu trabalho não é só plantar frutíferas. No nosso sistema agroflorestal, estamos plantando algumas espécies de plantas nativas que são importantes e algumas plantas medicinais. Explico para a minha comunidade entender o que é o meu trabalho e mostrar as minhas habilidades para eles. Na minha aldeia, também trabalho junto com o professor e com os alunos, na teoria e na prática.

AAFI Pedro Melo

Agente Agroflorestal Francisco Bina

Vou escrever o que eu entendo sobre a importância da minha função, do meu trabalho de agente agroflorestal indígena (AAFI).

Logo quando eu comecei o meu trabalho com sistema agroflorestal na aldeia Nova Moema, a comunidade quase não me ajudava, porque era um trabalho novo na região do Purus. Naquele tempo, nós Huni Kuĩ só plantávamos legumes nos roçados, como banana, milho, mandioca, arroz. Nesse tempo, uma pessoa da comunidade que sempre me ajudou e deu força no meu trabalho foi o professor Paulo Lopes.

Eu sou uma pessoa que sempre penso no futuro. Os anos foram passando, as plantas foram crescendo no meu quintal e algumas já estão produzindo. A comunidade, hoje, já está animada para trabalhar comigo com o modelo de sistema agroflorestal nos quintais. Assim foi que eu conquistei a comunidade. Agora, eles já têm plantas nos seus quintais

das suas casas, porque eu sempre venho orientando. Nas nossas reuniões, quando estou conversando com eles sobre o tema, oriento para organizarmos o nosso alimento com frutas doces e azedas para a proteção da nossa saúde.

Assim foi acontecendo o meu trabalho aqui na aldeia. Mudou o esquema, porque agora eu estou trabalhando com o professor, com o agente de saúde e com os alunos da comunidade em geral. Hoje eu não trabalho somente com plantio, eu dou aula para os alunos sobre gestão ambiental e fazemos a coleta de lixo da aldeia. Eu também faço a fiscalização dos recursos naturais. Já registrei um pescador que tinha pescado pirarucu no nosso lago. Tomei providências e o entreguei para o IBAMA, pois eu sou uma pessoa física credenciada para trabalhar com esta lei.

Na minha comunidade, eu tenho o meu estilo para ensinar o meu povo a utilizar e consumir os recursos naturais com sabedoria, sempre pensando no futuro. Até porque, nós estamos habitando uma área de preservação permanente. Nós já vínhamos preservando antes, concretizando as leis ambientais; nós, índios, nunca fizemos um dano contra a natureza. Quem faz a destruição da floresta são os próprios *nawa*, degradando o solo, poluindo as águas, destruindo as matas e acabando com as madeiras deles. Nós, índios, não destruímos a flora e a fauna para satisfazer a nossa necessidade.

Esta é a importância do meu papel de AAFI. Estamos fazendo a defesa do nosso ambiente, e vocês?

AAFI Francisco Pereira de Aguiar Bina



Francisco Pereira de Aguiar Bina - Aldeia Nova Moema - Foto: Adriano Dias

Etnozoneamento dos Huni Kuĩ do Purus

O trabalho do etnozoneamento da terra indígena foi realizado no primeiro trimestre de 2012, na aldeia Nova Fronteira, com a ajuda do governo estadual, através da Secretaria Ambiente(SEMA) e Secretaria de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (SEAPROF). Estavam presentes convidados de todas as aldeias, como lideranças, professores, agentes de saúde, agentes agroflorestais. No total, foram aproximadamente 60 pessoas, entre Huni Kuĩ e Madja.

A oficina durou sete dias. No primeiro dia foi elaborado o mapa cartográfico, através dele os próprios Huni Kuĩ foram levantando os recursos naturais existentes na terra indígena Alto Rio Purus. O trabalho foi realizado em grupos, cada grupo fez seu mapa temático, indicando os rios, igarapés, os peixes, as madeiras-de-lei e os remédios tradicionais. No último dia fomos entrevistados sobre a criação das aldeias, a produção de legumes e sobre como os governantes do município e do estado estão nos ajudando. Isto foi falado na entrevista.

Antonio Napoleão Bardales Sebidua



Oficina de etnozoneamento realizada na aldeia Nova Aliança – Acervo SEMA 2012

A importância do etnozoneamento

O etnozoneamento serve para levantar, organizar e registrar melhor os recursos naturais existentes na terra indígena. É um trabalho que só pode ser feito pelo próprio indígena através dos conhecimentos adquiridos pelos mais velhos, pois são eles os conhecedores de cada espécie de plantas e animais existentes na floresta. Não se faz o etnozoneamento apenas dos animais e floresta, mas também dos recursos hídricos e

dos tipos de solo da terra indígena.

O etnozoneamento serve para dizer como está a situação e onde está localizada cada espécie de plantas, florestas, igarapés, lagos e animais utilizados para a sobrevivência dos Huni Kuĩ do Alto Purus. É uma forma de organizar o que temos de recursos naturais. É uma alternativa de ensinar os jovens a conhecer as zonas e os refúgios de tudo que espécie de plantas, florestas, igarapés, lagos e animais utilizados para a sobrevivência dos Huni Kuĩ do Alto Purus. É uma forma de organizar o que temos de recursos naturais. É uma alternativa de ensinar os jovens a conhecer as zonas e os refúgios de tudo que existe na terra indígena. Mapear o que temos é uma forma de se organizar para gerenciar, ou seja, fazer a gestão da nossa terra com uma prática natural de “sustentabilidade”.

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina



Aldeia Nova Fronteira - Foto: Malu Ochoa

A parceria entre o professor, o agente agroflorestal e o agente de saúde



Construindo viveiro - Foto: Malu Ochoa -1996

O agente agroflorestal cuida da nossa gestão ambiental e também orienta a comunidade a cuidar do nosso meio ambiente e da nossa área indígena, para não destruir nossas árvores da floresta.

Eu trabalho com os meus alunos sobre a preservação dos recursos naturais. Dou explicação a eles na sala de aula e depois os levo para pesquisarem a qualidade das árvores da mata para eles cuidarem disso e continuarem fiscalizando o meio ambiente, a floresta, as palmeiras, as paxiubinhas, pupunhas e outras árvores etc.

Na minha comunidade, o agente agroflorestal já começou o seu trabalho com todos os alunos. Eles o ajudam a construir o viveiro e preparam os adubos para colocar no saquinho onde são colocadas as sementes. Eles fazem todo o trabalho, acompanhado do agente agroflorestal. Não somente os alunos, geralmente toda a comunidade também ajuda nesse trabalho do agroflorestal. Este trabalho é também uma saída para todas as pessoas da comunidade comerem frutas boas, para serem saudáveis e não pegarem doenças, por isso é importante para a vida da gente.

Essa parceria entre o professor e o agente agroflorestal deve melhorar ainda mais para que eles possam ensinar ao povo qual a maneira de tratar o nosso meio ambiente. É importante cuidar do nosso meio ambiente, da floresta, da nossa área, fiscalizando e controlando para não ter destruição.

Na minha opinião, a relação que existe entre o trabalho do agente agroflorestal e do agente indígena de saúde é facilitar mais a saúde para a comunidade. Também precisamos conhecer mais a medicina da mata para prevenir as doenças e não depender somente do branco. Entre nós mesmos podemos ser bons médicos e ajudar a orientar nosso povo para não ficarem doentes. Nós queremos a nossa comunidade vivendo bem, por isso que nós estamos aprendendo este trabalho de agente indígena de saúde, agente agroflorestal e agente de educação, para ensinar o nosso povo. Nós somos pessoas profissionais em educar o nosso povo, não precisamos mais dos profissionais brancos nawa. Somos nós índios mesmo cuidando do nosso povo.

Prof. Raimundo Nonato Mana



Alunos da aldeia Nova Aliança - Foto: Malu Ochoa

Meu plano para 2013: merenda regionalizada



Foto: Adriano Dias

Mulheres colhendo mandioca - Aldeia Novo Lugar

Eu elaborei um calendário de trabalho para fazer um plantio comunitário, pensando no futuro, para abastecer a merenda da escola na aldeia. Esta merenda vai ser nutritiva e de qualidade. Os alimentos que nós consumimos em nossa culinária são: milho, banana, mamão, macaxeira, mudubim [amendoim], melancia. Temos também as misturas de carne de animais silvestres e domésticos, temos peixes de várias espécies. Temos o modo próprio de preparar os legumes com a carne e com o peixe, pode ser cozido, frito, assado ou moqueado na brasa. E tem também as frutas dos sistemas agroflorestais que os alunos gostam.

Este é meu plano de trabalho como agente agroflorestal preocupado com a sobrevivência do nosso povo. Para isto, nós temos terra para produzir nosso pão de cada dia, nós sabemos manusear a agricultura no solo e nós não dependemos de sacolão!

Francisco Pereira de Aguiar Bina



Oficina de etnozonoamento - Acervo SEMA - 2012

CAPÍTULO 8



Eleições no município de Santa Rosa - Foto: Marcelo Urquia – 1995

OS HUNI KUÏ NA POLÍTICA LOCAL

Huni Kuïbu Nawã Daya Naxuitã Daya Kani

A criação do município de Santa Rosa do Purus

Eu vou contar a história da lei de criação do município de Santa Rosa do Purus, no Acre. A lei foi criada no dia 28 de abril de 1992. A data do plebiscito que iria decidir sobre a criação da cidade foi dia 29 de março do mesmo ano. O primeiro prefeito do município de Santa Rosa foi Antônio Roque de Carvalho e a primeira dama foi dona Antônia Moura de Carvalho. O primeiro vice-prefeito foi o Manoel Lopes Duarte, o primeiro presidente da Câmara Municipal foi o Manoel Rodrigues de Moura e o vice-presidente foi o João Moura Nóbrega, que também foi o segundo presidente da Câmara Municipal. O segundo vice-presidente foi o José Altamir Thaumaturgo de Sá. Os primeiros vereadores eleitos no município de Santa Rosa foram nove; um deles foi um índio huni kuĩ da aldeia Nova Fronteira, chamado Francisco (Chico) Domingos (PDS). Ele foi o vereador mais votado, com 18 votos.

Antes de ser um município, a cidade chamava-se Vila Santa Rosa. As primeiras pessoas chegaram em Santa Rosa no ano de 1958 e quem colocou o nome da vila foi Paulo Alcione Marques. O criador da lei do município de Santa Rosa foi o governador Edmundo Pinto de Almeida Neto e quem a sancionou foi o governador Romildo Magalhães da Silva. O surgimento do município foi através da Lei 1028.

Cláudio Lopes Augusto Maná
Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina



Foto: Paulo Birquido – 1994

Município de Santa Rosa

Relato Histórico

A cólera está chegando!

Em 1992 e 1993 ocorreu um surto de cólera no Peru. Pensamos: “Cólera está chegando!”. Eu fui em Rio Branco e fiquei com medo, porque cólera ninguém sabe curar e leva mesmo, morreu muita gente lá em Puerto Esperanza, no Peru. Nesse tempo, o governador era o Edmundo Pinto. Fomos eu, o Mário Domingos, o Edivaldo Domingos, o Gilberto Domingos e o Nicolau Lopes em Rio Branco. Nós fomos pedir ao governador para Santa Rosa passar a município. Ele perguntou: “Quem vai pra lá?”. “Quem vai não, índio precisa criar município, precisa de médico, policial. Nós estamos sem controle, a nossa fronteira tem que ter segurança, nós não temos nenhuma segurança.” Este pedido saiu até em jornal, não tem aqui, mas tem lá em Santa Rosa. Eu tinha, mas faz muito tempo que alguém levou e entregou para o deputado Severo. Mas todos sabem que fui eu que pedi para criar município. Nós mesmos fomos em Santa Rosa, reunimos todos e votamos no plebiscito para criar o município. Lá era tudo mato naquele tempo, mas nós vencemos. O Valdemar Moura foi quem apoiou, por isso que ele diz: “Eu sou dono”. Ele tinha dinheiro e começou a ajudar a prefeitura. O prefeito que nós votamos para segurar era o Roque.

Mas o cólera chegou, como tudo já estava funcionando, começou o tratamento. O médico vinha do Peru ou da Bolívia, não sei bem. Mas conseguimos nos defender da cólera na nossa parte, mas os parentes do Peru morreram muitos, velhos, velhas, crianças. Por isso nós corremos, ficamos com medo e por essa razão nós fomos pedir para criar o município. Hoje em dia, tem vereador índio, meu filho e mais dois, mas os outros dois não estão estudando muito bem, tem que estudar mais. Agora, para o ano 2.000, nós estamos pensando em botar só índio. Branco só tem promessa, já votamos duas vezes para prefeitura em nosso município e até hoje não aconteceu nada, estamos mal. Então, se nosso parente aprender e saber, nós vamos botar ele para prefeito. E parente tem que concordar, porque já fizemos muitas coisas para o branco e o branco nada para o índio. Eu votei nesse aí que me fez grande promessa, ele disse: “eu vou fazer escola, postos de saúde, vou mandar fazer campo para plantar capim, colocar gado...” Mas até hoje não apareceu nada. Ele disse que médico vinha visitar todo mês, mas até hoje tem só índio. Já faz três anos e não tem médico, só índio. Essa é a minha luta aqui para montar município.

Pancho Lopes Bixku, 1998

A participação dos Huni Kuĩ na política do Alto Purus

Desde a fundação do município de Santa Rosa do Purus, os Huni Kuĩ sempre vêm participando nas administrações de cada mandato eleitoral como vereadores e vice-prefeitos. No início, muitos parentes entravam nesta luta sem saber onde iriam chegar. Muitos eram influenciados pelos brancos, outros tinham interesses capitalistas e muitos tinham o pensamento de trabalhar em projetos e defender os direitos de seu povo.

A maior parte dos Huni Kuĩ que se candidataram e foram eleitos até as eleições de 2004 tiveram dificuldade de conduzir o trabalho em parceria com os brancos, pois muitos não eram dos partidos que estavam no poder e outros não estavam preparados para os debates políticos. Nessa época, muitos foram os comentários em relação aos vereadores e vice-prefeitos. Além dos brancos, os próprios indígenas olhavam para os políticos indígenas como irresponsáveis ou manipulados. Com esse pensamento, o povo indígena foi enfraquecendo cada vez mais, as divisões internas aumentaram, o índio não queria mais ouvir o parente. Isto levou a uma grande fragilidade na organização social do povo Huni Kuĩ, pois todos foram deixando se levar pelas concepções da política dos brancos.

As aldeias foram divididas pela saída das famílias dos candidatos eleitos para a cidade. Muitos desses parentes, que já foram vereadores ou vice-prefeito, não tiveram a consciência de retornar às suas aldeias de origem e hoje dificultam a organização social das aldeias, colocando o branco contrário às decisões dos índios.

No ano de 2008, a eleição indígena teve uma nova bancada de vereadores e, novamente, um vice-prefeito. Este novo pleito de políticos indígenas tem demonstrado uma atuação diferente dos anteriores. Antes não se fazia oposição partidária, enquanto hoje é visível a atitude dos vereadores em relação à má administração dos executivos.

Os vereadores Adalberto Domingos, Edimar Domingos e Paulo Lopes Sampaio vêm atuando com atitudes benéficas em relação aos nossos direitos, sendo contrários à



Foto: Francisco Bardales - 2013

Aldeia Nova Mudança

ordem política implantada no município. Estes vereadores, apesar de receberem propostas de emprego para seus familiares ou objetos de valor, não estão aceitando. Muitos são os problemas enfrentados por eles, mas hoje eles têm um conhecimento maior da política. Eles estão sendo oposição não para prejudicar as coisas benéficas em relação aos índios, mas para cobrar do executivo as ações aprovadas em projetos para as aldeias indígenas. Simplesmente como vereadores, estão nos municípios sendo exemplo de pessoas com atitude representativa, falando dos valores, direitos e também dos deveres do índio.

Esta é uma trajetória inevitável, pois mesmo tendo a nossa política de organização indígena, é preciso inserir as nossas participações neste trabalho, para que assim o índio vote em seu próprio parente e deixe de ser enganado pelo branco. É uma luta, mas com a continuidade dos bons trabalhos e uma melhor organização interna, quem sabe um dia teremos um bom prefeito indígena!

Francisco das Chagas Domingos da Silva Bina



Aldeia Nova Aliança - Acervo CPI/AC

Minha experiência como vereador indígena

Em 2008, em uma convenção do partido PPS em Santa Rosa, mesmo sem estar presente, fui indicado pelo meu sobrinho Francisco das Chagas (Nego). Quando ele chegou na aldeia, ele me falou e eu aceitei sua decisão. Logo baixei para Sena Madureira junto com a caravana do partido para regularizar meus documentos para sair candidato a vereador. Com a documentação toda regularizada, eu voltei para a minha comunidade e fiz uma reunião com o povo da minha aldeia onde declarei a minha candidatura e fui aceito por todos.



Arquivo CPI/AC

Adalberto Domingos Maru no curso de informática

Eu trabalhei na minha campanha sem nenhum apoio financeiro, somente com o apoio de minha família. Fui eleito com 48 votos, com o intuito de representar o meu povo no poder legislativo e conseguir alguns benefícios para as comunidades. Para mim foi muito difícil, porque eu não estava preparado naquele momento. Mas mantive a minha posição de parlamentar, respeitando a confiança do meu povo e honrando os 48 votos que adquiri.

De 2009 a 2010 fui eleito segundo secretário da mesa diretora e em 2011 concorri à presidência da Câmara e perdi por um voto. Minha primeira experiência na política foi difícil porque não tinha nenhuma assessoria para elaborar projetos. Além disso, fiz oposição ao prefeito; impedi muita irregularidade com relação à população indígena. Por isso, o prefeito não me deu nenhuma oportunidade de desenvolver alguns trabalhos em benefício do meu povo, com medo de me fortalecer politicamente. Porque os brancos não querem dar oportunidade para os índios, com medo de perder poder político.

Apesar de toda essa dificuldade, nunca vou recuar. Tenho continuado a minha luta dentro da política partidária e o mais importante para mim e para o meu povo é que eu não me vendi. Eu quero representar o meu povo mais uma vez, porque hoje eu sinto que estou mais preparado. Eu nunca vou me vender e nem negociar o voto do meu povo, como acontece com alguns representantes indígenas do município.

Adalberto Domingos Maru

O que se espera dos políticos indígenas

Na segunda eleição do município de Santa Rosa, em 1996, foram seis candidatos Huni Kuĩ:

- Francisco Oliveira, agente de saúde da aldeia Dois Irmãos, candidato a vice-prefeito pelo partido PFL;
- Francisco Domingos, candidato a vereador;
- José Domingos, professor da aldeia Nova Fronteira, candidato a vereador pelo partido MDA;
- Américo Sereno, professor da aldeia Nova Vida, candidato a vereador pelo partido PFL;
- Francisco Lopes, da aldeia Novo Recreio, candidato a vereador pelo PFL;



Santa Rosa do Purus - Foto: Paulo Brigido - 1997

- Francisco Lopes, da aldeia Novo Recreio, candidato a vereador pelo PFL;
- Dênis Augusto, professor da aldeia Novo Lugar, candidato a vereador pelo PFL;
- João Domingos, da aldeia Dois Irmãos, candidato a vereador pelo PFL.

Dessas pessoas, foram eleitas somente três: o professor Dênis Augusto, Francisco Lopes e Américo Sereno. Durante os seus mandatos, os vereadores não souberam aproveitar o poder legislativo na Câmara Municipal para realizar trabalhos na comunidade indígena. Isto aconteceu no ano de 1996. O prefeito eleito foi o Manoel Duarte (Manhuca), do partido MDA.

A terceira eleição do município de Santa Rosa aconteceu no ano de 2000, com oito candidatos huni kuĩ, para vereador e vice-prefeito, todos pelo PC do B:

- Roberto Lopes Mateus, da aldeia Porto Rico, candidato a vereador
- Roberto Feitosa, da aldeia Morada Nova, candidato a vereador
- Gilberto Domingos, da aldeia Nova Fronteira, candidato a vereador
- Paulo Lopes, da aldeia Nova Moema, candidato a vereador
- Dênis Augusto, da aldeia Porto Alegre, candidato a vereador
- Américo Sereno, da aldeia Nova Vida, candidato a vereador
- Manoel Sampaio, da aldeia Nova Aliança, candidato a vereador
- Francisco (Chico) Domingos, da aldeia Nova Fronteira, candidato a vereador
- Francisco Lopes, candidato a vice-prefeito

Dentre os nove candidatos, foram eleitos quatro pessoas: um vice-prefeito, Francisco Lopes, e três vereadores: Roberto Feitosa, Gilberto Domingos e Manoel Sampaio.

Na eleição de 2004 as pessoas que participaram como candidatos a vereadores, vice-prefeito e prefeito para representação na câmara municipal ou na prefeitura municipal foram:

- Francisco Lopes Augusto, da aldeia Novo Recreio, candidato a prefeito pelo PC do B
- José Domingos, da aldeia Nova Fronteira, candidato o vice-prefeito pelo PT
- Roberto Feitosa Nascimento, da aldeia candidato a vereador pelo PC do B (já morava no município);
- José Lopes Mateus, da aldeia Nova Aliança, candidato a vereador pelo PC do B
- Mário José Gomes da Silva (Família Domingos), antes ele morava no município de Feijó, candidato a vereador pelo PT.
- Jorge Luiz Nonato Mateus, da aldeia Porto Rico, candidato a vereador pelo PC do B
- Peres João Bernardo, da aldeia Novo Marinho, candidato a vereador pelo PC do B
- Paulo Lopes, já morava na cidade, candidato a vereador pelo PC do B
- Armando Augusto, candidato a vereador pelo PC do B

Dentre esses, apenas quatro pessoas foram eleitas: o vice-prefeito José Domingos Kaxinawá e os vereadores Paulo Lopes Kaxinawá, José Lopes Mateus e Mário José Gomes da Silva. Durante o mandato, eles não aproveitaram o poder que tiveram, mesmo assim conseguiram algumas poucas coisas para as comunidades: construção de escola e barco da educação. Nessa época já existia a Organização Huni Kui, mas não teve investimento para sua estruturação e manutenção.

José Lopes e Paulo Lopes não terminaram o mandato porque tinham que estudar para ser professor, então no lugar deles assumiram Jorge Luiz Nonato e Roberto Feitosa. Os

eleitores, as comunidades, avaliaram que para entrar na política do *nawa*, tem que ser uma pessoa que não tenha outro cargo e que seja capaz de trabalhar para os seus povos e defender os direitos *huni kuĩ*.

Na eleição de 2008 os participantes foram:

- José Paulo Sampaio, da aldeia Nova Aliança, candidato a prefeito pelo PR
- Francisco Domingos Pereira, da aldeia São Francisco, candidato a vereador pelo PMDB;
- Roberto Feitosa Nascimento (falecido), (já morava em Santa Rosa), foi candidato a vereador pelo PC do B;
- Jorge Luiz Nonato Mateus, mora em Santa Rosa, candidato a vereador pelo PC do B;
- Adalberto Domingos, da aldeia Nova Fronteira, candidato a vereador pelo PPS (aldeia);
- Edimar Domingos, da aldeia Dois Irmãos, candidato a vereador pelo DEM;
- Hilário Augusto, da aldeia Nova Aliança, candidato a vice-prefeito pelo PC do B;
- Paulo Lopes Mateus, da aldeia Nova Aliança, candidato a vereador pelo PC do B;
- Antonio Nonato, da aldeia Porto Rico, candidato a vereador pelo PPS;
- Raimundo Nonato, candidato a vice-prefeito pelo PSDB;
- Vivaldo Domingos, candidato a vereador pelo PT.

Além dos candidatos *huni kuĩ*, Francisco Madja, da aldeia Carolina, foi candidato a vereador pelo partido DEM e Marinete Batista Jaminawa, da aldeia Novo Estirão, também foi candidata a vereadora pelo partido DEM.

Dentre essas pessoas, foram eleitos somente quatro: vice-prefeito Hilário Augusto e vereadores: Adalberto Domingos, Edimar Domingos e Paulo Lopes. Os seus mandatos terminam em dezembro de 2012.

Na eleição de 2012 os participantes foram:

- Adalberto Domingos, da aldeia Nova Fronteira, candidato a vereador pelo PPS;
- Edimar Domingos, da aldeia Dois Irmãos, candidato a vereador pelo PSD;
- Américo Sereno Feitosa, candidato a vereador pelo PP
- Armando Augusto, candidato a vereador pelo PV
- Enio Oratso Madja, candidato a vereador pelo PT
- Francisco da Silva Pereira, candidato a vereador pelo PSDC;
- Hulicio Moises, candidato a vereador pelo PSDC
- José Genésio Jacinto, candidato a vereador pelo PT
- Pedro Estevão, candidato a vereador pelo PSDB
- Pedro Pereira, candidato a vereador pelo PSDB
- Rosa Oliveira, candidato a vereador pelo PV
- Rui Lopes Augusto, candidato a vereador pelo partido PV
- Paulo Lopes Mateus, da aldeia Nova Aliança candidato a vereador pelo PSD;
- Vivaldo Domingos, candidato a vereador pelo PT
- Francisco Lopes Augusto, candidato a Vice prefeito pelo PT do B
- Valdemar Pinheiro, candidato a Vice prefeito pelo PSD

Dentre essas pessoas, foram eleitos somente três: vice-prefeito Valdemar Pinheiro, os vereadores Rui Lopes Augusto e Paulo Lopes Mateus.

A atuação dessas pessoas está sendo avaliada e as coisas não estão indo nem para frente nem para trás. Por isso, na próxima eleição vão ser indicados pela comunidade ou

pela Organização. Pessoas que saibam da dificuldade da comunidade como educação, saúde, produção e que tenham preocupação com a organização de seu povo. Eles devem trabalhar unidos com as pessoas que têm estudo, ensino médio ou nível superior, e lutar pelos direitos e interesses dos próprios Huni Kuĩ. Eles devem organizar cada aldeia, fortalecendo a cultura e religião huni kuĩ e não a religião do *nawa*, construindo igreja nas aldeias. Temos que trabalhar sempre unidos e resistentes como a tradição. A política huni kuĩ tem que defender e lutar por tudo o que é nosso dentro da terra indígena ou nas aldeias. Futuramente, queremos alcançar o nosso desejo de cuidar dos nossos parentes e não sermos enganados por ninguém.

A comunidade espera que com a eleição de políticos indígenas, os índios vereadores trabalhem em parceria com as autoridades máximas do município e do estado. Também esperam a melhoria do trabalho na comunidade e que eles façam alguns projetos, orientem seus povos e montem algumas associações nas comunidades. O povo precisa de tudo isso, por isso a população tem confiança de eleger um vereador índio na câmara Municipal.

Antonio Napoleão Bardales Sebidua



Valdemar Pinheiro (vice prefeito eleito em outubro de 2012) e sua família – Foto: Malu Ochoa

Como estão os parentes no Peru

A viagem para o Peru foi muito boa. É muito diferente daqui do Brasil. Eu fui fazer intercâmbio com os parentes Huni Kuí do Peru para ter mais conhecimento e trocar experiências com eles.

Com essa viagem, eu me interessei mais em conhecer o que eles fazem no dia a dia, as realidades da vida. Os tipos de trabalho que eles fazem. Se são reconhecidos pelo Governo Peruano ou não. Como eles estão fazendo para melhorar a situação, o que eles pensam. Como sobrevivem, quais são as dificuldades que eles enfrentam. Então, para mim, tudo isso é importante, interessante e muito lindo, porque é assim que a gente aprende as coisas boas e ruins. O intercâmbio também faz parte da nossa formação e nos desenvolvemos e nos capacitamos em nossas habilidades.

Eu vi muita coisa diferente e bonita no Peru e me admirei durante a minha viagem. Percebi que os povos indígenas que moram ali são discriminados pelas autoridades, pelo governo, pelos deputados e pelas pessoas que trabalham com as leis. Eles não ajudam muito os povos indígenas e querem que eles trabalhem do seu jeito e vontade. Não valorizam o seu território, sua cultura e tradição. Querem dominar tudo e não querem saber de vida de índio; dividem 30 pedaços de terras para eles produzirem os seus pequenos alimentos para sobrevivência. É isso que eu pesquisei lá nos nossos parentes peruanos. Até os madeireiros entram na terra indígena sem pedir autorização para tirar as madeiras.

As comunidades indígenas peruanas não estão bem equipadas com meio de transporte para transportarem os seus produtos agrícolas para os municípios. E também os pobres velhos não têm ajuda do governo para receberem as remunerações. Por isso que todos os parentes peruanos querem passar para o território do Brasil, para ganhar ajuda de nosso governo brasileiro. Também quase não tem mais emprego para os jovens estudantes que estão terminando o ensino médio. Por isso, eles também querem passar para o lado do Brasil para arrumar algum emprego.

A situação da saúde também não é boa. As comunidades não têm medicamento suficiente para os povos e morrem à míngua. O Governo Peruano quer que todos eles morram para acabar com os índios. Por isso, para se defenderem, as comunidades indígenas compram com seu próprio dinheiro um pouquinho de medicamento, por exemplo: calmantes para adultos e crianças, metronidazol, pílulas... Não tem transporte próprio de saúde para os pacientes irem para o município e também não tem passagem aérea para o transporte para a capital do Peru.

Com relação à educação nas escolas, quase não tem material. Para educar os filhos, os pais dos alunos têm que trabalhar para ganhar dinheiro para comprar caderno, lápis, borracha, apontador, régua, pastas, canetas etc. E os professores fazem curso em outro lugar, mas é muito difícil pra eles se deslocarem. Não é como aqui no Brasil; lá não tem estrada, não tem rio para chegar na capital, é só de avião mesmo. Por isso, os professores ficam muito preocupados a cada ano para terminarem o seu ensino médio no magistério indígena. E também quase não falam mais as línguas indígenas, já

perderam. Por isso, quase todos perderam suas culturas indígenas e suas tradições, só acompanham a vida do branco. E todos os alunos falam espanhol.

Agora, eu vou contar, em poucas linhas, sobre a participação dos nossos parentes peruanos na política, o que está acontecendo lá. Bem, os políticos indígenas quase não estão surgindo mais. A maioria dos candidatos dos partidos são brancos. Eles não querem saber dos direitos dos índios e não os respeitam. Por isso, agora, estão acabando as leis dos índios.

Raimundo Nonato



Professor Raimundo Nonato - Foto: Malu Ochoa -1996

História da minha viagem ao Peru

Eu, Paulo Lopes, representante dos professores indígenas, moro no município de Santa Rosa, divisa do Peru com o Brasil. Viajei para o Peru com toda a minha família no dia 9 de janeiro de 2001, gastando quatro dias, chegamos no dia 12 de janeiro. Fui procurar o médico indígena na comunidade Canta Galo, onde vivem os parentes mais velhos que conhecem mais as medicinas naturais e mais utilizam a cultura tradicional, para medicar o problema de saúde da minha filha.

No dia seguinte após a nossa chegada, os parentes fizeram uma reunião para saber qual o motivo da nossa visita. E neste momento vejo um branco peruano que mora junto com eles, com materiais completos e serraria montada, vivendo dentro da comunidade. Esse peruano utiliza motor de serra e se beneficia dos recursos dos parentes huni kuí do Canta Galo. Quando a gente chegou, fiquei muito surpreso, nunca tinha visto este acontecimento na comunidade indígena. Esse peruano tem seu motor de popa, casa no centro da comunidade, barco próprio, tem oito malhadeiras, três cabeças de boi e está negociando casa própria na cidade, diretamente com a prefeitura municipal.

Os parentes, em sua maioria, são jovens, e não se interessam mais pelo que o povo usava antes. Os parentes do Peru só valorizam mais as tradições dos *nawa* peruanos. As crianças indígenas não são mais como antes, no passado, quando aprendiam oralmente, sem ser por escrito. A maioria dos parentes peruanos se interessa em aprender e conhecer a cultura dos *nawa* peruanos através da escrita e da leitura. Eles também entram em contato com as autoridades peruanas para resolver alguns problemas da comunidade, como no caso da escola indígena, saúde, projetos etc.

Quase todos os velhos e as velhas estão aposentados, e os jovens são funcionários, trabalham no governo. E como eles ganham dinheiro, não se interessam em produzir as coisas nossas mesmo. Na minha visita, eu não vi mais cerâmica, como panelas de barro, bacia de barro, pote de barro... não usam mais. Também não vi mais a máscara feita de cuia, tambor de pau cumaru cheiro, flauta de casco de jabuti, rabeca de pau amarrado com cipozinho... Esses objetos que foram utilizados pelos Huni Kuí não existem mais, pois foram substituídos pelos instrumentos dos *nawa*. Com isso, os índios Huni Kuí estão perdendo muito do valor do nosso povo antigo. Na comunidade dos parentes peruanos não existem mais essas coisas das lembranças dos nossos povos. Eu só vi panelas de fábrica, pratos, bacias, instrumentos como violão, flauta, rádio e gravador. Mas eles ainda utilizam flechas e continuam a comer as suas comidas, como carne de caça, peixe e frutas da mata. Também usam pinturas e tintas da mata e das plantas.

Continuando a contar as histórias dos parentes Huni Kuí do Peru, em todas as comunidades tem escola e professores índios e peruanos. Tem também posto de saúde, agente de saúde e poços artesianos. Todas as comunidades têm suas lideranças. Mas no posto de saúde, onde trabalha o médico e um enfermeiro *nawa*, eles não são bem atendidos, só quem tem dinheiro para comprar os medicamentos por conta própria, ou seja, quem tem salário. Quem não tem, tem que vender seus produtos, ou trocar alguns legumes por uma cartela de AS, ou outro tipo de remédio.

legumes por uma cartela de AS, ou outro tipo de remédio.

A situação das mulheres Huni Kuĩ no Peru é a seguinte: além de serem poucas, elas procuram ligar as trompas para não terem mais filhos. Mas se elas não têm coragem, tomam comprimidos ou injeção para não engravidar.

Outra necessidade para os povos indígenas no Peru é que a terra deles não está demarcada. Não tem lei para respeitar a área onde eles moram e a qualquer momento pode entrar qualquer madeireiro peruano para destruir os recursos nas reservas indígenas. E, ainda, quando os madeireiros entram na terra indígena, negociam com as lideranças. Um pé de madeira custa muito caro. Muita madeira também foi destruída para fazer carvão para vender no município de Puerto Esperanza. Outra situação que se modificou bastante mesmo foi sobre o rancho. Quando os parentes saem para caçar, e se matam caça grande, vão vender na cidade para trocar por coisas necessárias. Só o que fica é a cabeça e o espinhaço. Eles trocam por bebida alcoólica. Por causa de bebida, nós índios já viemos diminuindo bastante, morrendo e também brigando com os próprios parentes: irmão, cunhado, primo e outros.

Paulo Lopes Siã (2001)



Festa do Katxanawa - Foto: Francisco Bardales - 2013



Vestimenta para a festa do txiri - Aldeia Porto Rico

Um Papo do Alto Purus

Dedê Maia

Para início de conversa, não é papo de índio. É papo de índia dessa grande aldeia acreana.

Aproveitando a deixa da nossa competente professora Nietta Monte, que esta semana viajou para o Maranhão a fim de participar do 47º Encontro do SBPC, e a ausência (saudososa) dos meus queridos Txais: Terri, que também foi participar do SBPC, e Marcelo, que merecidamente saiu da roda do Papo para umas curtinhas férias, trago esta semana um PAPO SÉRIO SOBRE UMA HISTÓRIA TORTA, que os povos indígenas, incansavelmente, ao longo dessa triste e massacrante trajetória do contato, tentam corrigir.

Esse papo foi levado durante minha última viagem (maio/junho-95) de assessoria às escolas indígenas Kaxinawa do Alto Purus e que são realizadas sistematicamente pela CPI-Ac. às escolas do Projeto de Educação “Uma Experiência de Autoria”.

Como uma das atividades de linguagem a serem trabalhadas com professores indígenas e alunos, levamos vários textos. Após a leitura e interpretação desses textos, professores, alunos e até alguns caciques interessados, expressaram suas opiniões sobre cada assunto discutido, através da escrita. Entre eles, um recorte do jornal Folha de São Paulo, datado do dia 15 de maio de 1995, com o título: “GOVERNO ESTUDA REDUÇÃO DE ÁREAS INDÍGENAS”.

Essa matéria falava da intenção do governo Fernando Henrique Cardoso de rever as demarcações das terras dos índios, tendo o apoio do Ministro da Justiça, Nelson Jobim, o qual é o responsável pela preparação "legal" dessa revisão, como também de alguns parlamentares da região norte que têm interesses ambiciosos nestas florestas de jóia.

Contestavam ali, o decreto lei 22/91, que regulamenta o processo de demarcação das terras indígenas, "argumentando a necessidade" do governo ouvir durante esse processo, os fazendeiros, os garimpeiros... Acusavam ainda, de mentirosas às entidades que apoiam às populações indígenas, os profissionais (antropólogos) responsáveis pelas identificações das terras dos índios, os documentos que relatam a verdadeira história de luta desses povos da floresta e legitimam os seus direitos.

Bem... Embora eu tenha minha opinião sobre esta HISTÓRIA TORTA, o Papo agora não é o meu. Faço aqui a minha parte de repassa-lo a você leitor, dessa terrinha, quem sabe leitores de outros estados e até de além mar, para que tomem conhecimento do que o índio pensa a respeito dessa desrespeitosa HISTÓRIA TORTA que vem

arrastando-se desde o tempo do "heróico Cabral", quando aqui chegou em nome das reluzentes corôas de Portugal, cobiçando nossas terras.

Agora o papo é de índio e é muito sério.

Papo sério sobre uma história torta

Francisco Lopes, Pancho

Meu nome é Francisco Lopes, mas todo mundo me conhece como Pancho.

Nasci no meio do mato. No tempo como brabo, menos civilizado. Hoje estamos civilizados. O lugar era kaitá. Shubuã na lingua indígena. Kaitá quer dizer no meio do mato. Era uma aldeia indígena grande. Ficava entre a cabeceira do Rio Envira e a cabeceira do Rio Purus, afluente do Rio Curanja. Foi nesse meio que eu nasci. Com a idade de cinco anos, minha família se mudou para o seringal Simpatia, no Envira. Hoje estou com cinquenta e sete anos. Quando minha família foi para Simpatia, o pessoal todo se dividiu. Uns foram para o Jordão, outros foram para o Murú e para o Purus. Tudo isso é da minha família. Os caucheiros, os seringalistas deixaram os índios assim como sem rumo certo. Depois, meu pai se mudou para o Peru, em Balta. Ele soube que os peruanos estavam comprando couro de fantasia, trocando por espingarda, motor, rádio. Por isso nós fomos para Balta.

Em 1956 fui morar em Santa Rosa com meu pai de criação. Era um branco. Chamava Francisco Awanari. Era mestiço. O pai dele era peruano e a mãe era brasileira. Trabalhava com caucho, madeira e agricultura. Eu trabalhei muito com ele. Trabalhei com ele até 1963. Até hoje eu reconheço ele como meu pai. Foi ele quem me deu estudo também. Em 1963 voltei para Balta. Tinha muitos parentes por lá. Lá eu me casei.

Em 1973 fui para o Jordão visitar meus parentes, buscar meu sogro e minha sogra. No Jordão passei apenas três meses. Veio muitos parentes do Jordão comigo para Balta. Eu queria ajudar os parentes. Naquele tempo ainda o couro fantasia dava muito dinheiro.

Em 1977, eu soube que a FUNAI estava por aqui. Então eu vim com um bocado de parentes para Santa Rosa. Ali, eu e meus parentes ficamos trabalhando na seringa. Eu viajava muito para Sena Madureira, onde ia comprar mercadoria. Assim eu fiquei conhecendo os parentes Kulina. Nesse tempo só tinha duas aldeias dos Kulina: Maronawa e Santo Amaro. E nós não tínhamos nenhuma. Tinha muita terra. Mas a força dos Kulina era antiga. Ficamos amigos. Nessa terra tinham muitos cemitérios dos Kulina. Unimos com a força dos Kulina. Então, eu encontrei com o Carvalho, que era o delegado da FUNAI. Ele foi até Santa Rosa. Ele me disse: "Vocês tem que segurar um pedaço de terra. Tem que reunir tudo num canto só para o governo dar terra".

Em 1979, nós passamos para o Fronteira. Mário Domingos me convidou para unir com ele para garantir terra. Ele já estava lá com pessoal dele que tinha vindo do

Envira. Então ficamos num canto só como o Carvalho tinha falado. Tudo parente Kaxinawá. Quando chegamos no Fronteira, só tinham quatro casas. Depois começou aumentar muita gente. Ficamos no Fronteira um ano. Então resolvemos mudar para outro lugar, que foi o Caná Recreio. Eu me mudei para o Caná Recreio com o meu pessoal e o Mário ficou no Fronteira com o pessoal dele. Lá no Caná Recreio só morava um seringueiro. Mandamos embora. Indenizamos e ele foi embora. Pagamos 15 mil cruzeiros. Nesse tempo era muito dinheiro. A FUNAI pagou a metade e nós pagamos a outra metade, cortando seringa. Nesse tempo eu fui a primeira vez a Brasília. Fui junto com o Txai Terrí, Mário Domingos, Txai Meireles, Tio Sueiro, Chico Barbosa, Sales Yawanawa, Zé Miranda. Foi muita gente. Lá, nós pedimos ao presidente da FUNAI para mudar o delegado que trabalhava com os índios, que nesse tempo era o Benamour. Esse homem não tratava bem os índios. Mudamos. Depois mudou de novo. Veio um tal de Dima. Esse era pior ainda. Botamos fora à força mesmo. Os índios queriam jogar ele pela janela. Ele saiu com medo. Nesse tempo tinha muita união, muita reunião, muita força de todos os índios. Lutamos muito, mas serviu. Garantimos a nossa terra.

Em 1980, fizemos nossa primeira reunião, já unidos com os parentes Kulina na aldeia Maronawa. Fizemos um documento pedindo a demarcação da terra e emendando as terras dos Kaxinawa com as terras dos Kulinas. Pedimos a demarcação de uma terra só. Porque a primeira demarcação que nós fizemos para os Kaxinawa pegava do Igarapé Palmarí até o Igarapé Marinho. Nessa reunião, em 1980, decidimos fazer uma terra só, junto com os Kulina. Assim, tudo unido, as terras ficavam do Igarapé Prainha até o Igarapé Canamarí e Nazaré. Não tinha mais limites entre nós, dividido. Fizemos tudo junto. O Governo não atendeu. Não demarcou. Os brancos não respeitavam, tiravam madeira dizendo que não estava demarcada a terra ainda. Diziam que era terra da União, que era floresta nacional.

Em 1984 fizemos a demarcação da nossa terra unido com os Kulina. Eram mais de oitenta pessoas: Kulina e Kaxinawá. Passamos um mês abrindo picadas dentro da mata. Nossas ferramentas eram terçados, machados. O rancho era farinha e carne de caça que a gente ia matando. O pessoal da OPAN nos ajudou: o Roberto e o Valter. O Roberto entrou com uma turma pelo Prainha e o Valter entrou com outra turma pelo São Vicente. Nos encontramos nas cabeceiras do Chandless.

Depois, já em 1987, veio aquela história das colônias indígenas. A FUNAI queria de todo jeito que a gente aceitasse as colônias. Como a gente podia aceitar? Índio não é colonheiro. Brigamos muito para a nossa terra ser demarcada como área indígena. Foi muita luta de muitos parentes. Parente Jaminawa, parente Apurinã, parente Jamamadí, Kaxinawa, Kulina. Tudo isso lutou e lutou muito.

Hoje a população está aumentando e estamos abrindo novas aldeias. Temos que ter espaço para colocar os nossos roçados, caçar, pescar, criar, criar nossos filhos e nossos netos. Por que nossos filhos crescem e casam; nossos netos crescem e casam. Assim, a população vai aumentando. E precisamos de mais organização.

Dentro de nossas aldeias, temos escolas com professores índios trabalhando.

Uns até contratados pelo governo. Tem a parte de saúde. Mas as entidades precisam continuar nos apoiando, porque a FUNAI não ajuda muito não. Vive mudando de chefe. Eu mesmo já lutei muito para mudar chefe de FUNAI para ver se vinha algum que prestasse. Mas, eu não sei como é isso: ou eles não sabem trabalhar ou não querem trabalhar mesmo. Tem que aprender a ser chefe para trabalhar.

Durante 15 anos, eu fui chefe no Caná Recreio. Antes disso tinha sido chefe em Santa Rosa, em Balta: ajudando os parentes, fazendo reunião, ensinando organização. Chefe é assim.

Hoje não tem mais só Caná Recreio e Fronteira. Hoje temos mais seis aldeias novas Kaxinawa. Eu mesmo me mudei com minha família para o Novo Repouso. Estou ficando velho, estou cansado. Agora sou chefe só da minha família mesmo. Estou lutando com meus filhos. Não sei qual deles ainda pode ser o novo chefe quando eu me aposentar. Estou ensinando ainda a eles como se trabalha.

Cada aldeia nova dessa tem o seu cacique próprio. Por que como pode uma aldeia ficar sem cacique, sem chefe? Não pode. Senão todo mundo manda, todo mundo faz o que quer e não tem organização. Esses caciques novos ainda não resolvem, não sabem trabalhar. Tem que aprender. Mas é melhor assim. Índio quer espaço. Não dá certo juntar todo mundo num lugar só. O espaço começa a ficar pequeno, começa a faltar caça, peixe, lugar para botar os roçados. Foi assim que começou a dividir o Caná Recreio. Tinha muita gente. Começou a ficar pequeno. Então uma família vai e abre um outro lugar. O outro parente pergunta para ele se lá é bom, se tem lugar para ele também. Aí, vai. É assim que vão abrindo as novas aldeias. Não tem briga, não tem confusão. O índio precisa de espaço para trabalhar e criar os filhos. Comparação: se eu começar a juntar muita gente aqui, acaba peixe, acaba caça, acaba a mata. Praia não dá para todo mundo platar o feijão, o mudubim. Então, por isso é que é bom criar novas aldeias.

O Caná Recreio ficou pouca gente agora. Eu resolvi sair de lá porque o porto ficou muito distante das casas. É uma meia hora para chegar do porto até em casa. Estava muito difícil. Índio é assim mesmo. Gosta de lugar limpo. Antigamente, quando meu povo não tinha canto certo, a floresta era toda do índio. Quando o lugar já estava velho, ele procurava outro canto para morar, onde tinha capim novo para botar os roçados e onde tinha mais caça.. Era assim. Aqui a gente não pode mudar muito porque o lugar é pequeno e a população está crescendo. Mais, enquanto tiver terra, nós vamos ocupando.

Hoje você trouxe a notícia que o governo quer diminuir as terras dos índios. Lutamos muito para organizar o nosso povo de novo e para garantir um pedaço de terra para criar nossos filhos. Agora vem a notícia que o governo quer diminuir as terras dos índios.

O governo não está sabendo como nós vivemos. O ministro Nelson Jobim não

anda para cá. O governo não anda para cá. Então como é que ele não acredita que tem muito índio precisando de terra? Tem que acreditar. Tem que acreditar nos ajudantes do índio. Por que os nossos assessores são os ajudantes do índio. São quem estão aqui com a gente, nos ajudando, trabalhando com os índios. As entidade do governo não andam. Esta semana veio um chefe de posto da FUNAI aqui: o Joel e a professora Área. Nem subiu o porto para falar comigo na minha casa. Não pergunta nada, não ensina nada. Eu perguntei a ele o que ele veio fazer. Ele me disse que veio assessorar. Deixou um pouquinho de medicamentos e foi embora. A professora que andava com ele nem subiu até a escola. É assim. A entidade que anda em área indígena é quem sabe. Ele é quem conversa com o índio. Ele é quem está fazendo matéria. Ele é quem está vendo, está conversando com o índio, com o próprio cacique, com o próprio índio. O governo, os ministros, não podem mexer mais com índio. Chega. Já mexeram muito. Já diminuíram muito as nossas terras. Já mataram muito. Eles precisam entender que nós também apoiamos para ele ganhar o governo, porque tem muito índio que vota também. Então ele tem que apoiar o índio também. Tem que apoiar a nossa parte. Tem que entender a nossa situação.

Em 1977, quando eu cheguei aqui, eram apenas três áreas indígenas. Santo Amaro, Maronawa, Fronteira e depois o Caná Recreio. Hoje, em 1995, temos 19 aldeias e organizadas também. Queremos desenvolver mais. Queremos mais professores índios, doutores índios. O governo tem que enxergar isso. Tem que reconhecer as entidades que estão ajudando os índios. Eles não andam. Só recebem matéria. Então tem que acreditar. Quem está falando aqui é um índio. É ele quem mora dentro da floresta. É ele quem luta com seus parentes, com os filhos. Estou com 32 anos de cacique e não é 32 dois dias não. Estou ficando velho de tanta luta. Como o governo até hoje não enxerga ainda as comunidades indígenas? Tem que enxergar. Invasão não pode mais aparecer dentro de nossas terras. O Exército, a Polícia Federal, só podem entrar em nossas terras se nós índios precisar, chamar. Não podem chegar assim sem avisar. A Área Indígena é a casa do índio. Entrar para diminuir terra, invadir, não pode. Índio não concorda. Eu sou cacique, estou falando: Respeito e calma. Nós índios não queremos isso. Queremos trabalhar, produzir e criar nossos filhos, nossos netos. Será que o govêrno pensa que nós vamos morrer? Que o índio vai acabar? Nós vamos morrer sim. Todo mundo morre. Mas tem os filhos, os netos. Nossa população está aumentando a cada ano. Não mexam mais por favor com nossas terras. As autoridades, os grandes, têm que reconhecer o índio e defender também. Acreditem nas nossas entidades que trabalham com os índios para que a gente leve a frente e em paz a nossa vida. Os Prefeitos dos municípios também têm que defender e ajudar os índios. No Alto Purus, os índios elegeram o prefeito de Santa Rosa. Aqui tem mais população indígena do que branco. Então o prefeito tem que trabalhar para ajudar os índios também. Não pode agora querer diminuir as nossas terras. Não pode ficar brigando com nossos amigos Kulinas. Tem que ajudar. Se brigar com os Kulina, briga com os Kaxinawa também. Porque aqui nós estamos unidos.

O governo tem que reconhecer todas as áreas indígenas. Não é só o Alto Purus.

É toda área indígena. Por que o índio é o brasileiro legítimo. Quando descobriram o Brasil, aqui na terra, índio já estava morando, índio já estava lutando, trabalhando, botando roçado, criando os filhos e netos. Então, o branco chegou e começou a invadir. Nos misturamos um pouco. Estamos aprendendo ainda. Essa parte o governo tem que entender ainda. Invasão já chegou. Não pode mais invadir. O que está feito não pode mais ser mexido. Se quiser conseguir terra para o fazendeiro, garimpeiro, o Brasil é grande. A terra é grande. Vai escolher aonde não tem ninguém. Essa parte eu não concordo. O governo não pode ordenar o fazendeiro, o garimpeiro dar palpite dentro de área indígena não. Chega de invadir. As terras que deram para os índios ainda são muito poucas e pequenas.

Viagem ao Alto Purus

Maria Luiza Ochoa (Malu)

Localizada nos Municípios de Santa Rosa e Manoel Urbano, a Terra Indígena Alto Rio Purus foi homologada pelo Decreto s/n, de 5/1/96, com extensão de 263.129 ha. Segundo dados colhidos pela CPI/AC em 1996, habita nesta terra uma população de 1.370 índios, distribuída em 9 aldeias Kaxinawá, 9 aldeias Kulina e 1 aldeia Jaminawa. Os índios constituem a maior parcela da população de Santa Rosa, que totaliza 1.634 pessoas, de acordo com o último censo do IBGE.

Recentemente, viajei 31 dias nesta terra indígena, junto com o técnico agrícola Adriano Dias, do Setor de Agricultura e Meio Ambiente da CPI/AC, da qual faço como membro do Setor de Educação. Tivemos, ainda, a companhia do biólogo Mikel, jovem basco que está prestando serviço voluntário à CPI/AC, e que muito contribuiu nesta viagem, compartilhando conosco e com os Kaxinawá a sofrida luta do seu povo Euskaldunak pela revitalização e recuperação da língua Euskara.

Foram muitas as notícias, depoimentos e reflexões que resultaram de nossas conversas com as velhas e novas lideranças Kaxinawá do alto Purus, com os professores bilíngües, alunos, monitores de saúde, agentes agroflorestais e demais chefes de família, além de com outros índios que participaram das atividades de assessoria e de reuniões oficiais nas sedes dos municípios de Sena Madureira, Manoel Urbano e Santa Rosa. Dentre todas essas conversas, publico hoje um trecho do longo depoimento que gravei com o velho cacique Francisco Lopes da Silva, o Pancho. Vale a pena ler com atenção o que ele conta sobre a história recente dos Kaxinawá do Purus e os desafios hoje enfrentados pelo seu povo Huni Kuĩ. Desafios estes que são os mesmos vivenciados por quase todas as populações indígenas do Acre.

A LUTA CONTINUA

Francisco Lopes da Silva Kaxinawá (Pancho)

Os cariús me chamam de Francisco Lopes da Silva, mas sou mais conhecido como Pancho. Meu nome Huni Kuĩ é Bixku. Sou Duabakê. Hoje é dia 15 de junho de 1997. Se encontram aqui na aldeia Novo Repouso a nossa amiga Bismani e nossos amigos Mashã e Pae. Estou satisfeito com essa visita. Vou aproveitar para mandar notícias do nosso povo Kaxinawá para os amigos da cidade saberem um pouco das nossas lutas passadas e dos desafios que estamos enfrentando hoje.

Foi muito grande a luta para garantir a demarcação da nossa terra. Lutei muito para ajudar a fundar a terra do Alto Purus. Hoje, estou velho e cansado. Estou com 59 anos. Assim mesmo, ainda estou lutando. Há 35 anos sou cacique. Só na luta pela terra já vão 18 anos. Como cacique, quero que o pessoal me escute e reconheça que eu sou um Huni Kuĩ do Alto Purus que sempre lutou por terra e trabalho, porque precisamos manter nossa família e nosso povo para criar nossos filhos e nossos netos. Daqui pra

rente, ainda falta muita coisa. A luta está em todo canto, no rio Envira, no Amazonas, no Alto Purus. Nosso trabalho nunca acaba e sempre continua.

O governo brasileiro tem que reconhecer e respeitar nosso trabalho. Há muito tempo, o governo queria demarcar nossa terra como colônia indígena. Nós não aceitamos, porque nunca fomos colonheiros. Exigimos a demarcação como terra indígena. Em 1996, ela foi demarcada. Daqui para frente, vão ter que respeitar, porque ela já foi demarcada, homologada e registrada em cartório. Com tudo isso, considero que já recebemos o título definitivo da terra. Então, não é possível que o governo não respeite. Ninguém podem mais invadir.

Hoje, estamos criando nossos filhos e nossos netos com muita dificuldade. Mais na frente, eles vão tomar conta desta luta, porque a luta sempre continua. Vou deixar só uma lembrança para eles. Amigos e entidades sempre me reconheceram. Lutei junto com eles, com a FUNAI, o CIMI, a CPI/AC e também com a UNI. As entidades que trabalham com os índios são de grande utilidade e nós Huni Kuĩ vamos continuar com nosso trabalho.

No dia a dia, estamos dando força. Se tiver algum problema com os parentes dos outros rios, de outros lugares, estamos prontos para botar força, ajudar, agir e defender. Por isso, meus companheiros, eu sou Huni Kuĩ, homem verdadeiro. O nosso povo de antigamente era Shanenawa. O pessoal diz que somos Kaxinawá. Kaxi é morcego. O pessoal colocou errado. Nós somos Huni Kuĩ puro, Shanenawa antigamente.

Novas aldeias e ocupação da terra

Durante muitos anos, moramos unidos na aldeia Fronteira. Depois passei com minha turma para o Caná Recreio. Ficaram duas aldeias Kaxinawá. Depois fui para a Nova Aliança. Passei para a Moema e da Moema fui para o Paumari. O Paumari fui eu que fundei e passei para os Jaminawa. Depois fundei a aldeia Novo Repouso, onde estou agora. Nos últimos anos, muitas aldeias novas foram fundadas aqui no Terra Indígena Alto Rio Purus. Foi fundada a aldeia Nova Vida pelo Américo e veio a Morada Nova, do Arlindo. Depois veio o Novo Lugar, o Novo Marinho, do Agenor, e os Dois Irmãos, do Francisco. Aumentaram as aldeias, porque tem muita gente e não pára de crescer.

O branco tem costume de morar na cidade, de formar muitas cidades. Em todo lugar do mundo tem muitos mercados, que funcionam vendendo alimentos. O dinheiro vale muito. Nosso dinheiro é buscar alimento e fazer plantio. Então, tem aldeia que não tem mais alcance, fica tudo longe. A terra nossa é grande. Por isso, estamos nos dividindo, para alcançar mais fartura. Aonde há muita gente, termina o peixe, termina a caça. Onde tem muita gente acaba a fartura, afasta muito a mata e os animais. Onde tem capoeira, passa 2 ou 3 anos e faz outra derrubada. Assim, a força da terra diminui e, quando é plantado de novo, já não dá mais como era de primeiro.

Não tem problema nenhum com a formação de novas aldeias. A terra é nossa e

.grande. Somos livres para mudar e não passamos dos limites da nossa terra, porque ali já tem os seringais dos brancos. A terra nossa tem que ser dividida pelos vários grupos. Aonde tem muita gente, termina a lenha, termina local para botar roçado, a mata acaba e a capoeira vinga. Por isso, nosso costume antigo é mudar para onde tem mata bruta. Na mata bruta, a gente faz a derrubada e a plantação fica uma beleza. Na mata bruta tem muita caça. O índio vê que dá resultado. Por isso muda muito. Agora não podemos mudar mais, porque estamos segurando essa parte de terra que nós temos.

Vamos continuar sempre em união, divididos somente para morar. Mas, na luta, estamos juntos, somos uma união, tanto Kulina como Kaxinawá e Jaminawa. Todo mundo resolve junto. E, quando está resolvido, ficamos em paz no nosso canto. A construção de nossas aldeias novas não é por causa de briga. Esse é costume de nossos antigos. Onde tem capoeira, não tem todas as caças, passa mais longe. Nos tempos antigos não tinha facilidade: não se criava galinha, porco, boi e nem carneiro. Agora mudou um pouco, mas índio gosta mesmo é de carne de caça.

Nossa mudança foi assim, mas estamos juntos para resolver qualquer problema. Como diz o ditado: “uma andorinha só, não faz verão”. Por isso, sempre vamos estar juntos para fazer verão.

Preservação dos recursos naturais

A luta continua. Mesmo ganhando um pedaço de chão, juntos com nossos parentes Jaminawa e Kulina, vamos continuar o nosso trabalho, botando roçado, plantando alguma coisa para nosso futuro. O documento nosso, o cemitério de nossos parentes, vamos continuar zelando.

Vamos continuar sempre ensinando nossos filhos como devemos continuar zelando. Na nossa terra, nesse pedacinho de mapa que nós temos, está proibido desmatar. Se desmatarmos toda a nossa terra, de onde vão vir os animais para comer? A mata e o lago são nosso mercado, de onde tiramos nosso sustento. Da nossa parte, é proibido desmatar. O branco já desmatou muito na Amazônia. Em outras regiões do Brasil não tem mais mata, não tem mais animais. Na nossa reserva, tem muitos animais para comer e madeiras para fazer canoas e nossas casas. Temos o suficiente. Mas, não é por isso que vamos desmatar. Se derrubar, a terra indígena vai virar sertão.

Nos cuidamos da nossa terra. Para segurar a terra, estamos impedindo a entrada de caçadores e de quem vem mariscar os nossos peixes. Isso é proibido. Branco não pode invadir nossa terra. Outro dia, veio meu parente Kulina da aldeia São Vicente reclamar de um cara que entrou no lago e pegou mais de 3 mil peixes. Eu perguntei: “Quem mandou?”. Ele respondeu: “Fui eu. O cara falou que ia pagar bem!”. O mariscador ficou de voltar em outubro. Se aparecer, vai ficar sem nada. Da nossa parte, vamos empatar. Não é a primeira vez que invadem o lago do índio. Eu já estou espalhando para todos meus parentes, isso é a minha força: “Não vamos deixar acabar com nossa fartura que é nosso futuro. Quem manda nesta terra é o índio”. Por isso é que eu digo que a luta

continua.

Se acontecerem invasões, vamos dar parte na FUNAI, CPI/AC, CIMI e UNI. Vamos mostrar qual é o direito do índio. De primeiro, em todo canto a terra era nossa. Depois ficamos sem terra, que foi invadida e tomada. O branco tomou tudo, inclusive com a ajuda do governo. Depois de tanta luta, conseguimos um pedaço de chão. Se esse chão está sendo invadido, então a nossa luta continua.

Educação, saúde e viveiros nas aldeias

Antigamente, ninguém aproveitava índio como professor, porque índio não tinha estudo. Meu avô, meu bisavô, meu pai, o estudo deles estava na cabeça. Agora mudou. Sem estudo ninguém aproveita muito coisa. O branco tem estudo para ensinar a sua família. Então, nós começamos a lutar para ganhar um professor e uma assessoria, para arrumar a profissão do índio mesmo. O cariú queria ensinar no início, mas nós não aceitamos. Lutamos para aprender entre nós mesmos. No tempo em que a CPI/AC começou a dar curso, nos demos muita força. Aqui, acolá, meus filhos aprenderam a ler e escrever e meus netos estão crescendo com esse saber. Eles estão aprendendo a língua portuguesa, porque precisam conversar com o branco, precisam ir à cidade quando há alguma necessidade.

Nesse sentido, os cursos que a CPI/AC tem dado na educação e na saúde são uma grande força para o nosso povo. A nossa situação de saúde e de educação já melhorou muito. Já não dependemos dos brancos em muita coisa. Estamos por conta própria. Índio ensina índio. Índio faz a prevenção e tratamento da saúde, só não cura doença grave. Nessa parte ainda dependemos dos brancos.

Na aldeia, uma parte do trabalho da saúde é com o conhecimento dos remédios do branco. Outra parte é o conhecimento dos índios com os remédios da mata. Eu tenho um pouco de conhecimento. Vou no mato e procuro o remédio, dou ajuda ao enfermeiro. Dessa maneira, estamos juntando as nossas forças. Não vamos deixar nossa cultura para entrar na outra. Mas, precisamos aprender do outro. Muito branco não entende a nossa língua. Precisamos aprender o português para conversar com eles. As nossas histórias de antigamente, a nossa língua, a nossa cultura, são muito importantes. Nós não queremos deixar. Assim asseguramos a nossa luta, o que é nosso, as nossas leis e o nosso saber.

Nós plantamos nossa macaxeira, milho, mudubim, banana, cará e as nossas batatas. Essa é a parte que está nas nossas mãos. A CPI/AC está apoiando o plantio de plantas frutíferas e todos achamos importante este trabalho. Essa é uma força que estão dando para nós, com o plantio de pupunha, buruti, biribá, cupuaçú e laranja. Precisamos de verduras também: cebola, maxixe, couve, cenoura. Precisamos plantar para aproveitar e inteirar a nossa plantação, inteirar a nossa cultura: a nossa mesmo e a do branco. Acho importante porque, no futuro, vai se criar uma mistura de sabor. Quem está acostumado a comer somente a banana e macaxeira, e não conhece os outros

sabores, vai aprender a comer, como aprendeu a comer com sal e outros tipos de alimentos.

Se plantamos agora as fruteiras, quando eu morrer, deixo uma herança para meus filhos e netos. Se a pessoa morrer não tem problema. Todo mundo vai morrer. Eu nasci para morrer. Somos vida material. Os que ficam vão segurar a terra. Nós não vamos sair daqui, porque não temos outra terra. Nossa terra é aqui. Por isso, é aqui que precisamos plantar.

Movimento Indígena

A maioria dos habitantes do município de Santa Rosa está na Terra Indígena Alto Rio Purus: os índios Kulina, Kaxinawá e Jaminawa. Queremos nos unir para formar uma organização igual à que tem em Rio Branco: a União das Nações Indígenas. Queremos formar esta coordenação para unir todos os parentes, para trabalhar com o artesanato, que já está se acabando, na produção de farinha, feijão e arroz para vender no município e comprar produtos que não produzimos e precisamos.

O pessoal de UNI não aparece por aqui. Por isso, convidamos todos os parentes e fizemos um abaixo assinado para criar uma coordenação em Santa Rosa. O prefeito e outras autoridades também assinaram. Essa coordenação é para atender nossos parentes, para trabalharmos juntos. Já lutamos muito e, às vezes, nossos parentes nem olham pra nós, nem a UNI. O pessoal não reconhece a nossa luta. Por isso é que reclamamos daqui do Alto Purus. Precisamos criar a nossa coordenação para ver se melhora a parte da saúde. Os Kaxinawá têm um bocado de entendimento. Os Kulinas não estão muito bem. O CIMI continua dando aula. Não sei o que está acontecendo. Parece que os parentes não estão se entendendo.

Então, precisamos trabalhar e ajudar, ensinar os nossos parentes que ainda não entenderam que já mudou alguma coisa. Temos que nos unir para informar, temos que nos unir para defender nossos direitos, temos que levar pra frente para sobreviver.

Entrevista de Dede Maia (1995) com Antonio Pinheiro atual morador da aldeia Nova Aliança

Onde o senhor nasceu?

Nasci no Purus mesmo. O meu pai me criou, no mato mesmo, no rio Curanja, na aldeia Balta no Peru. Quando eu nasci, meu pai me levou para o Envira.

Dedê: No tempo que o senhor nasceu, seu Antônio, lá em Balta, morava-se ainda em Kupixawa?

Antônio: Sim. Lá era brabo, no tempo que eu nasci não passava ninguém, nenhum branco, só Kupixawa, o meu pai me criou assim.

Dedê: Quem era o Xãñëibu, no tempo que o senhor nasceu?

Antônio: Era o pai do Leôncio. Era liderança puro. Eu não lembro o nome dele.

Dedê: O senhor lembra como era nesse tempo lá?

Antônio: Eu não lembro, pois o meu pai me levou, muito pequeno, para o Jordão.

Dedê: Então, o senhor se criou lá no Jordão?

Antônio: Não. Primeiro eu morava no Envira.

Dedê: O senhor nasceu em Balta e foi para o Envira? Com quantos anos mais ou menos?

Antônio: Com dez anos.

Dedê: Já entendia as coisas?

Antônio: Já entendia de tudo. Eu estava conhecendo o meu pai, a minha mãe eu não conheci.

Dedê: Qual era o nome do seu pai e da sua mãe?

Antônio: Manoel Pinheiro e Elegina.

Dedê: Eles eram também de Balta? Nasceram lá?

Antônio: Diz que nasceram lá nos Jaminawas.

Dedê: De lá, o senhor foi com a sua família para o Envira? Para que lugar?

Antônio: Eu fui para o seringal Simpatia, no tempo do Pedro Biló.

Dedê: Então, a sua família trabalhou toda, com o Pedro Biló? E como era este trabalho?

Antônio: Trabalhou. Eu trabalhei caçando, e ajudando a tirar borracha. Mas trabalhava de graça, porque eles não pagavam.

Dedê: Ele não pagava?

Antônio: Não. Ele dava uma caixa de fósforos, uma lata de farinha.

Dedê: Mas, dizem que a mulher dele, ajudava administrar os índios?

Antônio: Ela ajudava a mandar o pessoal ir lavar roupas, costurar roupas rasgadas.

Dedê: Ela ajudava vocês?

Antônio: Não. Ela ficava braba com a gente. Dizia que não queria índio, na casa dela.

Dedê: Ela era Branca?

Antônio: Era. O marido dela, só andava no mato, perseguindo índio brabo.

Dedê: Vocês ajudavam a fazer, estas caçadas também?

Antônio: Não. Nós ficávamos em casa. Ele dizia: Eu vou caçar. Passava, cinco semanas, e trazia índios brabos.

Dedê: Esses índios brabos, que ele pegava o que ele fazia?

Antônio: Ele mandava para baixo.

Dedê: Para quem?

Antônio: Para os brancos mesmo. Eles mataram muitos assim.

Dedê: O senhor ficou quanto tempo lá? O senhor mesmo trabalhou ou foi o seu pai?

Antônio: Eu trabalhei. Eu era pequeno, ajudava a moer cana na farinhada. Morei lá três anos. Chegaram os meus parentes, primo do meu pai. Naquele tempo, os Patrícios (peruanos), estavam tudo espalhado pelo mato, mas, de repente apareceram em tudo que foi lugar.

Dedê: Foi na época que o patrão peruano conhecido por Patrício morreu?

Antônio: O meu pai a onça o matou. Mais eles mataram a onça. Os parentes do meu pai foram nos buscar, e nos levaram para o Jordão. O Augusto, e o Zé que já , irmão do Augusto.

Dedê: Esse velho Augusto, também foi para o Jordão?

Antônio: Quem terminou de me criar, foi ele.

Dedê: Quer dizer, que, quando mataram o Patrício, o senhor estava no seringal Simpatia?

Antônio: Eu ainda não era nascido.

Dedê: Então, começaram a aparecer, as pessoas que desapareceram, naquele tempo?

Antônio: Começaram, se ajuntar de novo, e ficou só o pai do Felizardo.

Dedê: O senhor conheceu o Felizardo?

Antônio: Não, eu só ouvi falar.

Dedê: Quem era os parentes do Jordão, que vieram apanhar vocês?

Antônio: Eu não me lembro.

Dedê: Eles o levaram? Foi muita gente para o Jordão?

Antônio: Sim. Foi muita gente.

Dedê: O senhor lembra que ano foi esse, que o senhor foi para o Jordão?

Antônio: Foi em 1959. Foi muita gente mesmo. Quando nós chegamos lá, Muita gente voltou para traz de novo, para o Envira, mais de cem pessoas.

Dedê: O senhor ficou em que lugar, lá no Jordão?

Antônio: Eu fiquei no Fortaleza.

Dedê: Foi no último seringal que o senhor ficou?

Antônio: Não. Eu fiquei abaixo de Transoal.

Dedê: Então era o Seringal Revisão?

Antônio: Era. Quem me criou, foi o pai do "Dorneti". Eu comecei a matar peixe para comer, e depois eu comecei a cortar seringa.

Dedê: O senhor trabalhava para quem, cortando seringa?

Antônio: Para o João Sereno. Foi quem me criou também. Ele era o pai do Eliseu e do Paraíba.

Dedê: Nesta época o Paraíba, trabalhava para quem?

Antônio: Para ele mesmo, cortava seringa para ele. Os outros trabalhavam para branco.

Dedê: Quanto tempo o senhor passou lá no Jordão?

Antônio: Mais de vinte anos.

Dedê: Casou com quem lá?

Antônio: Com a mãe do Valdemar. A Maria Cacilda. Depois eu me ajuntei, com a dona Maria Domingos, a mãe do França, Francisco, Graça, as outras eu esqueci. Quando eu cheguei aqui, eu me separei e casei com outra.

Dedê: O senhor chegou ao rio Purus, em que ano?

Antônio: Em 1973.

Dedê: Mas o senhor, veio para cá mesmo, ou foi para o Peru?

Antônio: Para o Peru.

Dedê: Então, em 73, o senhor veio do Jordão? Veio muita gente de lá?

Antônio: Muita.

Dedê: O senhor lembra-se das pessoas que vieram?

Antônio: Muito pouco. O que eu lembrar, eu vou dizer: Eu vim com o meu cunhado, Sampaio da Silva casado com a minha irmã.

Dedê: O senhor veio só com o teus filhos, ou com a sua mulher também?

Antônio: Com os meus filhos, e a minha mulher também. Depois veio o seu João Moreira.

Dedê: Foi com seu Milton que vocês vieram?

Antônio: Foi. Depois, veio o Milton, mesmo, o meu irmão. Gente de lá do Jordão, foi só estes. Depois nós, juntamos no Envira com todo mundo.

Dedê: No Envira, o senhor se juntou com quem?

Antônio: Nós moramos no Samuel, que era liderança. Eu combinei com o meu parente: vamos voltar de novo, no Curanja as pessoas, estavam ganhando de graça, espingarda, motor e sem trabalhar! Ai o Augusto, chegou para nos buscar. O Pancho chegou, dizendo: Lá no Purus o pessoal estão ganhando espingarda, motor, vamos embora. Ficamos todos animados, e viemos embora.

Dedê: No Jordão, o senhor já estava sabendo, desta noticia, de que estavam dando motor no Peru?

Antônio: Já. Por isto que nós viemos. Já tinha ido um pessoal lá, e nos contaram. Estávamos preparados para voltar de novo. Quando chegou o Pancho, Augusto e Geraldo Pinheiro e terminaram de virar a nossas cabeças.

Dedê: Quem dava essas coisas?

Antônio: Não sei. Nós arrumamos 12 barcos, para subir. Mas o rio estava tão raso, que só subiram as bagagens dentro deles. Subimos do Envira até a cabeceira. Comemos muitos peixes, queixada e jabuti. Nós varamos na frente do Curanja, só um dia. Pois o Pancho foi buscar nós com o motor. Então descemos todo o tempo. Perdemos a nossa bagagem, onde estava a nossa comida, passamos fome. O Campeiro, Sinuca, Voraz, João Cabisam, Severino, Varado e muita gente ficaram no Envira. Fomos na frente.

Chegamos no rio Purus, baixamos e pegamos o motor, o rio estava baixo, acabou a nossa comida, quase perdi o meu filho de fome. Pegamos muitos peixes, aí nós tiramos palmito, nós misturamos, mas não deu certo de jeito nenhum.

Quando chegamos em Balta no Curanja tinha mais de mil pessoas. Do Jordão para Balta levamos treze dias de viagem. Quando chegamos em Balta, tinha muita gente, fizemos o Mariri. Juntou tudo de novo, para fazermos casa e roçado para morar.

Lá, se trocava motor, espingarda por couro de gato, onça. Assim que nós chegamos foi proibido. Fiquei arrependido, viemos de longe, mas não quis voltar.

Fiquei em Balta, três anos. Fui trabalhar no caucho, no município de Santa Rosa em 1979, fiquei dois anos.

O Pancho foi me buscar, para morar com ele na Fronteira, depois fomos morar na aldeia Cana Recreio, lá tinha na época umas 600 pessoas, depois passei a morar na Moema durante 3 anos, depois para a Nova aliança em 1994 até hoje.

Entrevista do Professor Gilberto Domingos (1999) com Mário Domingos liderança da aldeia Nova Fronteira.

Pai, conta pra nós como era a vida da família Domingos quando moravam no Rio Envira?

Mário Domingo: A luta de trabalho era com o corte da seringa. Quando comecei a entender as coisas já estava cortando seringa, desde menino.

Nós trabalhávamos no seringal Portoví na colocação Bananeira. A nossa atividade era cortar seringa. O seringal foi repassado para os Prados. O patrão ficou sendo o Dr. Rantizal. Era patrão dos dois seringais; o Portoví e o Califórnia. Nossa atividade só era a borracha, não tinha outra produção. Nesse seringal nós trabalhamos 30 anos. Cansados naquele lugar, onde havia nascido nosso tio Alberto nos tirou de lá em 1959. Fomos para o seringal Vila Alto, para trabalhar na colocação chamada Rafael, no igarapé Preto. Não tinha outra atividade, era tudo na seringa. O patrão só dava valor à borracha. A gente fazia a produção de lavoura branca, mas só para o consumo.

Como foi a luta pela demarcação da terra indígena?

A luta de demarcação da terra foi muito complicado. Eu comecei a lutar pela terra indígena, em 1981. Daí pra cá é que eu comecei a conhecer e a lutar por nossos direitos.

O chefe do posto da Funai, chamado Zé Luis chegou em 1980, ele me convidou e me incentivou à lutar pela terra. Mas como tinha pouco conhecimento, no início estranhei um pouco, nunca tinha andado na cidade. Viajamos pelo Rio Purus, no início fomos para Manoel Urbano e depois para Sena Madureira.

O Ze Luis me convidou para ir a Brasília falar com o presidente da Funai. Pegamos um avião de Manoel Urbano direto pra Rio Branco, isso foi em 1981.

Fui junto com seis lideranças, cada um de nós estava representando uma região. Tinha as lideranças de Tarauacá, tinha as lideranças de Boca do Acre, que eram os parentes Apurinã. Essas lideranças antigas eram todos conhecidos.

Quando chegamos em Brasília. Outros parentes nos falavam muito pra lutar por nossos direitos, fui tomando conhecimento, fui chegando mais perto e conhecendo nossa causa. Pra mim foi muito difícil, estava entrando na luta pela primeira vez pra adquirir nossa terra. Quando voltei, fiquei mais experiente para lutar por nossos direitos.

Como foi o inicio da demarcação da terra indígena Alto Rio Purus?

Em 1984, fizemos uma reunião entre os Huni Kuĩ e Madjá que foi muito válido, pois nós

conhecíamos os limites da terra, nós mesmos demarcamos a terra. Quando a Funai tomou conhecimento, vieram aqui, viram e disseram que a terra era de nosso direito. Reconheceram que tínhamos feito toda demarcação certinha e trouxeram e deram nosso documento. Eles sabiam da nossa capacidade de fazer a demarcação. Todo mundo ficou sabendo que a área era nossa.

Viajar para Brasília foi para pegar mais orientação do Presidente da Funai para a demarcação da terra, como era que funcionava e quando eles iam dar apoio para fazer demarcação. Todos nessa época estávamos apressando pra fazer a demarcação.

Vocês conseguiram a demarcação?

Olha pra conseguir não foi bem fácil, para chegar ao final da luta era a demarcação da terra. A gente viajou muito, participamos de várias reuniões em Brasília e em outros lugares.

E hoje, porque o senhor acha importante ter a terra demarcada?

Logo que conseguimos a terra, já tinha uma escola dentro da área, um posto de saúde, foi uma vantagem para o povo. Eu sabia que tinha muita coisa dentro dela pra gente sobreviver. Para fortalecer nossa cultura, antes o patrão não considerava o índio como índio, era caboclo. Eles diziam; caboclo não tem terra, caboclo não tem capacidade para ter escola. Então os brancos diziam isso. Hoje somos respeitados, temos uma escola reconhecida, nossos parentes são agentes de saúde, professores e agente agroflorestal.

Também a demarcação foi importante para a alimentação do nosso povo. Hoje temos

Posfácio

A elaboração do livro Huni Kuĩbu Hene Hubeya Nua Miyuki – História e Organização dos Huni Kuĩ do Alto Purus proporcionou momentos importantes de trabalho e de discussão sobre o registro das histórias contadas pelas mais velhas lideranças Huni Kuĩ. Os depoimentos preservam a história do Purus e contam desde a chegada das famílias huni kuĩ vindas dos rios Envira e Curanja, no Peru, e os diversos momentos vividos por essas famílias, desde 1910 até os dias atuais.

Estes depoimentos foram gravados e registrados durante as viagens de assessoria e as etapas do Curso de Magistério Indígena promovido pela Comissão Pro Índio do Acre (CPI/AC), por meio do Programa de Educação Indígena “Uma experiência de Autoria”, que consolidou a área de “pesquisa indígena” como um espaço de interação entre as diversas áreas curriculares do conhecimento e um facilitador na capacitação dos professores indígenas. A ‘pesquisa indígena’ foi iniciada através da sistematização do conhecimento produzido pelos professores ao longo do curso de magistério indígena, cujo propósito sempre foi o protagonismo indígena na construção da própria história.

O livro Huni Kuĩbu Hene Hubeya Nua Miyuki teve início em 1995 quando fiz a primeira viagem de assessoria à Terra Indígena Alto Rio Purus. Uma das atividades da assessoria pedagógica era elaborar com os professores Huni Kuĩ um roteiro na área de história, com temas de seu interesse, e ir em busca de pessoas que tivessem esses conhecimentos e que se dispusessem a trabalhar com os mais jovens. Logo encontraram pessoas interessadas em contar suas próprias histórias e, após diversas conversas com os mais velhos, começaram a registrar as informações, ora nos cadernos de pesquisa e diários, ora em seus pequenos gravadores de fita cassete. Esta é a origem dos textos aqui apresentados.

Em 1998 ministrei uma oficina de história na aldeia Nova Aliança, com a participação de professores, alunos e outros integrantes das comunidades. Neste momento o primeiro formato do livro foi desenhado. Em 2003, durante a viagem do assessor Gleyson de Araújo Teixeira, foi realizada uma segunda oficina para a revisão e ampliação dos conteúdos. Outra etapa da pesquisa para elaboração do livro consistiu na leitura e seleção de trechos de outros documentos, tais como relatórios de viagens de assessoria da CPI/AC, relatório do processo de demarcação da terra indígena, relatórios

Ao longo deste percurso, a pesquisa e as leituras iam e voltavam. O livro reflete as mudanças no seu processo de construção e as mudanças pelas quais o povo Huni Kuĩ do Purus vem passando, como as constantes idas e vindas das famílias, o surgimento de novas aldeias, as mudanças das aldeias para outros locais, as mudanças nos contextos históricos, políticos, ambientais e socioeconômicos pelos quais o Acre vem passando.

Desde o início da pesquisa e da elaboração do livro, muita coisa mudou, muitos autores narradores dessa história já fizeram a sua passagem. Pessoas que foram muito importantes na luta pelos direitos e na demarcação da terra indígena, pessoas que trabalharam na reorganização das aldeias após a libertação do patrão seringalista,

pessoas que trabalharam na revitalização e fortalecimento do conhecimento huni kuĩ. Hoje, muitos jovens tornaram-se lideranças e dão continuidade ao trabalho de seus pais e avôs. Por isso a importância da finalização deste livro com o registro das memórias aqui contadas e o compromisso da CPI/AC em devolver aos Huni Kuĩ do Alto Purus esses registros por muito tempo (res)guardados.

Em maio de 2012 ocorreu a terceira oficina, ministrada pela antropóloga Ingrid Weber, com a participação de quatro Huni Kuĩ – Adalberto Domingos Maru, Antônio Napoleão Bardales Sebidua, Francisco das Chagas Domingos da Silva, Francisco Pereira de Aguiar Bina – que foram os responsáveis pela finalização do livro. A maior parte dos textos foi mantida e diversos novos textos foram escritos conforme a história vivida atualmente.

O nome 'Kaxinawá' foi substituído por 'Huni Kuĩ' que em língua portuguesa significa “Gente verdadeira”, como se autodenominam e como querem ser chamados. Este movimento político e cultural teve início em 2000 quando os professores huni kuĩ decidiram usar o nome correto em todas as suas publicações.

A edição em língua portuguesa neste primeiro momento foi discutida com os professores. Além do próprio registro, é a sua divulgação junto a outros povos indígenas e não indígenas. A Comissão Pró Índio do Acre no seu compromisso de apoiar a permanência e fortalecimento das línguas indígenas assume o compromisso de uma próxima edição em hatxa kuĩ.

A realização deste livro foi possível graças à vontade e trabalho de todos os professores huni kuĩ do Alto Purus e de duas lideranças que muito nos motivaram: Mário Domingos e o já falecido Francisco Lopes, mais conhecido como Pancho. A sua publicação contou com o apoio do Ministério da Educação através da Universidade Federal de Minas Gerais.

Malu Ochoa

Bibliografia

COMISSÃO PRÓ - ÍNDIO DO ACRE. Ochoa, Maria Luiza Pinedo. Relatório de assessoria a T.I.Alto Purus: julho de 1997

_____. Ochoa, Maria Luiza Pinedo. Relatório de assessoria a T.I.Alto Purus: maio de 1998

_____. Maia, Djacira. Relatório de assessoria a Terra Indígena do Alto Rio Purus: 1996

_____. Dias, Adriano. Relatório da I Oficina Itinerante da Terra Indígena do Alto Rio Purus: 2004

Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Povos Indígenas do Brasil – serie Aconteceu Especial 15: 1984

IGLESIAS, Marcelo Piedrafita. “Um breve olhar sobre a participação indígena nas eleições municipais de 2004 no Estado do Acre”. Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2004.

Organização dos Professores Indígenas do Acre. “SHENIPABU MIYUI – História dos Antigos”. Belo Horizonte: Editoria UFMG: 2000